



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

**FRANCISCO DE ASSIS MENDES**

**O BARRO DE CADA DIA: OLEIROS E OPERÁRIOS DA  
ATIVIDADE CERAMISTA NO DISTRITO DE FLORES, CE.**

**1981 - 1990**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2012**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

FRANCISCO DE ASSIS MENDES

O BARRO DE CADA DIA: OLEIROS E OPERÁRIOS DA  
ATIVIDADE CERAMISTA NO DISTRITO DE FLORES, CE. 1981  
– 1990.

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de mestre em História.

Área de Concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior.

FORTALEZA – CEARÁ  
2012

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Universidade Estadual do Ceará**  
**Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho**

M538b      Mendes, Francisco de Assis  
              O barro de cada dia: oleiros e operários da atividade ceramista no Distrito de Flores, CE 1981-1990 / Francisco de Assis Mendes. — 2012.  
              116 f. : il. color. enc. ; 30 cm.

              Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em História, Fortaleza, 2012.  
              Área de Concentração: História e Culturas.  
              Orientação: Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior.

              1. Artesão – Distrito de Flores (CE). 2. Ceramista – Atividade – Distrito de Flores (CE). 3. Oleiros – Distrito de Flores (CE). 4. Trabalho – artesão – Distrito de Flores (CE). 5. Sociabilidade – Distrito de Flores (CE). Meio ambiente – Distrito de Flores (CE). I. Título.

CDD: 745

FRANCISCO DE ASSIS MENDES

O BARRO DE CADA DIA: OLEIROS E OPERÁRIOS DA ATIVIDADE  
CERAMISTA NO DISTRITO DE FLORES, CE. 1981 – 1990.

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Acadêmico em História e culturas do Centro de humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

Área de Concentração: História e culturas.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior (Orientador)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

---

Prof. Dr. José Olivenor Sousa Chaves  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

---

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes  
Universidade Federal do Ceará – UFC

À minha mãe, pelo exemplo de amor e perseverança.

À minha esposa, porque me contagia com sua luz e com seu abraço tanto me conforta.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao concluir um trabalho, é hora de tentar expressar a gratidão e respeito por todos que, de várias formas e em várias situações, contribuíram durante a caminhada, deixando, também, as suas marcas.

À minha esposa Silvânia, por sonhar junto comigo, pelo carinho e compreensão diante dos sacrifícios.

Aos meus filhos Patrick e Kauan, pelas alegrias que me trazem. Sou feliz por tê-los em minha vida.

À minha mãe Alzira, pelo amor e pelos primeiros ensinamentos.

Aos meus irmãos e irmãs. Pelo incentivo e apoio que sempre deram, me ajudando a seguir em frente.

Ao meu orientador, Professor Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior. Pela confiança, deixando que eu desenhasse os rumos desse trabalho. Como um farol na praia, sem ofuscar nem me deixar no escuro.

Ao Professor Olivenor Chaves e à Professora Francisca Nogueira, pelas orientações que fizeram alargar os horizontes de possibilidades.

Aos professores da FAFIDAM, João Rameres e Lucia Helena, pelas conversas que me auxiliaram na construção do projeto inicial desta pesquisa.

Ao professor Francisco Antônio – Chiquinho – por me incentivar, sempre.

À amiga Gláubia pelas contribuições dadas. É gratificante saber que tenho você na minha torcida. Salve, salve, Gláubia.

Aos colegas da turma do Mestrado Acadêmico em História da UECE – MAHIS. Pelas contribuições e pela amizade sincera que ficou.

À Antônia Alves – Toinha –, pelo acolhimento e cuidado maternal dispensado durante minha permanência em Fortaleza, no decorrer do curso.

A FUNCAP, pelo apoio financeiro necessário para me fazer seguir adiante como estudante, esposo e pai.

*Aos meus entrevistados. Para além das narrativas fornecidas, me ajudando a encontrar respostas e dar corpo a esse trabalho, o contato com eles me proporcionou lições de vida. Meu respeito e agradecimentos.*

“Sei furar e limpar uma marimba  
Pra no mato encher de mel de abelha  
Tiro couro de cabra e de ovelha  
Porque em cima da terra eu tudo faço  
Cavo barro, aguo, piso e amasso  
Depois faço tijolo e faço telha.”

*José Ayres (poeta russo)*



## RESUMO

Esta dissertação é o resultado de estudo sobre a *atividade ceramista*, forma de trabalho desenvolvida com grande recorrência no distrito de Flores, Ceará, que consiste na transformação do barro em peças cerâmicas, principalmente, telhas e tijolos. O distrito de Flores representa o recorte espacial do estudo que tem como recorte temporal o período de 1981 a 1990. Nesse intervalo, a *atividade ceramista* que era inicialmente desenvolvida na forma manufaturada pelos oleiros, incorporou a mecanização e o modelo fabril na sua forma de produção. O objetivo da pesquisa foi traçar um itinerário dessa atividade, analisando os fatores que propiciaram seu desenvolvimento, as transformações na forma de produzir cerâmica, nas relações sociais envolvendo trabalhadores e moradores de Flores, e na relação do indivíduo com a natureza. Somadas a algumas fontes escritas, as fontes orais representaram o principal recurso na busca de informações sobre a problemática de estudo. Ficou demonstrado que, diante do surgimento das fábricas, duas formas de produzir cerâmica: manufaturada e mecanizada, passaram a coexistir. Nesse processo, muito do saber e das técnicas dos antigos oleiros foram incorporadas no modelo de produção das fábricas. Foi constatado que a *atividade ceramista* teve grande influência no crescimento populacional do distrito de Flores na década de 1980, e que o senso comum presente na coletividade do distrito de Flores, atribui a *atividade ceramista*, exclusivamente fatores de desenvolvimento, como geração de emprego e riquezas materiais. No entanto, analisando as nuances desse desenvolvimento, foram revelados prejuízos sócio ambientais que necessitam ser considerados.

*Palavras-chave:* Atividade ceramista. Trabalho. Sociabilidade. Meio ambiente.

## ABSTRACT

This essay is a result about The Potteries Activity, a kind of work eventually developed in the district of Flores, Ceará, which consists in changing the clay into pieces of pottery, especially tiles and bricks. The district of Flores represents the area where this study was consolidated during the time which comprehends the period from 1981 to 1990. During this period, The Potteries Activity which was first developed in a handmade way for the potters, incorporated the mechanical pattern in their production. The main goal of this research was to describe the itinerary related to this activity mentioned, analyzing the factors responsible for its development, all the changing in the way to produce ceramics, the social relationships involving workers and all the residents of Flores, and the relationship between these individuals and nature. Added to some written sources, the oral ones represent the main source in the research about information related to the study and its problematic. It was obvious that, in the face of the creation of factories, two ways of producing ceramics: manufactured and handed, started to interact. In this process, so much of the knowledge and techniques of the old potters, were inserted in the pattern of production of the factories. It was noticed that the Potters Activity, had great influence in the increase of the population in the district oh Flores in the 1980`s, and the common sense in the coletivity of the district of Flores, is related to the Potters Activity, especially, factors of development such as jog creation and material wealth. Though, analyzing the details of this development, were revealed social and environmental damages that need to be considered.

Key Words: Potteries Activity. Work. Sociability. Environment.

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1** – Informações sobre o ano de construção das fábricas de cerâmica do distrito de Flores. 59.

**Tabela 2** – Dados populacionais da cidade de Russas (geral) e distrito de Flores. 72.

**Tabela 3** – Dados populacionais da cidade de Russas e municípios circunvizinhos. Censos de do IBGE, 1980 e 1991. 73.

**Tabela 4** – Dados populacionais dos distritos do Município de Russas. Censos do IBGE, 1980 e 1991. 74.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Tijolos tradicionais ou tijolo *corrido*. O de tamanho maior é o mais antigo. O da direita, com tamanho menor é de fabricação recente. 30.

**Figura 2:** Oleiro utilizando os dedos polegares para cortar o barro e pegar, com as mãos, o “bolão” que vai utilizar. 32.

**Figura 3:** Tijolos secando no campo. 37.

**Figura 4:** Oleiro utilizando os pés para amassar o barro. 39.

**Figura 5:** Tijolo tipo cunha usado em estruturas arredondadas como os antigos cacimbões e as chaminés das fábricas de cerâmica. 49.

**Figura 6:** Máquina extrusora usada no processo de fabricação de peças cerâmicas. 53.

**Figura 7:** Lote de grades com telhas saídas da produção. 58.

**Figura 8:** Operário mostrando a mão esquerda com amputação do dedo mínimo, resultado do acidente ocorrido no ano de 1985. 82.

**Figura 9:** Oleiro segurando a grade que dá o formato ao tijolo. A palheta no chão é utilizada para retirar o excesso de barro na parte de cima da grade. 86.

**Figura 10:** Tijolo *corrido* produzido pelos oleiros e tijolo com furos produzido nas fábricas. 86.

**Figura 11:** Fornos de uma fábrica de cerâmica com suas chaminés. 87.

**Figura 12:** Oleiro preparando o barro na base do amontoado feito pela máquina. 88.

**Figura 13:** Lixão de Flores. Os Resíduos são depositados nos buracos resultantes da extração de argila utilizada nas *cerâmicas*. 92.

**Figura 14:** Terreno ao lado da olaria do Sr. Eliezer, de onde o mesmo retira o barro para produzir tijolo. 94.

**Figura 15:** Em primeiro plano; área explorada. Ao fundo, fábricas de cerâmica. 101.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas

**APP** – Área de Proteção Permanente

**ASTERUSSAS** – Associação dos Fabricantes de Telhas do Município de Russas

**CEART** – Centro de Artesanato do Ceará

**CENTEC** – Centros de Ensino Tecnológico

**CNI** – Confederação Nacional da Indústria

**COOBAM** – Cooperativa de Base mineral de Russas e do Vale Jaguaribano

**CODEMAF** – Comitê de Defesa do Meio Ambiente de Flores

**EMBRAPA** – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

**FIEC** – Federação das Indústrias do Estado do Ceará

**GPS** – Global Positioning System

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**PDP** – Plano Diretor Participativo

**PIMN** – Perímetro Irrigado de Morada Nova

**PROCOMPI** – Programa de Apoio à competitividade das micro e pequenas indústrias

**PROMOVALE** – Programa de Valorização Rural do Baixo e Médio Jaguaribe

**SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

**SENAI** – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

**SESI** – Serviço Social da indústria

**SUCAM** – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

**TAC** – Termo de Ajustamento de Conduta

## SUMÁRIO

|                                                                                                       |                |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| <b>LISTA DE TABELAS.....</b>                                                                          | <b>10</b>      |
| <b>LISTA DE FIGURAS.....</b>                                                                          | <b>11</b>      |
| <b>LISTA DE ABREVIATURAS.....</b>                                                                     | <b>12</b>      |
| <br><b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                            | <br><b>14</b>  |
| <br><b>CAPÍTULO 1 – TRABALHO E NATUREZA NO COTIDIANO DO CAMPONES... 25</b>                            |                |
| 1.1 – Moldando com as mãos: A produção do artesanato utilitário.....                                  | 27             |
| 1.2 - O ciclo anual: alternância entre olaria e agricultura.....                                      | 34             |
| 1.3 - Trabalho e festa: os mutirões na queima da grelha.....                                          | 42             |
| <br><b>CAPÍTULO 02: O ADVENTO DAS FÁBRICAS: O PROCESSO DE MECANIZAÇÃO DA ATIVIDADE CERAMISTA.....</b> | <br><b>52</b>  |
| 2.1 – A arte de “se virar”: a falta de recursos como motor da inventividade.....                      | 53             |
| 2.2 – Fatores propiciadores ao desenvolvimento da <i>atividade ceramista</i> .....                    | 62             |
| 2.3 – Novas tecnologias, técnicas antigas: o lugar do oleiro na fábrica.....                          | 65             |
| 2.4 – <i>Atividade ceramista</i> , crescimento populacional e urbanização.....                        | 72             |
| 2.5 - Paternalismo e exploração: as relações de trabalho nas <i>cerâmicas</i> .....                   | 78             |
| <br><b>CAPÍTULO 3 - CONTINUIDADES E RUPTURAS NA COEXISTÊNCIA DE OLARIAS E FÁBRICAS.....</b>           | <br><b>84</b>  |
| 3.1 – Necessidades mútuas: relações entre <i>ceramistas</i> e oleiros.....                            | 84             |
| 3.2 – Um conflito: exploração e/ou preservação do meio ambiente.....                                  | 90             |
| 3.3 – Uma necessidade: considerar o desenvolvimento e suas nuances.....                               | 98             |
| <br><b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                  | <br><b>105</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                | <b>108</b>     |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                                                    | <b>113</b>     |

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a *atividade ceramista*,<sup>1</sup> forma de trabalho que utiliza o barro como matéria-prima, tradicionalmente desenvolvida no distrito de Flores, Município de Russas, Ceará.

No espaço que compreende o distrito de Flores, essa atividade percorreu uma trajetória que pode ser assim descrita: com pouca frequência, o barro foi utilizado por artesãos na confecção de utensílios domésticos. Por outro lado, com grande recorrência, oleiros passaram a utilizar o barro na produção manufaturada de telhas e tijolos. A partir da década de 1980 surgiram as fábricas, onde essas peças de cerâmica passaram a ser produzidas por processo mecanizado. Mais conhecidas na região como *cerâmicas*, as fábricas passaram a produzir em larga escala e geraram mudanças nas relações de trabalho. Nesse período a *atividade ceramista* teve sua dinâmica profundamente alterada.

No entanto, o surgimento das *cerâmicas*, mesmo representando uma modernização da atividade, não causou a extinção do antigo modelo. Oleiros continuaram produzindo telhas e tijolos de forma manufaturada, mesmo depois que as *cerâmicas* foram instaladas e a produção, agora mecanizada, passou a ser feita pelos *peões de cerâmica*<sup>2</sup>. Assim, na localidade de Flores duas formas de produção de cerâmica passaram a coexistir.

Os trabalhadores do barro, compreendidos pelos oleiros e operários das *cerâmicas*, são os sujeitos dessa pesquisa. Estes possuem um saber e técnicas que utilizam na moldagem e queima da argila, permitindo transformá-la em telhas, tijolos e outros produtos cerâmicos.

Criado em 22 de novembro de 1951, Flores é um dos cinco distritos que compõem politicamente o Município de Russas, e também o mais populoso com 9.403 habitantes.<sup>3</sup> Localizado a 180 km da capital cearense – Fortaleza, cortado pelo rio Jaguaribe, limita-se a leste com o Município de Quixeré e a sul com Limoeiro do Norte. A BR 116 está 4 km a oeste com acesso asfaltado que liga essa via federal até Flores. Aqueles que se aproximam do

---

<sup>1</sup> Utilizarei a forma em itálico sempre que as palavras fizerem referência às categorias nativas.

<sup>2</sup> Peões de cerâmica é a forma como costumeiramente são chamados os trabalhadores das fábricas de cerâmica.

<sup>3</sup> Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo Demográfico**, 2010.

distrito por esse acesso, passam por uma área elevada de onde podem constatar a existência das várias chaminés se destacando no panorama da localidade.

Embora estejam constantemente expelindo fumaça, resultado da queima de lenha durante o cozimento do produto cerâmico, ao olhar desatento, as chaminés das fábricas são naturalizadas e confundem-se com a paisagem do rio Jaguaribe que “teimoso” ainda corre pelo vale. Esta paisagem é composta pelas oiticicas, que constituem a mata ciliar e demarcam o leito do rio, e por espécies já escassas, como juazeiros (*Ziziphus joazeiro*), umbuzeiros (*Spondias tuberosa*), canafístulas (*Peltofhorum dubium*) e timbaúbas (*Enterolobium contortisiliquum*). Distanciando o olhar na direção das áreas de várzea, estão os carnaubais<sup>4</sup> que junto às espécies citadas, ainda resistem à crescente urbanização.

Estes lugares fizeram parte de experiências vividas durante minha infância e adolescência. Acompanhando meu pai no plantio das vazantes, minha mãe quando nas lavagens de roupa, fui apresentado ao Jaguaribe. Nas pescarias de anzol ou mergulhando nas águas claras e correntes, usufruí de um rio que não mais existe, pois foi modificado pelas intervenções humanas.

No início da década de 1980, nas olarias onde trabalhavam meus irmãos mais velhos, conheci as etapas de produção manufaturada de tijolos. Geralmente, situados em áreas de várzea, foi nestes locais que algumas vezes auxiliei em tarefas como *apapar*<sup>5</sup> o tijolo e tive contato com o clima de trabalho e festa que se manifestava durante as queimas das *grelhas*,<sup>6</sup> pelo menos até onde o cansaço e o sono me permitiam.

No ano de 1981 foi construída a primeira fábrica de cerâmica em Flores pelo Sr. José Obedes e pelo Sr. José de Fátima. Trabalhei nessa fábrica no período de 1984 a 1990. Portanto, a experiência própria me proporcionou conhecer a fundo o trabalho fabril, a rotina, as funções, o surgimento de equipamentos e de uma hierarquia ainda incipiente, mas que se expressava nas figuras dos peões, gerentes e patrões.

Inquietava-me o fato de estar inserido numa rotina de trabalho que apresentava poucas perspectivas, pois já havia percebido que o mundo tinha mais a oferecer. O gosto pelo *Kung Fu* chinês me motivou a diversas leituras de livros, comprados pelo correio, que proporcionaram conhecimentos sobre a filosofia oriental, sobre costumes e valores bem diferentes daqueles com os quais eu tinha contato até então.

---

<sup>4</sup> Os carnaubais são áreas mais distantes do rio, onde a vegetação predominante é composta pela carnaúba.

<sup>5</sup> Antes que o tijolo secasse por completo, uma pequena faca era utilizada para retirar sobras de barro.

<sup>6</sup> Grelha é o nome dado às estruturas formadas quando os tijolos eram arrumados para queima.



Nasci e morei em Flores até os vinte anos de idade. No ano de 1991 ingressei na Marinha, no Corpo de Fuzileiros Navais, no qual permaneci por quase cinco anos, morando nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro. Depois de deixar as Forças Armadas, trabalhei durante quatro anos em Maceió, Alagoas. Mesmo durante esse período de quase dez anos morando distante, visitava periodicamente o distrito de Flores, o que me permitiu notar que as transformações iniciadas de forma mais brusca na década de 1980, com a chegada das fábricas de cerâmica, continuaram a transcorrer na minha terra natal e na vida daqueles que ali viviam, como meus antigos companheiros de trabalho, em que a maioria, assim como eu, havia buscado outras ocupações.

Essas experiências me ajudaram a perceber que, dependendo do lugar e das pessoas, costumes e eventos se apresentam em tempos distintos e em maior ou menor proporção. Observei que vários processos se desenrolam mundo afora e que o distrito de Flores não está isento dessa dinâmica. Adquiri a capacidade de estranhamento, de enxergar o mundo como um texto. A capacidade de problematizar e buscar respostas foram aperfeiçoados quando ingressei no curso de História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM, de Limoeiro do Norte, após haver retornado para Flores no ano de 2000.

O olhar mais atento me permitiu notar que a *atividade ceramista* havia se tornado o principal fator motivador de transformações na vida coletiva. Era necessário entender como esse processo havia ocorrido e quem eram seus atores. Movido pela noção de que o conhecimento deve ter um fim prático, e ainda, como integrante de movimento de defesa do meio ambiente,<sup>7</sup> objetivei elaborar registros para posteridade sobre tal processo e seus impactos. Assim, a *atividade ceramista* passou a representar o pano de fundo dessa pesquisa que tem por objetivo final compreender as transformações a partir das experiências de trabalhadores que usam o barro como matéria-prima.

No decorrer da pesquisa, mapeei 19 fábricas de cerâmica em funcionamento no distrito de Flores. Esse número corresponde aproximadamente a 20% do total de fábricas existentes no município de Russas que contabiliza 96 *cerâmicas* com registro na prefeitura.<sup>8</sup> Essa proporção elevada explica porque alguns se referem a Flores como “a terra da telha”.

---

<sup>7</sup> O Comitê de Defesa do Meio Ambiente de Flores – CODEMAF foi criado por iniciativa minha em junho de 2009. Atualmente, ocupo a função de Secretário administrativo. Desde a criação do grupo, diversas ações já foram empreendidas. A mais recente tem por objetivo implantar um Programa de Coleta Seletiva no distrito de Flores.

<sup>8</sup> **Relatório** da Coordenadoria de Meio ambiente do município de Russas, março de 2010. Entre outras informações este relatório informa que 96 cerâmicas possuem alvará de funcionamento fornecido pela prefeitura, este, portanto é o número oficial de fábricas em funcionamento no município. Russas é o município onde a

O ano de 1981, quando foi construída a primeira fábrica, é o marco inicial dessa pesquisa, que se estende até 1990, quando se consolidaram as mudanças a serem aqui analisadas: crescimento da atividade com a construção da maioria das fábricas existentes, aprimoramento do maquinário utilizado, consolidação desta atividade como base econômica da localidade e elevação da taxa de crescimento populacional no distrito de Flores. No entanto, em muitos aspectos se fez necessário romper esses marcos temporais, sobretudo, quando me remeto ao trabalho nas olarias em períodos anteriores ao ano de 1981, ou quando trato de questões ambientais no contexto após o ano de 1990.

O enfoque principal da pesquisa foi o processo de surgimento das fábricas com todas as transformações que esse novo modelo de produção trouxe à *atividade ceramista*, ao cotidiano de trabalho, às formas de relacionamento entre esses trabalhadores e entre moradores da localidade de Flores. Compreender porque o aparecimento das fábricas, com sistema modernizado e produção muito superior à das olarias, não foi capaz de decretar o desaparecimento do primeiro modelo; investigar como se deu a coexistência dessas duas formas de produção passou a constituir uma das questões centrais nas minhas reflexões enquanto pesquisador.

Elegendo a *atividade ceramista* como problemática central, tentei identificar os fatores que propiciaram o desenvolvimento desta atividade; busquei compreender como se deu o contato de antigos camponeses e oleiros com o universo de trabalho fabril. Nesse sentido, um dos aspectos analisados foi o processo de inserção de oleiros nas fábricas, observando como se deu incorporação do saber e técnicas tradicionais numa nova lógica de produção. A análise ainda se estendeu às transformações no espaço geográfico de Flores, geradas pela implantação das fábricas e pelo crescimento populacional que acelerou a urbanização na década de 1980. Esse fato foi motivado pelo grande número de migrantes atraídos por oportunidades de trabalho, direta ou indiretamente ligadas à *atividade ceramista*.

Na busca de compreender tais questões foram utilizadas fontes escritas como o Plano Diretor Participativo – PDP do município de Russas, que apresenta os resultados da leitura técnica sobre a realidade do município. Embora seja um documento que procura traçar diretrizes para o município, seu próprio texto esclarece: “o presente trabalho, que traduz a ‘Caracterização Geral do Município de Russas’, corresponde à primeira etapa do Plano

Diretor Participativo deste Município”<sup>9</sup>. As informações expostas traduzem o olhar e preocupação do Poder público sobre aspectos como crescimento e dinâmica populacional, economia, ações impactantes sobre o meio natural. Um relatório de março de 2010, da Coordenadoria de Meio Ambiente do Município de Russas também forneceu informações importantes, por exemplo, o número de fábricas em funcionamento e suas localizações.

A revista do Programa de Apoio à competitividade das micro e pequenas indústrias – PROCOMPI,<sup>10</sup> também serviu como fonte. Principalmente, dois artigos dessa publicação são importantes pelas informações que fornecem sobre questões levantadas pela pesquisa. O artigo “Queima da cerâmica vermelha”, chama a atenção para técnicas de queima dos produtos cerâmicos que proporcionam redução no consumo de lenha e no nível de poluição. Outro texto intitulado “Melhorias mecânicas” fornece uma descrição do maquinário utilizado nas fábricas de Cerâmica de Russas, auxiliando na compreensão das mudanças trazidas pelas fábricas em relação às olarias e ainda como se dão as etapas do processo de produção mecanizado com a divisão de tarefas que marca esse processo. Os artigos citados trazem informações técnicas consideradas pertinentes à presente pesquisa por fornecerem subsídios para melhor conhecer os equipamentos da fábrica, a rotina de trabalho e funções desempenhadas pelos operários das fábricas de cerâmica.

Produzida com suporte do Governo Federal, do Governo do Estado do Ceará, do SEBRAE, da CNI, do CENTEC, do Banco do Nordeste, da Associação dos Fabricantes de Telhas de Russas – ASTERRUSSAS, além da FIEC, SESI e SENAI,<sup>11</sup> a revista possui um conteúdo que se constitui num suporte técnico para melhoria da cadeia produtiva da atividade ceramista. Ao mesmo tempo, esta fonte comprova que a *atividade ceramista* representa um importante setor produtivo, sendo motivo de atenção por parte do Poder Público e de órgãos ligados ao desenvolvimento da indústria e comércio, a ponto de fomentarem a produção da revista.

Outras fontes escritas são os censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. As informações contidas nos censos são importantes por fornecerem o número de habitantes dos municípios e seus distritos. Assim, são relevantes as

---

<sup>9</sup> **Plano Diretor Participativo:** Relatório da leitura técnica da realidade do município. Prefeitura do Município de Russas, 2008. p. 06.

<sup>10</sup> Vários autores. **Arranjo produtivo local:** Cerâmicas de Russas. Impresso na gráfica do Banco do Nordeste. Dezembro de 2005.

<sup>11</sup> Sobre as siglas citadas: SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas; CNI – Confederação Nacional da Indústria; CENTEC – Centros de Ensino Tecnológico; FIEC – Federação das Indústrias do Estado do Ceará; SESI – Serviço Social da indústria; SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

informações referentes à década de 1980, por possibilitarem estabelecer uma relação entre dinâmica populacional e o desenvolvimento da *atividade ceramista* no período de delimitação temporal desta pesquisa.

No entanto, para uma melhor fundamentação da relação população-*atividade ceramista*, foram analisados os números da década de 1980 – censos de 1980 e 1991 - e os números dos censos anteriores e posteriores. Esse recurso metodológico permitiu a análise do período em estudo inserido numa linha cronológica mais longa. Fiz comparações entre o número de habitantes dos distritos de Russas; entre Flores e o município de Russas como todo; e ainda, os números de Flores com municípios circunvizinhos, onde essa atividade não se apresentou com proporção considerável.

A não existência de Sindicatos, Associações, Cooperativas ou outras instituições formadas pelos trabalhadores do barro, explica a escassez de registros escritos sobre a atividade. Buscando compensar essa carência, elaborei questionários para coletar informações sobre a *atividade ceramista* e sobre os envolvidos neste setor: oleiros, operários e proprietários de fábricas no período aqui delimitado; de 1981 a 1990. Três questionários distintos foram aplicados: o primeiro procurou colher informações sobre o trabalho e os trabalhadores das olarias; o segundo sobre as fábricas de cerâmica e proprietários e o último, sobre os operários. As principais informações colhidas abrangiam idade, níveis de escolaridade, local de morada ou, no caso dos migrantes, lugar onde viviam antes de virem para Flores.

No entanto, a oralidade se constituiu na principal fonte de pesquisa utilizada. Os fatos vivenciados nas olarias e nas primeiras fábricas construídas no início da década de 1980 se mantêm vivos nas memórias daqueles que, nesses contextos, trabalharam como oleiros ou como peões, estando hoje, entre os moradores mais antigos de Flores. É a oralidade que permite investigar minha problemática a partir da memória dos próprios sujeitos que a vivenciaram. É na narrativa destes que encontro uma interpretação dos fatos fundamentados em significados e sentidos construídos a partir de suas próprias experiências. Em suma, a partir de representações sociais,<sup>12</sup> procurei desvendar as significações atribuídas aos fatos vivenciados pelos sujeitos da pesquisa, expostas em suas narrativas.

---

<sup>12</sup> MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003. Para esse autor os indivíduos reproduzem ou reelaboram os significados recebidos da realidade. A representação social serve como uma forma pela qual os indivíduos se apropriam, a seu modo, dos aspectos da realidade, construindo um saber comum ao grupo, permitindo a construção de perspectivas comuns.

Foram entrevistados seis oleiros, dois operários que trabalharam nas fábricas de cerâmica no período aqui delimitado, além do proprietário da primeira fábrica montada no distrito de Flores.<sup>13</sup>

Os entrevistados se apoiam em reminiscências do passado vivido para tecerem narrativas que, por sua vez, trazem a marca da memória social,<sup>14</sup> de eventos que compartilharam com outros indivíduos. Desta forma, numa relação do específico com o geral, as fontes orais permitem compreender para além do cotidiano de trabalho, os elementos culturais, sociais, econômicos, enfim, a amplitude do quadro social em que as experiências foram vivenciadas. Essa compreensão é fruto da leitura atenta que o pesquisador deve fazer do discurso, dos silêncios, dos significados que o entrevistado atribui aos fatos narrados.

As lembranças dos entrevistados emergem com mais facilidade quando, a partir de referenciais comuns, a memória individual é remetida a um quadro mais geral, a memória carregada por seu grupo social. Esses referenciais são importantes por servirem como estímulo ao ato de lembrar. Michael Pollack<sup>15</sup> observou que, nessa perspectiva, Halbwachs fornece à memória um sentido de fenômeno social, indicando que aquela é carregada pelo indivíduo, mas que se insere no conjunto social ao qual o indivíduo pertence.

Mesmo sem considerar os sujeitos dessa pesquisa como possuidores de uma cultura “pura”, ou seja, aquela proveniente de uma raiz sem interferências de outros sistemas culturais, valem algumas ressalvas.

Diante das transformações provocadas pelo desenvolvimento da *atividade ceramista*, os moradores do distrito de Flores passaram a interagir com um novo universo que incluía inovações tecnológicas e novas relações de trabalho. Além disso, o crescimento populacional levou essas pessoas ao contato com novos costumes e alterações nas relações de proximidade e parentesco que prevaleciam na localidade de Flores.

---

<sup>13</sup> Os entrevistados foram **Trabalhadores das olarias**: Luis Moreira Filho, Francisco Sabino Filho, Raimundo Alves de Sousa, Ricardo Ribeiro Maia, Eliezer Aníbal Ribeiro e Raimundo Felício Mendes. **Trabalhadores das cerâmicas**: Glicério Martins Pinheiro e Elias Mendes de Sousa. **Proprietário da primeira cerâmica**: José Obedes Mendes. O fato de haver trabalhado nas *cerâmicas* me proporcionou acumular conhecimentos sobre esse contexto. Isso explica porque entrevistei mais oleiros que trabalhadores das *cerâmicas*. Quanto à entrevista com o proprietário da primeira fábrica montada, julguei que este sujeito seria o mais apropriado para informar como se dera esse processo.

<sup>14</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990., p 98. Chamando atenção para as relações e distinções entre memória individual e memória coletiva, Halbwachs observa que toda história individual se insere numa história mais geral e mais ampla.

<sup>15</sup> Michel Pollak chama atenção para o fato de que Halbwachs, ao destacar a memória no campo da coletividade, elegendo-a como fenômeno social estabelece uma aproximação com os pressupostos durkheimianos. Ver; POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Portanto, a produção do conhecimento a partir das memórias de grupos em processo de transformação social é importante por se constituir num registro para a posteridade, permitindo que outros estudiosos tenham acesso a informações sobre um contexto já alterado. Atualmente, diante do dinamismo presente nas grandes cidades, muitos estudiosos demonstram preocupação com as transformações que atingem as diversas comunidades existentes nos centros urbanos.<sup>16</sup> Essa preocupação também é plausível quando tratamos de processos que atingem algumas comunidades rurais, entre outros motivos, devido às transformações que acontecem num ritmo cada vez mais acelerado e que não mais se restringem às grandes cidades.

Na Região do Baixo Jaguaribe, o incremento de projetos desenvolvimentistas voltados para o agronegócio tem atraído diversas empresas multinacionais. Esse fato implicou em transformações nas relações e na dinâmica de trabalho no campo, além de propor um modelo no qual a comercialização da produção está voltada para o exterior e tem a obtenção do lucro como principal meta. As distâncias foram “diminuídas” pela construção de novas estradas, como também, pela ampliação do acesso à telefonia celular e à internet.

As tecnologias de comunicação e/ou transportes ampliaram a quantidade de informações e a rapidez com que estas são disseminadas. Também facilitaram a interação dos sistemas locais com elementos culturais mais distantes e diversos. Todos esses fatos têm provocado modificações e até extinção de elementos das culturas materiais e imateriais desintegrando ou alterando significativamente o que no passado caracterizava as comunidades existentes no meio rural.

Portanto, diante do exposto, o produto final desta pesquisa vai expressar continuidades, reelaborações e perdas, aspectos do passado que por meio de algumas pistas foram revisitados.

Através de sua produção o historiador constrói versões da história, uma vez que seus registros são marcados por fatores que vão desde a existência ou não de fontes, a seleção destas, pelo lugar social que influencia as opções do pesquisador, enfim, pelo contexto no qual o pesquisador desenvolve seu trabalho. Todos são elementos que possibilitam ou trazem interdições à pesquisa.

Por exemplo, o fato de fazer parte de uma associação que defende a causa ambiental, ao mesmo tempo em que influenciou meu olhar sobre a problemática de estudo,

---

<sup>16</sup> BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. P, 84. A preocupação com o desafio de estudar “a construção, manutenção e a destruição” de comunidades urbanas é partilhada por esse autor.

dificultou o acesso ao espaço de algumas fábricas de cerâmica. Alguns dos proprietários não se mostravam à vontade com a presença de um ambientalista, se assim posso me considerar, no espaço dedicado a uma atividade que causa danos a natureza como poluição do ar e destruição do solo da região. Da mesma forma, alguns oleiros e operários se sentiram inibidos pela desconfiança de que as informações fornecidas serviriam para outros fins que não fossem o da pesquisa.

Quando busquei um passado que não se conserva inteiro na memória de meus entrevistados, percebi algumas possibilidades e limitações da produção historiográfica. Esses limites e possibilidades ocorrem na utilização de outras tipologias de fontes, não apenas durante a utilização das fontes orais, que opera nessa relação memória/história, dois campos que guardam, ao mesmo tempo aproximações e distinções.

A história vista como uma representação do passado ou como reconstrução do que não é mais,<sup>17</sup> difere da memória quando esta é atualizada pelos indivíduos e grupos que, sofrem em suas lembranças as interferências dos fatos vivenciados no *continuum*, evidenciando uma tensão-interação entre atualização das lembranças e a fixidez do ocorrido. O processo da memória, como expõe Montenegro,<sup>18</sup> tem como vetor determinante motivações inconscientes e subjetivas, enquanto na elaboração da história o pesquisador busca o fato, o acontecido. Dessa forma, o tempo da memória, da fluidez das lembranças, se distingue da temporalidade histórica que opera em algum momento, num dado lugar.

Com relação às significações expostas pelos entrevistados, estes, com bastante frequência utilizam a expressão “*dar o duro*” quando se referem ao ato de trabalhar, a palavra “trabalho” é assim vinculada a labor, de *labore*, atividade que implica em repetição, esforço, cansaço. Ao se referirem ao trabalho, como prática penosa e cansativa, expressam uma situação de sofrimento do corpo, principal instrumento utilizado no desenvolvimento de suas atividades.

No distrito de Flores, no ambiente da fábrica, com o surgimento de patrões, gerentes, operários e migrantes, novas formas de relacionamento social com marca de impessoalidade foram instituídas e passaram a coexistir com relações de proximidade e parentesco que prevaleciam em tempos anteriores à implantação das fábricas e ao crescimento populacional.

---

<sup>17</sup> DOSSE, François. **A História**. Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. – SP: EDUSC, 2003., p. 282.

<sup>18</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. Introdução in\_\_ **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

A implantação de várias *cerâmicas* no distrito de Flores impulsionou o crescimento da exploração dos recursos naturais e agressões contínuas ao meio ambiente. O barro retirado das áreas de várzea, os carnaubais derrubados para implantação das fábricas, e ainda, mesmo não sendo retirada de áreas próximas ao distrito de Flores, a lenha queimada nos fornos causa a poluição do ar na localidade.

Considerando os indivíduos ou as sociedades como partes integrantes do meio natural, procurei dar conta de questões que dizem respeito às práticas desenvolvidas no universo de trabalho da atividade ceramista, com todas as transformações ou danos que esta atividade causa no meio onde ocorre. Ao mesmo tempo, debruzei-me sobre os costumes dos trabalhadores, definidores das formas como atuam, como atribuem sentidos a realidade e como se relacionam.

Durante a queima das *grelhas*, eram comuns os mutirões envolvendo trabalhadores de outras olarias e pessoas da comunidade auxiliando nas tarefas ao mesmo tempo em que partilhavam momentos de diversão. Na identificação e análise dos elementos propiciadores dessas relações, das formas como se estabeleciam vínculos entre os indivíduos, o conceito de reciprocidade<sup>19</sup> ajuda no entendimento desse processo no qual as “trocas simbólicas” envolviam as pessoas em relações sustentadas por obrigações recíprocas que se constituíam como uma das bases da convivência do grupo.

A rotina das *cerâmicas*, levando o trabalhador a cumprir uma jornada diária, com períodos padronizados de trabalho, modificou a forma como o tempo era vivenciado. Os grupos de trabalho das olarias, na maioria das vezes, eram compostos por trabalhadores da mesma família que exploravam jazidas de barro em terrenos próprios, dividindo entre si a produção e lucros advindos do trabalho. Esse modelo que se configurava como uma espécie de trabalho cooperativo também foi alterado diante da expropriação dos meios de produção e pela relação patrão/empregado no modelo fabril.

Para analisar as questões citadas, contextualizando a problemática e traçando o itinerário das transformações ocorridas na *atividade ceramista*, o texto foi dividido em três capítulos que serão desenvolvidos a partir de subtópicos.

No primeiro capítulo, procuro identificar diferentes formas pelas quais os camponeses na Região Baixo Jaguaribe, especificamente no distrito de Flores, cotidianamente se apropriavam dos recursos da natureza. No trabalho dos oleiros, observo as formas de

---

<sup>19</sup> MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Edições 70, Lisboa, 2001. O conceito de reciprocidade foi criado por Mauss. Contudo, foi mais amplamente teorizado por Lévi-Strauss. Para uma melhor compreensão, ver; LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 2009.



sociabilidade e a recorrência de saberes e técnicas utilizadas na produção de cerâmica, sobretudo, busco identificar as transformações que envolvem a tríade - indivíduo, trabalho e natureza-, como um desses campos influencia mudanças nos outros e vice-versa.

O processo de mecanização que ocorreu na *atividade ceramista* a partir do surgimento das fábricas permeia o segundo capítulo. Neste, faço uma reflexão sobre a inventividade que permitiu a apropriação de antigas tecnologias disponíveis ou criação de equipamentos para uso nas fábricas. Procurei refazer, através do texto, como era o espaço das primeiras fábricas surgidas em Flores na década de 1980, bem como, as etapas e os envolvidos no processo de produção, identificando o lugar dos oleiros nesse novo contexto. Fiz ponderações sobre as relações entre patrões e empregados e, por fim, numa relação da problemática de estudo com contextos mais amplos, identifiquei fatores que contribuíram para o desenvolvimento da *atividade ceramista* na década de 1980.

No terceiro capítulo analisei, nas relações entre os donos das fábricas de cerâmica e oleiros, a dependência mútua, motivada pela necessidade que cada um tem do produto fabricado pelo outro. Diante da crescente urbanização, fiz ponderações sobre a forma como o espaço geográfico do Distrito de Flores vem sendo ocupado. Por fim, considerando anos seguidos de exploração de recursos naturais, enfatizei os prejuízos causados ao meio ambiente local, demonstrando o outro lado do desenvolvimento atribuído à *atividade ceramista*.

## CAPÍTULO 01: TRABALHO E NATUREZA NO COTIDIANO DO CAMPONES

Analisar o cotidiano não significa olhar apenas os fatos rotineiros, vivenciados pelos indivíduos no seu dia a dia, as repetições que podem expressar atos inconscientes destituídos de vontade e ação transformadora. Embora essa análise dos fatos cotidianos perpassa a ideia de longa duração, considerando que cotidiano “diz respeito ao tempo, sobretudo ao tempo longo...”.<sup>20</sup> Acredito ser possível, na análise desse *continuum*, captar fatos que emergem instantâneos, esses estalos que, embora se manifestem de forma efêmera, instigam atos criadores que transformam a vida e a história.

Conhecer o cotidiano é perceber o que se mantém estável, mas também, o dinamismo que se revela nas experiências dos sujeitos históricos. Ao analisar como era o modo de vida, a sociabilidade, costumes e condições materiais, busco conhecer como era o dia a dia dos sujeitos desta pesquisa, identificando os elementos da cultura material e imaterial que ao longo do tempo se reproduziram, se transformaram ou desapareceram.

Ao traçar esse quadro a partir da observação desses elementos, passei a conhecer melhor a realidade em que se desenrolaram os fatos em análise. Esse quadro também passou a se constituir num lastro de informações que me permitiram situar a problemática num contexto sócio-espacial. Ao mesmo tempo, passei a utilizá-lo como referencial para analisar como as transformações num campo influenciavam o outro, ou seja, as implicações dos elementos que compõem esse quadro na problemática de estudo e vice-versa.

A região do Baixo Jaguaribe, na qual se insere o Distrito de Flores, apresentou ao longo de sua história uma sequência de ciclos produtivos ou coexistência de formas de trabalho distintas.<sup>21</sup> O algodão por não depender de muita umidade se adaptou às condições climáticas da região, tendo sido largamente cultivado até a década de 1970. Nessa mesma década ocorreu o declínio da atividade de exploração da cera da carnaúba. O cata-vento - fabricado pelos próprios agricultores que utilizavam a força do vento no bombeamento de

---

<sup>20</sup> MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala** – São Paulo: Hucitec, 2000., p.105.

<sup>21</sup> Atividades distintas presentes no cotidiano dos camponeses no Baixo Jaguaribe foram analisadas por Chaves. Para saber mais ver: CHAVES, Olivenor de Sousa. Sertões do Trabalho nos retratos da memória de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe. Vale do Jaguaribe: **histórias e culturas** / José Olivenor Sousa Chaves (org.) – Fortaleza: LUXPRINT OFF SET, 2008.

água para irrigar a produção de frutas e legumes em pequenos pomares - foi dando lugar ao gásogênio<sup>22</sup> e ao motor movido a óleo diesel. Estes equipamentos bombeavam maior quantidade de água, suprimindo a demanda necessária para grandes plantações de banana. Paralela à atividade agrícola e de fruticultura havia a presença da pecuária com a criação de bovinos, caprinos e ovinos.

O processo de modernização na agricultura dessa região, segundo Hidelbrando Soares, foi iniciado na década de 1970 e representava “estratégias territoriais do Estado brasileiro que objetivavam expandir as fronteiras econômicas do país.”<sup>23</sup> Foi nesse contexto que ocorreu a implantação do Perímetro Irrigado de Morada Nova – PIMN, foi elaborado e instalado, no ano de 1977, o Perímetro Irrigado de Jaguaruana, além da implantação, na década de 1980, do Programa de Valorização Rural do Baixo e Médio Jaguaribe - PROMOVALE - projeto voltado para o desenvolvimento rural do Ceará, principalmente, com incentivo da agricultura irrigada.

A localidade de Flores, em maior ou menor escala, apresentou algumas das características no que diz respeito às atividades desenvolvidas no nível regional. No entanto, também apresentou especificidades. Por exemplo, a prática da rizicultura irrigada, amplamente difundida nos projetos de irrigação da região, teve o Sr. Adocias Xavier como único produtor de Flores a se dedicar à atividade.

Até a década de 1970, as atividades desenvolvidas pelos habitantes de Flores estavam ligadas, principalmente, à produção agrícola. Nesse período, o comércio pouco desenvolvido, contabilizava menos de uma dezena de mercearias ou *bodegas* como eram mais conhecidos os locais onde eram vendidos, principalmente, gêneros alimentícios. Poucos também eram os caminhoneiros que transportavam a produção local de frutas, com destaque para a banana, vendida para as cidades de Mossoró e Natal, no Rio Grande do Norte.

A maior parte dos trabalhadores se dedicava à agricultura de sequeiro,<sup>24</sup> dependendo da regularidade do inverno para garantir o crescimento de suas lavouras e boas colheitas. O plantio das vazantes era uma atividade desenvolvida nas areias próximas ao leito do rio, constituindo-se numa alternativa limitada aos que possuíam terras adjacentes ao rio

---

<sup>22</sup> Aparelho que transforma carvão vegetal ou madeira em gás pobre, por meio de queima incompleta. O gás era canalizado e fazia funcionar motores que bombeavam a água do interior de grandes reservatórios de água cavados no solo chamados de cacimbões.

<sup>23</sup> SOARES, Hidelbrando dos Santos Soares. **Agricultura e Reorganização do espaço:** a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte Ceará. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pe, 1999., p. 69.

<sup>24</sup> A agricultura de sequeiro faz uso da água de chuva, só podendo ser desenvolvida no período invernos, constituindo-se numa atividade periódica.

Jaguaribe. Para além da agricultura de sequeiro e o plantio das vazantes, outra forma pela qual os camponeses garantiam a produção de alimentos era através do plantio de pequenos pomares, como assinalei.

Nem todos os camponeses possuíam um cata-vento, pois a aquisição desse equipamento representava um custo elevado. A base do cata-vento é constituída por uma torre, um tripé e, naquele período, o material mais utilizado para montagem era o caule da carnaúba. No topo é fixada uma grande roda, composta de várias peças de alumínio chamadas de velas, que, em contato com a força do vento, fazem girar a roda acionando uma bomba que puxa a água de um poço. Um leme faz com que a roda esteja sempre voltada de frente para direção de onde sopra o vento.

Nesse contexto, antes da existência das fábricas com suas elevadas chaminés, eram os cata-ventos que se destacavam no panorama da localidade de Flores. Nos períodos não chuvosos era comum o camponês buscar alternativas de trabalho, por exemplo, nas olarias.

## **1.1 - MOLDANDO COM AS MÃOS: A PRODUÇÃO DO ARTESANATO UTILITÁRIO**

O artesanato produzido pelos habitantes de Flores variava devido à utilização de diversos materiais como madeira, barro e couro, implicando o uso de diferentes saberes. Essa variação no uso dos recursos da natureza ficava evidente nas cercas feitas de madeira que delimitavam as propriedades, nas próprias habitações e nos utensílios domésticos.

O camponês construía a parede de sua casa com taipa, uma espécie de armação de madeira preenchida com barro ou com uma mistura de barro e cal. Outro material abundante na região e muito utilizado nas paredes e na cobertura das habitações era o caule da carnaubeira, usado também na confecção de bicas ou calhas. A calha era obtida depois que o tronco da carnaubeira era partido em duas partes e o miolo era retirado sobrando uma dura casca por onde a água corria durante a irrigação das plantações. Entre os produtos obtidos da carnaúba, a cera era o mais valorizado. No entanto, o uso da carnaubeira ainda possibilitou o desenvolvimento de uma forma de artesanato que utilizava a palha para confecção bolsas, esteiras, chapéus e cordas.

Na sala, comumente as cadeiras eram do tipo tamborete, constituídos de uma base com pernas de madeira e assento de couro, enquanto na cozinha, potes, quartinhas, alguidares<sup>25</sup> e panelas eram feitos de barro. O barro aparecia na composição de produtos obtidos com a utilização de técnicas e conhecimento por artesãos que, dotados de habilidade e paciência davam forma a argila criando utensílios domésticos ou artesanato utilitário,<sup>26</sup> termo empregado por Mendes para designar objetos artesanais que serviam essencialmente como utilidades do lar.

Sobre a produção desse tipo de artesanato na localidade de Córrego de Areia, no município de Limoeiro do Norte, a autora identifica duas fases distintas que caracterizam o produto. Se, a princípio, predominava a produção do artesanato utilitário, vendido nas localidades circunvizinhas, para uso doméstico, posteriormente, com o envio das peças para serem vendidas no Centro de Artesanato do Ceará - CEART, em Fortaleza, as peças das louceiras ganharam *status* de arte, passando a ser vendidas também como peça de decoração ou *souvenir*.

Embora nessa fase, na localidade de Flores, a atividade não tenha sido desenvolvida com tanta intensidade, uma vez que depoimentos informam que poucas pessoas produziam esses objetos de barro, considero essa fase como a primeira da atividade ceramista, um estágio no qual o produto final era obtido a partir do trabalho individual, na medida em que o artesão era o responsável por todo o processo - do preparo do barro ao acabamento final.

Ao se utilizar de uma arte pessoal o artesão imprime originalidade naquilo que produz, deixa ali uma marca identificando sua obra. Isso ocorria durante a produção de telhas artesanais nas olarias, pois concluída a moldagem, antes de serem postas para secar, o oleiro passava a ponta dos dedos de uma das mãos fazendo traços na parte de cima da telha. Era como uma assinatura,<sup>27</sup> um símbolo capaz de, a partir da obra, remeter ao seu criador.

A produção de telhas e tijolos por processo manual, nas olarias, estava muito próxima dessa forma artesanal descrita, uma vez que, além das próprias mãos, poucos eram os recursos utilizados.

---

<sup>25</sup> Potes e quartinhas eram arredondados com uma boca estreita e serviam para guardar água de beber enquanto o alguidar tinha a forma de uma bacia que era utilizado na cozinha.

<sup>26</sup> MENDES, Francisca Raimunda Nogueira. **A Louça de barro do córrego de Areia:** Tradição, Saberes e Itinerários. Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, CE. 2009.

<sup>27</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore.** Coleção primeiros passos. Editora brasiliense. 1ª edição, 1982. p. 107. O autor chama atenção para os símbolos inscritos nas peças de artesanato, afirmando que estes servem para guardar memórias, podendo remeter a quem fez a peça ou, a quem esta pertenceu e a utilizou.

O termo utilizado pelos oleiros para designar o ato de produzir o tijolo é “*bater tijolo*”, uma vez que nesse processo, para dar um bom formato à peça, o barro é colocado na grade, da qual pequenas porções são retiradas e jogadas repetidamente para preencher todos os espaços da fôrma utilizada, deixando o material compactado, por isso diz-se bater o tijolo. Depois do barro devidamente colocado na fôrma, o oleiro usava uma palheta, também fabricada de madeira, que ele passava sobre a grade retirando o excesso de barro.

Quanto à produção de telhas nas primeiras olarias, para dar a forma curvada à peça os oleiros colocavam o barro sobre a própria coxa, onde davam o acabamento ao material; segundo o Sr. Raimundo Felício

Quando eu trabaiei fazia mais era tijolo mesmo, fiz muito tijolo. O tijolo pra casa vêia de papai foi nós que fizemo... Isso quando era moço né, hoje num dá mais não. Mas de primeiro... Agora sobre o batimento da telha, era finado João Cruz, finado Zé de Terto que faziam telha manual. Eles já usava a grade pra moldar a telha... Agora, isso muito no começo, eu cheguei a ver, o batedor butava aquela plastada de barro em riba da coxa viu? Ali mesmo ele ia ajeitando, ajeitando até ficar a telha. Alisando até dar o jeito da telha, a coxa é redonda né?<sup>28</sup>

A existência de poucos equipamentos específicos para uso no processo de produção de telhas evidencia um estágio no qual o corpo representava o principal instrumento de trabalho do oleiro. Era através de seu corpo que o oleiro manifestava sua experiência aplicando as técnicas necessárias para obtenção do produto cerâmico.

Só com o passar do tempo, os oleiros ampliaram o uso de instrumentos: uma fôrma feita de madeira servia para colocar o barro, demarcando as laterais da telha enquanto um arame esticado, cuja função era a mesma da palheta usada na produção de tijolos, pois, passado sobre o material, tirava os excessos e dava a altura certa à peça. Depois de ser alisado o material era colocado em outra fôrma que substituiu a coxa do oleiro, servindo para modelar o barro, dando a curvatura da telha.

Algumas telhas e tijolos antigos foram catalogados durante essa pesquisa, sendo possível estabelecer uma aproximação da data de produção destas peças relacionado-as ao período de construção das casas as quais estas pertenciam. Assim, as informações sobre estas peças indicam que algumas foram produzidas nas primeiras décadas do século passado. A identificação da data exata de fabricação destas peças só é possível, quando num lance de

---

<sup>28</sup> Raimundo Felício Mendes. Entrevista gravada para esta pesquisa, na localidade de Flores em 03/08/2010.

sorte, é encontrado esse registro feito pelo oleiro que, às vezes, utilizava um fino pedaço de madeira ou outro objeto que lhe permitisse fazer inscrições na telha ou tijolo antes que o barro secasse.

A observação destas peças permite notar que telhas e tijolos feitos até o início da década de 1970 eram maiores que os produzidos atualmente nas fábricas, seu tamanho e peso são padronizados, uma vez que obedecem a normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT. Uma das peças antigas catalogadas e analisadas trata-se de um tijolo que mede 36 cm de comprimento, 18 cm de largura e 9 Kg de massa. Esta peça teve a fabricação atribuída pela doadora, a Sra. Hilda Alves, a um período anterior ao ano de 1930.<sup>29</sup> O tijolo que os oleiros produzem atualmente também tem dimensões inferiores; 12cm de largura e comprimento 26 cm.



**Figura 1:** Tijolos tradicionais ou tijolo *corrido*. O de tamanho maior é o mais antigo. O da direita, com tamanho menor é de fabricação recente. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2010.

As telhas antigas que foram catalogadas apresentam tamanho e massa superiores aos padrões atuais. No entanto, o que chama atenção nas telhas é a variedade no tracejo feito pelos oleiros: retos, ondulados, arredondados, os desenhos feitos com as pontas dos dedos tinham um caráter estético, servindo para enfeitar a telha, ao mesmo tempo em que conferiam ao produto uma identificação de quem o produziu. Dessa forma, as telhas produzidas nas antigas olarias recebiam a marca do próprio trabalhador. Nas *cerâmicas* as telhas recebem um

---

<sup>29</sup> Dona Hilda Alves informou que a peça pertencera a casa de seu avô que depois de demolida teve os tijolos reutilizados na construção da casa de seu pai onde ela mora até hoje.

carimbo feito por um mecanismo que imprime o nome da fábrica em todas as peças produzidas. Se no primeiro caso a identificação remetia ao oleiro, portanto, a um indivíduo, no segundo remete a empresa que produziu a peça.

Nas narrativas de antigos oleiros há uma recorrente valorização das peças produzidas por eles, principalmente, quando atribuem melhor qualidade, devido ao tamanho maior das telhas, quando comparadas àquelas que passaram a ser confeccionadas nas *cerâmicas*. O Sr. Raimundo Felício, esclareceu:

A telha era mais trabalhosa, a telha é trabalhosa!... a grade conforme o tamanho da telha, aquele barro ali sim é que precisa ser bem traçado, você avalie que a casa de papai, 45 palmos de largura, num sei quantos metros de comprimento, pegou um absurdo de telha, pra bater 500 telhas por dia. Olhe a grossura dessa telha num é como essa de hoje que qualquer vento ta tirando né?<sup>30</sup>

Nas construções cobertas com peças fabricadas nas *cerâmicas*, é bastante comum a força dos ventos danificarem telhados, retirando do lugar e até derrubando algumas telhas. Assim, seu Raimundo, para além de atribuir melhor qualidade aos materiais que produzia, destacando o tamanho e a segurança que esses proporcionavam, ainda fala da dificuldade que era confeccionar as telhas, pois as mesmas exigiam, segundo o mesmo, um “barro bem traçado” sendo necessário o capricho e a técnica apurada do oleiro. O discurso do entrevistado deixa subentendida uma valorização do trabalho que desempenhava.

Diante das características das telhas e tijolos, podemos inferir sobre as dificuldades enfrentadas pelos oleiros no manuseio dessas peças durante o processo de produção que acabava por exigir maior quantidade de matéria-prima e, conseqüentemente, maior esforço físico. Devido ao tamanho e massa acentuados, muitas vezes, era necessário o esforço físico das duas mãos para pegar o tijolo. Assim apenas uma peça era manuseada por vez.

As dificuldades eram amenizadas com uso de técnicas aprendidas e aperfeiçoadas na prática, dando rapidez ao ritmo de trabalho. Os oleiros demonstram essas técnicas no amassar do barro com os pés, no manuseio e transporte do barro amolecido sem deixá-lo cair, na maneira de colocar o barro na fôrma. Todas eram situações nas quais os movimentos

---

<sup>30</sup> Raimundo Felício Mendes. Entrevista gravada para esta pesquisa, na localidade de Flores em 03/08/2010.



exigiam grupos musculares já condicionados para aquela tarefa, ao mesmo tempo em que podiam indicar o grau de experiência daquele trabalhador.

Visitando as olarias que ainda estão em funcionamento no distrito de Flores, ficaram evidentes as mudanças ocorridas, sobretudo na forma de desempenhar algumas atividades. No entanto, muitos movimentos, técnicas e formas de apropriação do espaço se reproduziram por gerações seguidas. Durante o trabalho de campo, foi possível registrar essas permanências, expostas aqui através de fotos cuja observação auxilia na compreensão daquilo que o texto descreve.



**Figura 2:** Oleiro utilizando os dedos polegares para cortar o barro e pegar, com as mãos, o “bolão” que vai utilizar. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2010.

Como destaca Marcel Mauss, gestos e movimentos são impostos ao corpo pelas tradições.<sup>31</sup> Esses movimentos demonstravam a familiaridade com a atividade desenvolvida e com os materiais que os oleiros lidavam no dia a dia, pois, ao mesmo tempo em que o oleiro moldava o barro, seu corpo também era moldado pela repetição de movimentos e gestos. A conclusão é que, incorporada ou assimilada pelo corpo do indivíduo, a tradição pode ser revelada nos movimentos, indicando o pertencimento desta pessoa a determinada cultura que lhe conferiu um jeito de andar, de sentar, de cumprimentar e, até mesmo, de comer.

Ainda sobre elementos próprios do cotidiano de trabalho com o barro, sobretudo nas antigas olarias, ficou evidenciado a presença de saberes e técnicas que sendo repassadas adiante por gerações seguidas são considerados como elementos integrantes do patrimônio

---

<sup>31</sup> MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399 – 422.

cultural de uma coletividade, de um determinado grupo, no caso os oleiros. Essa ponderação corrobora a ampliação na noção de patrimônio cultural defendida por Fonseca,<sup>32</sup> quando propõe saberes e técnicas tradicionais como exemplos de elementos que compõem o patrimônio imaterial.

Ressalte-se ainda a existência de instrumentos de trabalho feitos pelos próprios oleiros, portanto procedentes do saber difundido entre eles que permite reconhecer a vocação do grupo uma vez que são utilizados especificamente no trabalho com o barro. Os equipamentos existentes, fazendo parte do cotidiano dos oleiros, podem figurar como patrimônio material, uma vez que dão autenticidade ao indivíduo ao permitirem uma identificação deste com as práticas do grupo ao qual pertence.

Os tijolos produzidos pelos oleiros passaram a ser utilizados nas construções locais. Juntamente com o cimento e cal, aos poucos, substituíram as paredes de madeira e barro. No entanto, como o acesso ao cimento e cal era difícil, estes produtos entravam em pequena quantidade na mistura da argamassa. Os tijolos grandes eram utilizados para dar mais segurança à obra, na maioria das construções as paredes eram dobradas, ou seja, um tijolo ao lado do outro constituindo uma parede que, às vezes, chegava a medir 40 cm de largura. Todo esse reforço procurava compensar a não utilização de estruturas de ferro e concreto.

As paredes laterais das casas, também chamadas de paredes de oitão eram comumente altas. Lembremos que as famílias camponesas eram, na grande maioria, compostas por vários filhos o que implicava a necessidade de uma casa com vários cômodos. Dessa forma, uma casa mais cumprida exigia uma cumeeira<sup>33</sup> alta para obtenção da inclinação do telhado, necessária para fazer correr as águas das chuvas.

O número de construções ainda não era suficiente para absorver toda a produção das olarias. Na década de 1950, mais especificamente, o Sr. Francisco Sabino, “seu Bibiu” como é mais conhecido, trabalhava numa olaria e narrou as dificuldades que, naquele período, os oleiros enfrentavam no momento de vender a produção:

---

<sup>32</sup> FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In Abreu, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

<sup>33</sup> A cumeeira é a parte mais alta do telhado e divide as inclinações para frente e para trás ou para os lados de acordo com o modelo de cobertura da casa. O primeiro modelo era o mais utilizado naquele período e destacava as paredes laterais da construção por isso eram denominados telhados de oitão.

E a maior dificuldade era de vender esse tijolo que era oferecendo a um e a outro e sabe quanto um milheiro de tijolo naquele tempo? Trinta mil réis! Num dava pra comprar fiado, fiado no tijolo não, que num dava pra pagar não, era trabaiaando, trocendo com fome.<sup>34</sup>

O pouco rendimento obtido com o trabalho na olaria impossibilitava o oleiro de comprar mantimentos, sobretudo em razão da demanda pela produção não ser suficiente para dar, ao comerciante, a garantia de pagamento da dívida. Nessa situação, a fome passava a representar mais um obstáculo a ser vencido durante o labor diário.

Durante os períodos de maior escassez de gêneros alimentícios, geralmente causados pela falta de chuvas, eram comuns as frentes de serviço criadas pelos governos. Eventualmente, o oleiro podia se cadastrar num programa de emergência,<sup>35</sup> passando a ter o seu trabalho na olaria, remunerado pelo estado. Contudo, essas medidas emergenciais não conseguiam atender a todos, sendo preciso buscar alternativas de sobrevivência, por exemplo, na caça ou na pesca no Rio Jaguaribe, ou ainda, na migração para outras cidades ou regiões do país.

O trabalho nas olarias se estendia até o início da estação chuvosa, quando se iniciava o período de plantio das lavouras, como veremos a seguir.

## **1.2 – O CICLO ANUAL: ALTERNÂNCIA ENTRE OLARIA E AGRICULTURA.**

Para a maioria dos moradores do distrito de Flores que até meados da década de 1980 se dedicavam à agricultura de sequeiro, as primeiras chuvas que caíam eram indicativo para o início do plantio. Com a aproximação da estação chuvosa que regularmente ocorre a partir dos meses de janeiro-fevereiro, era necessária a preparação das terras que receberiam a semente. Depois de brotar, era tempo de manter a plantação livre de ervas daninhas num período de constantes ocupações para o trabalhador. O bom inverno era fundamental para a produção de grãos, e para fazer acumular água nos pequenos reservatórios - açudes e lagoas existentes na região.

---

<sup>34</sup> Francisco Sabino Filho. Entrevista gravada para esta pesquisa na localidade de Flores, em 10/10/2010.

<sup>35</sup> Esses programas eram lançados pelo Governo do Estado nos períodos de secas e empregavam o camponês em frentes de serviço.

A relação entre o indivíduo e a natureza era estreita uma vez que, em grande medida, através desta, o camponês garantia alimento, água e outros materiais aproveitados na construção de sua morada e na confecção de vários objetos utilitários. Essa relação acabava orientando grande parte das ações dos trabalhadores do campo, que alternava suas atividades de acordo com os ciclos naturais, fato evidenciado na prática da agricultura de sequeiro, que por ser totalmente dependente da estação chuvosa, concentrava os esforços do camponês no período invernos.

Iniciado os meses de verão, para alguns camponeses a prática da agricultura só podia ser exercida nas vazantes localizadas em áreas baixas próximas ao Rio Jaguaribe. O húmus ali depositado pelas águas das enchentes enriquecia o solo tornando-o propício, principalmente, para o plantio de feijão, batata e jerimum. O solo arenoso escondia a água a dois ou três palmos de fundura e tornava úmida a areia na superfície, sendo suficiente para fazer crescer essas culturas. Nesse período, os camponeses que possuíam terras adjacentes ao leito do rio, costumeiramente, plantavam essas áreas, sendo comum, também, a prática do arrendamento.

O Rio Jaguaribe tem importância destacada na história dos habitantes do Distrito de Flores por se constituir, no passado, lugar de múltiplas experiências. Além de permitir a produção de gêneros no período de verão, o rio representava local de lazer ao proporcionar banhos refrescantes em águas limpas e correntes que também favoreciam o trabalho das lavadeiras e a prática da pesca. Entre outras espécies, os peixes mais comumente encontrados eram a traíra (*Hoplias malabaricus*), piau (*Leporinus piau*), curimatã (*Prochilodus nigricans*), cará (*Tilapia rendali*), tucunaré (*Cichla spp*), sendo possível, ainda, capturar o camarão de água doce (*Macrobrachium jelskii*), o que ocorria, principalmente, quando o nível da água baixava após as enchentes. As matas ciliares, por sua vez, favoreciam a atividade de caçadores que capturavam animais como preá (*Cavia aperea*), tejos (*Tupinambis merianae*) e pebas (*Euphractus sexcinctus*), ou ainda, aves como a nhambu (*Crypturellus tataupa*), e carão (*Aramus guaraúna*).

Seu Bibiu, costumeiramente, se dedicava à agricultura e às olarias. Sobre a alternância nestas ocupações narrou: “Trabaiava o verão todo, aí pegava o inverno com tijolo no lastro, gréia pra queimar... ia plantar, trabaiar noutra coisa, ficava resto de gréia aí, casca de gréia, e aí se perdia um bocado de tijolo, era muito trabaioso.”<sup>36</sup> No início das chuvas, ou nas palavras de seu Bibiu, quando “pegava o inverno”, os prejuízos na produção dos oleiros

---

<sup>36</sup> Francisco Sabino Filho. Entrevista gravada para esta pesquisa na localidade de Flores, em 10/10/2010.

indicavam que chegara o momento de interrupção do trabalho com o barro e direcionamento de esforços para o plantio da lavoura. Na situação oposta, com o fim da estação chuvosa e das atividades agrícolas, novamente havia a retomada do trabalho nas olarias como bem narrou seu Raimundo Felício:

Agricultor, homi de trabalho, quando ele terminava,[a colheita] se ele tinha precisão de levantar tijolo pra uma casa, aquele ali quando ele colhia todo o legume não é? Ai mês de setembro, outubro que num tinha perigo de chuva, era sol quente, aí é que atacava o batimento de tijolo porque meu amigo você bater tijolo com chuva num presta não.”<sup>37</sup>

Enquanto seu Bibiu narrou sobre a alternância nas atividades, partindo do trabalho na olaria para dizer que este era interrompido com o início das chuvas, o Sr. Raimundo Felício partiu do trabalho do agricultor para informar que, ao fim do inverno, este migrava para o trabalho nas olarias. Ao se utilizarem de referenciais distintos para falarem sobre experiências vividas no passado, os entrevistados expressam a intensidade com a qual as lembranças emergem num dado momento de suas narrativas. Esse fato ainda pode indicar que as experiências de cada um nos diferentes tipos de atividades – olaria e agricultura – ficaram marcadas de formas distintas nas memórias de ambos. Assim, elegendo uma atividade e não a outra como referencial durante a construção de suas narrativas, podem estar atribuindo diferentes graus de importância às duas atividades.

A olaria se localizava onde houvesse barro apropriado para a produção das telhas ou tijolos. Algumas vezes estava situada no *quintal*<sup>38</sup> ou bem próxima a residência do oleiro. A proximidade entre a moradia e o local de trabalho permitia que mulher e filhos desempenhassem alguma função mesmo que não fosse rotineira. O contato dos filhos com esse universo de trabalho era fundamental para manter viva a tradição do trabalho com o barro, pois proporcionava o aprendizado das técnicas utilizadas pelos mais velhos, possibilitando a incorporação destas pelas novas gerações. O Sr. Raimundo Felício, como se percorresse cada etapa que constituía o trabalho com o barro, refez, através de sua narrativa, algumas características do espaço da olaria:

<sup>37</sup> Raimundo Felício Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, em 03/08/2010.

<sup>38</sup> No espaço rural, *quintal* é a denominação que recebem os terrenos localizados na parte de trás das casas.

Bem, agora aí experimentou aquele barro, ele num quebrou aí vai pro campo. O campo, isso é bem raspado, pra ficar bem igualzinho, pra ficar um tijolo bem aprumado, daí é que continua. Sempre ocupa três pessoas: o batedor, o amassador e o carregador. Agora, depois do campo feito tem que adquirir aquela puagem que o vento encosta, assim, ali no rio num sabe? Aí carrega um pouco daquela puagem e bota lá. Pra quê? Pra passar aquela puagem na grade, porque se num passar o barro num solta da grade...<sup>39</sup>

O espaço da olaria era compreendido basicamente de um terreno plano chamado de campo ou lastro onde o tijolo era *batido*. Essa área era recoberta com uma camada de areia fina que os oleiros denominavam *puagem*, e servia como isolante, evitando que o barro utilizado grudasse no terreno ou na grade. Depois de retiradas as sobras, os tijolos eram colocados na vertical ou “de quina,” permanecendo expostos ao sol até secarem. Nos dias atuais, esse processo ainda ocorre nas olarias, como fica demonstrado na foto abaixo.



**Figura 3:** Tijolos secando no campo. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2010.

O buraco que se formava com a retirada do barro era chamado barreiro e tinha na sua margem uma bomba d’água cujo funcionamento era manual. Nas olarias, não havia nenhum galpão que permitisse estocar a matéria-prima ou a produção.

Se não havia uma árvore próxima para aproveitarem a sombra, os oleiros construía um abrigo que recebia a denominação de *barraca*. Forquilhas de madeira ou caule da carnaúba constituía a base, enquanto a cobertura era feita com telhas ou palha da

<sup>39</sup> Raimundo Felício Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, em 03/08/2010.

carnaúba. Neste local, guardavam água de beber, objetos de trabalho e se abrigavam do sol enquanto se alimentavam. A rapadura, a bolacha, o cuscuz de milho, a farinha de mandioca, na maioria das vezes, eram os ingredientes que compunham o cardápio dos oleiros quando estes faziam uma pausa para alimentação.

Em algumas situações, quando uma chuva se aproximava e havia tijolos no campo ou já empilhados para queima, os oleiros recorriam a alguma medida emergencial para proteger o que já havia sido produzido.

Vinte miero[milheiro] de tijolo. E de tardezinha se preparou um tempo de chuva e anoiteceu. Eu digo:

- Mundola, rumbora atrás duma lona pra nós cobrir essa grelha.

- Quem é que tem lona?

- Por aqui só se for Guilhermano ou Enéias.

Aí Enéias arrumou a lona. Trouxemo essa lona em garupa de bicicleta. Você num queira saber o trabalho que deu. E chegemo e fumo cobrir essa gréia... Deu uma chuvinha mais num foi muito grande não. Tinha dois miero no lastro ainda, que tinha ficado porque a gréia já tava muito grande... Aí a chuva veio, a chuva, o tijolo amolecia a quina e virava de banda.<sup>40</sup>

Mesmo protegendo a produção de uma chuva eventual, o inverno mais rigoroso deixava o solo encharcado, dificultando a tarefa de preparo do barro quando os oleiros buscavam o ponto ideal da matéria-prima. Esta era mais uma ocasião na qual o oleiro se utilizava de um saber para identificar o barro adequado para a produção nas olarias. Como expôs seu Bibiu: “Bem, o barro sendo a mistura do arisco né? Só o massapê num presta não, você bate mais se quebra o tijolo, tem que ter o arisco; parte de massapê uma parte de arisco e aí no cavamento já ficava misturado quando ia mexer pra aguar.”<sup>41</sup> O massapê é um barro encorpado, de cor preta, enquanto o arisco é constituído de grande quantidade de areia fina o que lhe dá uma tonalidade mais clara. De acordo com o depoente era necessária uma mistura desses dois tipos de argila para obter a matéria prima adequada.

Outro entrevistado, o Sr. Luis Moreira, “Seu Cid”, como é mais conhecido, acrescentou: “O ponto a gente sabe. Se deixasse o barro mole não prestava o tijolo, se o barro fosse ariscado, dava o tijolo, mas num dava um tijolo bom, era todo feio velho... o barro mais

<sup>40</sup> Francisco Sabino Filho. Entrevista realizada na localidade de Flores em 10/10/2010.

<sup>41</sup> Idem.

massapê você batia o tijolo, passava a paêta ficava bem lisinho”.<sup>42</sup> Além da utilização do material adequado, para atingir a liga, ou o ponto ideal, era necessária a quantidade certa de água e a quebra dos torrões. Essa tarefa, a qual os oleiros se referem como “amassar o barro” é feita com uso de enxada e com os pés em movimentos que, por vezes, mais parece uma dança.



**Figura 4:** Oleiro utilizando os pés para amassar o barro. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2010.

Se a quantidade excessiva de chuvas impedia atingir o ponto certo do barro, a secagem da produção também era prejudicada pela ausência de calor, tornando incompatível o trabalho do oleiro com o ciclo chuvoso que, regularmente, ocorre no primeiro semestre do ano. Nesse período muitas olarias ficavam desativadas, uma vez que o oleiro passava a direcionar seus esforços para a prática da agricultura.

Para além de ter um calendário anual em grande medida pautado nos ciclos da natureza, esta também acabava por orientar o trabalho diário quando os oleiros acordavam cedinho para aproveitar o frescor da madrugada, como narrou seu Raimundo Felício: “a gente começava a trabaiair quatro hora da manhã viu? que é a hora fresca.”<sup>43</sup> O camponês, de modo geral, costuma acordar cedinho para iniciar sua jornada de trabalho, seja qual for a atividade a ser desempenhada.

---

<sup>42</sup> Luis Moreira Filho. Entrevista realizada na localidade de Miguel Pereira, Flores em 20/07/2010.

<sup>43</sup> Raimundo Felício Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, em 03/08/2010.



Ao adaptarem os horários de suas tarefas, aproveitando períodos mais propícios para evitar o calor, queimando suas grelhas nas noites de lua cheia para aproveitar a claridade que iluminava a várzea ou adaptando suas atividades de acordo com o verão ou inverno, os trabalhadores tinham as estações do ano, o sol, a lua,<sup>44</sup> como referências na definição da frequência e ritmo de atividades que eram desempenhadas diariamente ou que se alternavam dentro de um ciclo anual.

Considerando os referenciais utilizados pelos oleiros para cadenciar suas atividades, é possível estabelecer uma aproximação da forma como o tempo era experimentado pelos oleiros com a noção de tempo natural que, de acordo com Norbert Elias,<sup>45</sup> tem os ritmos da natureza e seus elementos, como orientadores da atividade humana. A noção de tempo entre os camponeses do Distrito de Flores sofreu transformações significativas com o aparecimento das fábricas de cerâmica que passaram a adotar o relógio como orientador da jornada de trabalho desempenhada pelos operários. Essa questão será aprofundada mais adiante.

Também seu Bibiu aproveitava o frescor da madrugada para iniciar o cotidiano de trabalho nas olarias, refeito por ele a partir de suas lembranças:

Chegava de madrugadinha, o clarear do dia, amassava logo o barro todinho. Quando acabava, um ia botar e o outro ia carregar. E quando acabava, já era logo cavando o barro de a meio-dia pra tarde aguar. Quando era de tarde, que chegava, ia primeiro aparar aquele tijolo que nós tinha batido de manhã, aparar e botar de quina, e aí, quando acabava de aparar o tijolo, já era hora de aguar o barro.<sup>46</sup>

Através de sua narrativa, o entrevistado demonstra que, diariamente, era desenvolvido um ciclo de tarefas nas olarias, onde o trabalhador participava de todas as etapas do processo de produção. Mesmo deixando de mencionar algumas tarefas, por exemplo, o engrelhamento, denominação dada à tarefa de arrumação do tijolo já seco para ser submetido à queima, a narrativa esclarece sobre a multiplicidade de tarefas presentes no cotidiano de

---

<sup>44</sup> Segundo os depoentes, sempre que possível a queima da grelha era agendada para períodos de lua cheia, quando a claridade iluminava a várzea facilitando o trabalho noturno.

<sup>45</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. Embora as exposições feitas pelo autor sobre a construção de uma noção de tempo no contexto do “processo civilizador”, considero suas idéias úteis para analisar um contexto mais recente.

<sup>46</sup> Francisco Sabino Filho. Entrevista realizada na localidade de Flores em 10/10/2010.

trabalho dos oleiros, numa dinâmica que era determinada pelo número de componentes do grupo de trabalho. Como o volume de produção das olarias era pequeno, destinada à demanda local, o número de componentes dos grupos de trabalho variava entre dois a quatro oleiros.

Diante da sequência de tarefas, na medida em que passavam os dias, o cansaço se acumulava. Segundo o Sr. Raimundo Alves, mais conhecido como Mundola, que por algum tempo foi companheiro de trabalho de seu Bibiu, “segunda, terça, que dava pra fazer um milheiro, quinta, sexta, já tava meio enfadado. Só saia uns oitocentos, setecentos, e no sábado num tinha mais nem vontade de ir”.<sup>47</sup> A partir da exposição de um ciclo semanal, a narrativa de seu Mundola, esclarece que o ritmo de trabalho nas olarias, estava relacionado com a necessidade de produzir, com a disposição e até com a capacidade física do indivíduo. O dia de domingo não foi citado por seu Mundola, pois, este se constituía o dia de descanso.

De forma geral, os camponeses têm no trabalho um dos principais referenciais e estímulo ao ato de lembrar, uma vez que, a maior parte de suas experiências se inseria no tempo do trabalho que ocupava uma rotina eventualmente quebrada pelo tempo das festas, sobretudo religiosas.

Na década de 1980, no Distrito de Flores, as principais festas religiosas eram a do Sagrado Coração de Jesus, que celebra o padroeiro local; a coroação de Nossa Senhora de Fátima, no último dia do mês de maio e a celebração do Natal. Esta última mobilizava moradores de Flores e de comunidades circunvizinhas. Depois de assistirem à missa se socializavam na praça local, partilhando bebidas como a cachaça e aluá,<sup>48</sup> e comidas que incluíam, entre outras, pé-de-moleque, cocada, e churrasquinhos de carne.

A diversão se dava nos jogos populares como o *caipira*, a roleta dos bichos,<sup>49</sup> arremesso de argolas, tiro ao alvo. Nestes jogos, os vencedores podiam levar desde um pequeno brinde, a algum dinheiro extra. Havia, ainda, a alternativa oferecida pelo parque de diversões, que se instalava na localidade nos períodos de festas, com sua roda gigante, espalha brasa, carrossel, além da *radiadora*, uma espécie de serviço de rádio, com aparelhagem de som onde um locutor fazia leitura de mensagens e executava músicas oferecidas entre casais e pretendentes.

<sup>47</sup> Raimundo Alves de Sousa, 71 anos. Entrevista concedida para essa pesquisa, na localidade de Flores em 03/02/2006.

<sup>48</sup> Aluá é uma bebida obtida com a mistura de açúcar, suco de limão, cascas de frutas e farinha de arroz ou milho.

<sup>49</sup> O jogo de caipira utilizava um *dado*, um cubo com os seis lados numerados. Colocado em um copo, balançado e virado na mesa, o apostador colocava o dinheiro “casava,” num pano onde estavam gravados os números. Depois do dinheiro ser “casado” pelos apostadores, o dono do caipira levantava o copo, revelando o número que ficou para cima no *dado* e, conseqüentemente o(s) ganhador(s). Se o jogo do caipira envolvia números, no jogo da roleta, havia o desenho dos 25 animais que compõem o “jogo do bicho”. Depois que os apostadores casavam o dinheiro no bicho escolhido, a roleta era colocada para girar, aos olhos atentos e ansiosos dos apostadores.

Outros eventos festivos eram as vaquejadas, onde havia os forrós e a corrida para a derrubada do gado. As tertúlias eram reuniões com caráter mais familiar, nas quais grupos se reuniam para ouvir música, dançarem e beberem.

O trabalho, no entanto, era a experiência mais recorrente no universo camponês. O mesmo se constitui num referencial para leitura da memória coletiva<sup>50</sup> pertencente aos camponeses-oleiros, a qual podemos ser remetidos através de narrativas construídas a partir de suas memórias individuais.

No entanto, cada narrativa expressa uma visão de mundo, uma noção sobre o espaço vivido e informa sobre as relações sociais de uma coletividade. Portanto, ao mesmo tempo em que somos informados sobre o específico, podemos ser remetidos a uma conjuntura mais ampla, sobretudo, quando conseguimos estabelecer conexões entre as informações fornecidas por diferentes entrevistados.

Nesse processo são fundamentais alguns procedimentos metodológicos: o exame das várias narrativas colhidas na pesquisa de campo, a elaboração de um inventário temático das mesmas, buscando regularidades e as singularidades. Colocando as fontes em perspectiva, comparando-as para esclarecer divergências ou identificar e selecionar as polaridades, como o alfaiate que junta retalhos para confeccionar uma colcha, o historiador recolhe indícios na tentativa de completar o cenário e recompor o passado através de sua narrativa, do seu discurso historiográfico.

### **1.3 – TRABALHO E FESTA: OS MUTIRÕES NA QUEIMA DA GRELHA**

Cultura se constitui num dos mais importantes conceitos para aqueles que se lançam na tentativa de compreender as ações humanas, comportamento, visão de mundo, enfim, os diversos aspectos sobre a natureza dos indivíduos e formas como estes atuam e constroem sua história.

O conjunto de elementos que os trabalhadores das olarias e fábricas na década de 1980 utilizavam para expressar sua visão de mundo, atribuir significados e valores as coisas e orientarem suas ações, constituem sua cultura. Uma vez que estes eram essencialmente

---

<sup>50</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990.

agricultores, elementos como a natureza, a religiosidade, o trabalho, as relações de parentesco e proximidade figuravam como definidores de seus costumes. A interpretação desses elementos fornece uma leitura mais apropriada sobre as experiências e historicidade dos sujeitos desta pesquisa.

Buscando estudar elementos presentes numa coletividade através de uma estreita aproximação com as construções próprias de determinados grupos, a noção de cultura aqui empregada está fundamentada na acepção de Geertz<sup>51</sup> que considera cultura como um conjunto de “teias de significados”. Tecidas pelos próprios indivíduos, quando interpretadas essas teias permitem conhecer melhor o mundo que estes criam, explicam e representam. Meu trabalho é de esforço interpretativo, etnográfico, cuja preocupação é a análise dos significados presentes no comportamento dos sujeitos desta pesquisa.

Ancorado no conceito de cultura de Geertz, analisei elementos presentes nos costumes de oleiros e operários das *cerâmicas*, objetivando identificar como era o ambiente de trabalho e o convívio destes sujeitos com os demais integrantes da coletividade de Flores. Essa análise forneceu um quadro, no qual se tornou possível perceber como eram as formas de relacionamento social, como estas relações eram tecidas, alimentadas ou rompidas.

Um dos aspectos presentes na cultura camponesa é a prática de trabalho em grupo. Denominados pelos camponeses de adjuntos, eram desenvolvidos por grupos formados pelos moradores da localidade de Flores para desenvolverem diversas tarefas. Este costume entre os camponeses chamou a atenção de Maria Isaura P. de Queiroz ao afirmar que “O gênero de vida que levam é marcado pela coletivização das atividades, sendo a principal delas a ajuda mútua no trabalho sob a forma de mutirão, muxirão, batalhão ou outro nome qualquer.”<sup>52</sup> A pessoa que era ajudada durante o adjunto recompensava essa ajuda ao companheiro em outra oportunidade. Esse costume, recorrente entre os moradores de Flores, foi por mim estudado em outra pesquisa realizada anterior a esta.<sup>53</sup> A prática do trabalho cooperativo ocorria

<sup>51</sup> GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989., p, 04.

<sup>52</sup> QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Uma categoria rural esquecida. In \_\_ **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas**, v.1/org. Clifford Andrew Welch...[et al.].-São Paulo: Ed. UNESP, 2009. O estudo de Queiroz foi publicado inicialmente no ano de 1963 e se refere aos camponeses brasileiros de modo em geral. Percebe-se que outros termos são utilizados pela autora para se referir ao que os camponeses de Flores chamam de adjunto.

<sup>53</sup> MENDES, Francisco de Assis. Percorrendo os caminhos da devoção: a procissão de Nossa Senhora de Fátima, entre Flores e o Tomé. In \_\_ **Vale do Jaguaribe: autos do passado**. CHAVES, José Olivenor Souza. Nesse artigo analiso como a obra de construção da capela de Flores, 1941 – 1942, envolvendo os moradores nos mutirões, serviu como estímulo ao sentimento de comunidade. Em tempos mais recentes os mutirões continuaram a render frutos, um exemplo foi a ampliação do cemitério com a construção de uma capela; obras realizadas através de trabalho cooperativo.

diversas atividades, como a limpeza do mato nas plantações, nas debulhas de grãos, ou ainda, nas farinhadas.

Os adjuntos revelam o caráter solidário manifestado nas atividades desenvolvidas pelos camponeses, quando se manifestavam, de forma imbricada, o tempo do trabalho e do não trabalho. A face lúdica, as conversas, as brincadeiras durante o trabalho compartilhado com outras pessoas, servia para aliviar a “dureza” do labor diário, fazia esquecer o cansaço e também representava um importante fator de equilíbrio da vida coletiva, constituindo redes de sociabilidade, uma vez que, nesses encontros, os indivíduos se integravam e estabeleciam entre si relações duradouras. Esse costume também passou a se apresentar no trabalho nas olarias, como ocorria durante a queima da grelha, como será exposto mais adiante.

Depois de secada ao sol, as peças produzidas eram devidamente arrumadas de forma a permitir que o calor circulasse garantindo uma queima igual para todos os tijolos. Essa estrutura que ganhava forma com os tijolos arrumados era denominada *grelha*. Como uma pirâmide quadrada, tinha sua base mais larga que o topo, como afirmou o Sr. Raimundo Felício: “Essa gréia, ela tem que se fazer numa proporção que ela comece assim, mais larga, e termine em cima um pouco mais estreita que é pra quentura evaporar, queimar bem.”<sup>54</sup> Na base da grelha havia aberturas ou “bocas” por onde a lenha era introduzida durante a queima. O formato era fundamental para que o calor gerado na base se propagasse por toda a estrutura, atingindo todos os tijolos. Na parte externa, as frestas entre os tijolos eram fechadas com barro para evitar perda de calor.

Segundo o Sr. Raimundo Felício, o início da queima também exigia saber e técnica para evitar estragos e garantir a qualidade do processo e, consequentemente, a qualidade dos tijolos: “Nós começava a botar fogo quatro hora da manhã, quando ia se botar a primeira calda já era duas hora da tarde pro tijolo ir tomando aquele calor.”<sup>55</sup> No início da queima, era necessário um aquecimento gradual para só depois introduzirem o que os oleiros chamam de calda, quantidade maior de lenha que fornece um grau de temperatura mais elevado. Essa técnica era necessária para evitar danos ao tijolo que, ainda frio, não poderia ser submetido a uma elevação brusca de temperatura o que causaria rachaduras e quebra.

A queima da grelha era a tarefa mais desgastante para o oleiro. A exposição ao forte calor gerava desgaste físico que se somava ao cansaço acumulado, uma vez que o processo de queima chegava à duração de 24 horas sem intervalos longos, pois, a alimentação da grelha com lenha deveria ser constante. No entanto, se esta era uma tarefa cansativa, o

<sup>54</sup> Raimundo Felício Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, em 03/08/2010.

<sup>55</sup> Idem.

desgaste diminuía, quando os oleiros partilhavam esse momento com outras pessoas que participavam do evento, como narrou o Sr. Cid:

Era, juntava ali oito, dez, iam pra lá com uma canazinha. Bebia; uma carnezinha torrada, tinha cabra que saia de lá tonto. É, era animado... era os amigos mesmo.

- Vão queimar quando?

- Sábado.

- Nós tâmo lá. Tem uma pingazinha?

- Tem.

- Nós tâmo lá.

Pronto, era festão. As vezes tinha até toque de violão, um cabra tocando... No meio da várzea não, mas por aqui, moça sempre tinha, era divertido.<sup>56</sup>

Expressando valores morais, o entrevistado teve o cuidado de afirmar haver a presença de mulheres apenas nas queimas de grelhas localizadas mais próximas das áreas habitadas, indicando que os namoros também faziam parte desse evento. A queima da grelha, muitas vezes, contava com a presença de pessoas da localidade que partilhavam comidas e bebidas, cantoria de viola, contavam histórias, ou ainda, encenavam situações engraçadas. Para além das diversões, alguns convidados auxiliavam na árdua tarefa de alimentar com lenha as bocas da grelha sob a orientação dos oleiros que controlavam o fogo, assim, o lúdico e o trabalho se imbricavam.

Na olaria onde trabalhava Seu Bibiu esse evento não era diferente, segundo ele mesmo narrou: “Agora a queima da grelha era meio puxada, mas a gente... juntava gente que era um horror pra ver as trapaíada, logo a gente fazia muita estripulia.”<sup>57</sup> A queima da grelha de Seu Bibiu e seus companheiros era concorrida por ser um espaço de diversão garantida, devido a criatividade do grupo expressada pelo entrevistado através da exposição das várias brincadeiras que eles promoviam, como, por exemplo, uma encenação da Paixão de Cristo:

Teve uma noite que pelejaro. Paixão de Cristo. Ricardo era Cristo, os soldados tudim armado com ponta de pau, pau feito ponta. E aí, adquirimo dois pau e fizemo uma cruz e amarremo essa cruz com arame e butemo Ricardo nesse pau e levantemo. E Ricardo [risos] ficou lá em cima, pendurado nessa cruz e esses cabras cutucando... mas era de todo mundo morrer de achar graça.<sup>58</sup>

<sup>56</sup> Luis Moreira Filho. Entrevista realizada na localidade de Miguel Pereira, Distrito de Flores em 20/07/2010.

<sup>57</sup> Francisco Sabino Filho. Entrevista realizada na localidade de Flores em 10/10/2010.

<sup>58</sup> Idem.

Além da Paixão de Cristo, seu Bibiu falou sobre encenações de comício e de uma situação de emergência, quando socorreram um colega mordido de cachorro:

Aí, quando foi lá pelas tanta. Da meia-noite em diante, aí, inventemo. Zé de Pifânio saiu por acolá. Quando chegou com um tijolo a tiracolo, amarrado numa paia,[cordão feito com a folha da carnaúba]. Era um guarda da SUCAM. Perguntou:

- Aqui, por aqui num tem cachorro não?

- Tem dois cachorro. Zé Manan e Vicente, tem dois cachorrão ali, valente pra porra.

- Aí, vamo buscar esses cachorro.

O cachorro veio e mordeu Benjamim.

- E agora? O que que se faz? O homi tá mordido do cachorro, tem que levar pro hospital.

Butemo Benjamim dentro dum carro de mão véi, e haja correr com Benjamim pra aqui, pra acolá, e num achemo doutor. Aí Zé Manan disse:

- Não. Tem um remédio muito bom! É queimar a mordida, a mordida do cachorro.

- Pois é, vambora.

Foi acolá, pegou um tição de brasa bem aceso. O cachorro tinha mordido mesmo aqui no carcanhar[calcanhar]. Zé manan plantou essa brasa de fogo no carcanhar de Benjamim, chega fumaçou, mesmo como ta ferrando um bicho. [risos] Aí, quando foi de manhã, ói o tamanho da papoca d'água. Mas, aquilo era brincadeira. Benjamim véi foi pra casa manquejando da perna, de um pé. E era isso.<sup>59</sup>

Percebe-se, portanto, que os eventos narrados fornecem informações sobre o universo cultural e sobre situações do cotidiano.

O roteiro da encenação expressa situações da vida real e pode indicar, por exemplo, dificuldades enfrentadas pelas pessoas da comunidade de Flores em conseguirem acesso aos serviços de saúde, por conseguinte, evidencia o costume camponês de recorrer a soluções “caseiras” para curar diversos males.

A imaginação se acentuava ao ponto de os participantes da queima da grelha de seu Bibiu promoverem uma partida de futebol, jogada sem a bola:

---

<sup>59</sup> Francisco Sabino Filho. Entrevista realizada na localidade de Flores em 10/10/2010. A explicação para a referência feita ao guarda da SUCAM se deve ao fato de, naquele período, os moradores de Flores terem contato frequente com os agentes da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública – SUCAM, que desenvolviam ações de combate ao inseto *barbeiro*(*Trypanosoma Cruzi*), transmissor da doença de Chagas.

Uma noite, um jogo de futebol sem bola, viu? Só nós correndo no campo. A mesma lona que nós cubrimo a gréia, espaiemo[esticaram] no *escalvado*<sup>60</sup>. Aí, um jogo sem bola. Era eu, Dodô, Mundola, Zé Manan, Vicente. E lá vai, pra aqui, pra acolá, com esse jogo sem bola. E quando havia gol, era grito pra porra. Aí, dissero, dois a zero prá um. Eu nem me lembro mais como era o nome dos time. Aí, finado Dodô de Lindalva vinha passando, pegou um punhado de terra, rebolou nos meus ói[olhos]. Ô véi! Fiquei ceguinho! Mais aquilo ali era brincadeira, num tinha que ninguém se afobar com ninguém.<sup>61</sup>

Neste evento, como no narrado anteriormente, apesar das agressões, comumente chamadas de “brincadeiras pesadas” que resultaram em queimaduras e areia nos olhos dos envolvidos, ao final tudo acabava sem que ninguém se irritasse, revelando os laços de proximidade entre o grupo. De modo geral, as queimas das grelhas se constituíam em espaços de diversão, de brincadeiras, interação entre os oleiros e moradores locais. No entanto, mesmo não aparecendo nas narrativas, certamente situações conflituosas também podiam ocorrer durante esses eventos.

Mesmo viúvo e morando em uma pequena casa em companhia de um filho adulto, portador de distúrbios psicológicos, as reminiscências de um passado já distante ainda foram capazes de arrancar risadas do entrevistado. Enquanto conversávamos, por alguns instantes, Seu Bibiu pareceu ter sido remetido ao tempo em que compartilhava momentos de sociabilidade, diversão e “estripulias” com seus companheiros de trabalho.

A queima da *grelha* era a última etapa na cadeia produtiva das olarias, a preparação do produto final, quando o oleiro, assim como ocorria no trabalho agrícola, se preparava para colher os frutos do seu trabalho. Em parte, isso explica porque o trabalho e a festa se misturavam durante esses eventos, situação bem exposta pelo entrevistado: “Era a mais divertida, [risos] era a mais divertida porque você já tava, como se diz, realizando o final da coisa, agora quando você começa o primeiro dia, dois milheirozinho de tijolo.”<sup>62</sup> O evento remete, pois, aos rituais e às festas que simbolizam agradecimento ou comemoração devido à boa colheita, eventos muito comuns entre os camponeses.

Outra situação que merece ser analisada, diz respeito às circunstâncias presentes na queima da *grelha* que implicavam no fortalecimento das relações sociais dos grupos de trabalho. Nos mutirões que aconteciam nas olarias, durante esse evento, na troca de bebidas, comidas, ou ajuda de trabalho, havia um simbolismo em que, através da presença, o indivíduo

<sup>60</sup> Escalvado, é a denominação dada a um terreno descampado em meio à várzea. Uma área sem vegetação.

<sup>61</sup> Francisco Sabino Filho. Entrevista realizada na localidade de Flores em 10/10/2010.

<sup>62</sup> Raimundo Felício Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, em 03/08/2010.



afirmava seu pertencimento àquele círculo de relacionamentos, demonstrando afinidade e companheirismo.

Quando os oleiros eram ajudados no trabalho ou, simplesmente, recebiam pessoas para se divertirem durante a queima das *grelhas*, aqueles que estavam promovendo o evento praticamente ficavam obrigados a devolver a ajuda ou participação em eventos promovidos pela outra parte. Desse modo, eram criadas situações de reencontros que acabavam por estabelecer relações baseadas nessa reciprocidade. Esse fato corrobora a observação feita por Lévi-Strauss, quando afirma que “na troca há algo mais que coisas trocadas.”<sup>63</sup> Mais do que troca material, trocavam a presença, o estar junto, a afirmação enquanto membro do grupo. Assim, através de reencontros estabeleciam relações duradouras.

Era dessa forma que se ampliavam e se mantinham os círculos de relacionamentos motivados pela proximidade que fortalecia os laços sociais. A quebra dessa reciprocidade, o não comparecimento do indivíduo diante de um convite, de acordo com os costumes das comunidades camponesas tradicionais, exigia uma explicação, caso contrário se configurava o que o camponês comumente denomina de “desfeita.” Um termo apropriado já que o fato implica desfazer laços relacionais que, comumente, levarão algum tempo para serem restabelecidos.

Os oleiros estavam inseridos num universo campones que, aos poucos, se transformava. Em grande medida, essas transformações eram influenciadas pelo contato que os habitantes da região estabeleciam com contextos mais amplos. Com relação à região do Baixo Jaguaribe, Soares<sup>64</sup> afirma que foi durante o ciclo da cera de carnaúba, quando esse espaço passou, efetivamente, a se integrar ao mercado capitalista, e/ou no mercado internacional. No que diz respeito ao processo de integração do distrito de Flores com outras cidades, este permaneceu ativo mesmo com o declínio do ciclo da carnaúba, uma vez que, sucedendo esse ciclo, a produção de frutas continuou sendo vendida para os mercados da capital cearense ou para o Rio Grande do Norte.

No final da década de 1970 e início da década seguinte, existiam, em Flores, grandes plantações de banana. Os espaços que abrigavam a plantação eram conhecidos como *sítios de banana*, e foram desaparecendo após a última grande enchente que atingiu a localidade no ano de 1985. A plantação de banana era irrigada por inundação, técnica que utilizava grande volume de água, uma vez que parte do líquido era absorvida pelo solo.

---

<sup>63</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 2009, p 98.

<sup>64</sup> SOARES, op. cit. p, 64.

O suprimento de água vinha dos *cacimbões*, grandes buracos arredondados com diâmetro que variava entre 2,5m a 3m, e profundidade que podia chegar a 10m. Forrados com paredes de tijolos, atingiam o lençol freático fazendo acumular a água no fundo da estrutura. Um motor a gásogênio acionava a bomba que *puxava* a água para a superfície. Segundo seu Bibiu, durante o período de implantação dos *sítios de banana*, devido às construções dos *cacimbões*, houve um aumento na demanda ou na “procura” pelos tijolos, fato que representou uma melhora, mesmo que momentânea, nas vendas:

E aí, as coisa foram miorar mais quando pegaro a fazer esses gasogênio, que pegaro a cavar aqueles cacimbão, aí recebemo muita encomenda daquele tijolo grande, deste tamanho! Adocias comprava muito tijolo, encomendava. Esses cacimbão que tem por aqui, tudinho foi nós que batemo o tijolo. Um tijolo que tem deste tamanho [medindo com as mãos], largo, grande, alto. A grade era só um tijolo, e você quando ia engrelhar...<sup>65</sup>

Na construção das paredes dos *cacimbões*, eram utilizados tijolos específicos, com uma das extremidades mais fina, tinham o formato de cunha.



**Figura 5:** Tijolo tipo cunha usado em estruturas arredondadas como os antigos *cacimbões* e nas chaminés das fábricas de cerâmica. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2011.

Quando agrupados, os tijolos davam um formato circular a estrutura, ao mesmo tempo, proporcionavam a segurança à parede. O formato de cunha, com a parte maior voltada

<sup>65</sup> Francisco Sabino Filho. Entrevista realizada na localidade de Flores em 10/10/2010.

para fora, evitava que a estrutura se fechasse, o que poderia ocorrer se a parede tombasse devido à pressão externa, exercida pelo solo.

Com relação ao desenvolvimento de atividades econômicas nos núcleos urbanos do Vale do Jaguaribe, de acordo com Cicinato Ferreira, esse crescimento foi expressivo a partir dos anos 1950, “estimulado diretamente pelo melhoramento de estradas e o fortalecimento do intercâmbio com outras regiões do Ceará e do Brasil.”<sup>66</sup> No que se refere ao Distrito de Flores, os caminhoneiros que transportavam a produção de limão, laranja ou banana foram, em grande medida, responsáveis pela integração e, portanto, pelo intercâmbio local com outras regiões.

A partir da década de 1980, esses profissionais conseguiram abrir o mercado de outras regiões também para o produto cerâmico, permitindo que a maior parte da produção, sobretudo de telhas, fosse vendida para Fortaleza e para cidades do Estado da Bahia, como Cândido Sales e Feira de Santana. Esse foi um importante fator que permitiu a viabilidade da *atividade ceramista*.

Por fim, outro aspecto não menos importante. Sobretudo na margem direita do Rio Jaguaribe, que corta o Distrito de Flores, existem áreas onde se localizam as várzeas, cuja predominância é o solo de aluvião,<sup>67</sup> propício para o fabrico de objetos e utensílios de barro. Segundo Eliezito Mendes, “pelo alto grau de plasticidade que essa matéria-prima apresenta, no universo das cerâmicas, vários produtos podem ser fabricados em diversos modelos (telhas, tijolos, combogós, lajotas, etc.).”<sup>68</sup> A característica do meio natural, apresentando argila adequada, água disponível em poços com pouca profundidade e vegetação para ser utilizada como lenha, viabilizava a produção de peças de cerâmica.

A existência de recursos naturais, as experiências acumuladas no trabalho com o barro, as quais os oleiros se dedicaram por gerações seguidas, as relações de comércio estabelecidas com outras cidades, o crescimento da demanda por telhas e tijolos e o aproveitamento de recursos já disponíveis e utilizados em outras atividades criaram um conjunto de elementos fundamentais para que a atividade ceramista se tornasse um negócio atrativo. Assim, fatores internos e externos à localidade, influências de outros contextos,

---

<sup>66</sup> CICINATO, Ferreira Neto. **Estudos de história Jaguaribana**: documentos, notas e ensaios diversos para história do baixo e médio Jaguaribe. Fortaleza: Premium, 2003., p, 453.

<sup>67</sup> Os aluviões são terrenos formados por cascalho, areia e argila, frequentemente nas margens ou foz dos rios, fruto da erosão e das enchentes.

<sup>68</sup> MENDES, Francisco Eliezito de L. **Organização do Espaço, Indústria e Meio Ambiente no Distrito de Flores, Russas, CE**. Monografia apresentada no curso de Especialização em Educação, Ciências e Ética na humanização do Meio Ambiente. FAFIDAM – UECE. 2001. p 37.

somadas aos saberes e técnicas utilizadas pelos trabalhadores, passavam por adaptações e faziam com que a *atividade ceramista* se tornasse viável no Distrito de Flores.

Um exemplo dessas adaptações ocorreu durante o teste no qual o Sr. José Obedes tentou, pela primeira vez, produzir o tijolo por processo mecânico. Nesse processo, a tecnologia anteriormente empregada na atividade de exploração da cera de carnaúba ganhou outra utilidade. A força motriz para o novo mecanismo foi fornecida por uma máquina que era utilizada para fazer o corte da palha da carnaúba e extração do pó cerífero.

Segundo o Senhor Obedes: “Nós num tinha motor elétrico, num tinha nada. Finado Ademar arrumou a máquina de cortar palha, eu montei essa máquina em cima da máquina de cortar palha pro motor a óleo puxar.”<sup>69</sup> O que podemos extrair desse fato? A tecnologia, ainda incipiente, utilizada durante o ciclo da carnaúba passava a servir a outro propósito: à produção de telhas e tijolos por processo mecânico. Ou seja, ocorreu uma apropriação de antigas tecnologias que foram adaptadas e passaram a ser empregadas num outro contexto.

O Sr. José Obedes era dono de uma pequena oficina mecânica, mesmo dotada de poucos recursos, era dali que, cotidianamente, tirava seu sustento e de sua mãe, pela qual era responsável.

Aproximadamente, aí por 1981 pra 82. Num tô bem lembrado não. Isso começou por um acaso. Eu tinha a oficina né? trabalhava na oficina. Macarrão chegou com um carro de mão pra reforçar. Ele ia bater um tijolo, e falei pra ele.

- Macarrão, será que num daria pra gente fazer uma máquina pra bater esse tijolo?

- Como?

- Rapaz, num tem a máquina que faz telha?<sup>70</sup>

Numa dessas pulsões que emergem no cotidiano, alimentadas pela vontade do mecânico de vencer os obstáculos que a vida lhe impunha, surgiu o questionamento sobre a possibilidade da produção mecanizada de tijolos. Com poucos recursos, se associou ao Sr. José de Fátima Lima, o “Macarrão.” Mesmo com ajuda financeira, muitas vezes foi necessária inventividade para superar o desafio de montar aquela que seria a primeira fábrica de cerâmica no Distrito de Flores, fato que será abordado no capítulo seguinte.

<sup>69</sup> José Obedes Mendes, entrevista realizada no distrito de Flores, no dia 20/06/2010.

<sup>70</sup> Idem.

## **CAPÍTULO 02: O ADVENTO DAS FÁBRICAS: O PROCESSO DE MECANIZAÇÃO DA ATIVIDADE CERAMISTA**

Até o início da década de 1980, no Distrito de Flores, a produção de cerâmica era realizada exclusivamente de forma manufaturada pelos oleiros. Com relação à Sede do Município de Russas, o processo de mecanização já estava em andamento desde o ano de 1964. Foi nesse ano que, segundo Lima,<sup>71</sup> o Sr. Scipião Maia e seu irmão João Scipião Filho, instalaram a primeira *cerâmica* no Município de Russas. Dez operários passaram a trabalhar na fábrica, auxiliados por uma máquina que foi idealizada e fabricada pelos dois irmãos.

A principal máquina usada no processo de fabricação das peças de cerâmica é chamada de extrusora.<sup>72</sup> Nesta, o barro passa pelo processamento final que envolve, além da trituração, a retirada do ar a vácuo. Por fim, ocorre a compactação do material e expulsão deste para o exterior da máquina num processo denominado extrusão. As extrusoras de ponta eram vendidas por empresas localizadas no sul do país. Naquele período, havia preferência pela máquina “tubarão,” que levava esse nome por ser fabricada na cidade de Tubarão, no estado de Santa Catarina.

A extrusora de ponta se constituía num diferencial, sendo determinante na quantidade e qualidade da produção. Devido ao custo elevado, implicava, inclusive, num fator de *status* para o proprietário da fábrica que a possuía.

---

<sup>71</sup> LIMA, Humberlúcia da Silva. **O trabalho nas cerâmicas de Russas**. Limoeiro do Norte. Monografia apresentada no curso de História. FAFIDAM – UECE. 2003. p 09.

<sup>72</sup> A máquina tipo extrusora se assemelha a um grande moinho, com caixão de alimentação, por onde entra o material a ser processado. Depois de ser triturado no caixão, o material cai num tubo onde será empurrado por roscas ou *fuso* que giram no interior do tubo, expulsando o material por uma saída. Nas máquinas usadas nas *cerâmicas*, essa saída recebe o nome de *boquilha* e, de acordo com seu formato, são definidas os tipos de peças a serem produzidas: telhas, tijolos, lajotas, combogós, manilhas, etc.



**Figura 6:** Máquina extrusora. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2011.

## 2.1 – A ARTE DE “SE VIRAR”: A FALTA DE RECURSOS COMO MOTOR DA INVENTIVIDADE.

O alto custo da máquina extrusora, somado às despesas com transporte, dificultava o acesso a esses equipamentos de ponta, levando os primeiros *ceramistas* a buscarem a fabricação destes equipamentos nas oficinas de metalurgia da região, principalmente, no município de Tabuleiro do Norte.<sup>73</sup> A necessidade de consertos eventuais e realização de manutenções periódicas no maquinário das cerâmicas, posteriormente, levaram ao desenvolvimento das oficinas de metalurgia no Distrito de Flores.

A primeira máquina destinada à fabricação de tijolos no Distrito de Flores foi adquirida no ano de 1981, pelo Sr. José Obedes juntamente com o Sr. José de Fátima, ou “Macarrão”, como é mais conhecido. Sobre esse evento, narrou o Sr. José Obedes:

Já sabia que tinha a máquina que fazia telha né? Que tinha Zé Ribamar já fazia telha na Lagoa das Caruaúbas, mas eu nunca tinha visto né? Aí, acho que se faz telha a gente podia fazer tijolo. Daí fumo olhar, lá em Zé Ribamar, as máquina fazendo telha, e deu essa idéia de fazer a máquina. Daí fumo a Tabuleiro arrumar (...) Zé Ramos era fabricante de máquina, fumo lá. Eu só tinha uma taiadeira, uma serra e uma máquina de solda e nem um tostão no bolso.<sup>74</sup>

<sup>73</sup> Esse município se destaca na região por abrigar grande número de profissionais caminhoneiros. A necessidade de manutenção da frota de caminhões pesados fez desenvolver as oficinas de metalurgia.

<sup>74</sup> José Obedes Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, município de Russas, no dia 20/07/2010.

José Ribamar a quem se refere o entrevistado foi o precursor na utilização de máquinas no processo de fabricação de telhas no município de Limoeiro do Norte. Observando o funcionamento do maquinário ainda incipiente, pertencente ao Sr. Ribamar, o Sr. Obedes conseguiu noções do processo que pretendia implantar em Flores. Citando os poucos equipamentos que possuía em sua pequena oficina, procurou expressar as restrições financeiras que traziam obstáculos ao seu empreendimento.

Segundo o entrevistado, foi necessário esforço e persistência diante das dificuldades que ocorreram desde a aquisição dos primeiros equipamentos, o transporte destes para Flores, até a montagem e realização do teste inicial:

Ganhei um dinheiro enchendo umas balança dum carro. Com esse dinheiro fumo pra Tabuleiro. Compremo um fuso e um tubo duma máquina que tava no ferro velho, que Zé Ramos num queria mais. Na época esse mil real(...) num sei nem o que era, era mil cruzeiro, sei que era mil. Era uma pobreza tão grande que nós fumo de bicicleta pra Tabuleiro e o dinheiro que nós tinha só deu pra fretar uma belina pra trazer até Limoeiro. Em Limoeiro tinha um ônibus que fazia a linha pra Serra, butemo dentro desse ônibus e descemo aqui né? Meu amigo, a expectativa pro teste, pra sair escondido, pra ninguém ver, e fumo fazer esse teste lá nos barreiros de Mundola.<sup>75</sup>

Os materiais comprados num ferro velho, no município de Tabuleiro do Norte, foram adaptados pelo Sr. Obedes para montagem de sua primeira e rudimentar máquina, que ele tentava assemelhar às extrusoras já descritas. Para além das dificuldades expostas pelo entrevistado, ainda havia o descrédito e as críticas vindas de pessoas da localidade, fato que explica porque foi adotada a estratégia de realizar o teste de sua máquina longe dos olhares curiosos.

O maquinário que fazia o corte e extração do pó da palha de carnaúba utilizava um motor a óleo. Atrelando um desses motores a volante de sua máquina, José Obedes obteve a força motriz que precisava se utilizando dos poucos recursos tecnológicos disponíveis naquele período. Ao se apropriar de recursos tecnológicos anteriormente usados na atividade de exploração da cera de carnaúba, o Sr. José Obedes deu novas utilidades a antigos objetos. Ocorreu uma adaptação no uso desses mecanismos que foram colocados a serviço da *atividade ceramista*, sendo necessárias varias tentativas, improvisações e ajustes nos equipamentos, para atingir o novo objetivo.

---

<sup>75</sup> José Obedes Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, município de Russas, no dia 20/07/2010.

Comumente chamadas de *gambiarrras*,<sup>76</sup> as improvisações às quais o Sr. Obedes recorria lhe renderam a fama de ser desorganizado. No entanto, se não podia comprar o maquinário, era necessário ele mesmo fazer.

A *gambiarra* é o recurso utilizado para realizar algo mesmo quando não se dispõe de equipamentos específicos para efetivar tal ação. É a arte de “se virar”, de improvisar, fazer com o que se dispõe, às vezes com restos, às vezes com materiais que são adaptados a funções para as quais não foram criados. Representa a economia de materiais, através da reutilização de objetos que, uma vez usados ou desgastados, passariam a ser considerados como lixo, descartáveis ou inúteis. De modo geral, recai sobre essa prática um sentido pejorativo, seja pelo risco de acidentes que podem representar aos usuários, por estar na contra mão do consumo e valorização do novo, ou por ser relacionada à clandestinidade.

Ao mesmo tempo em que simboliza um desvio de uma lógica, na qual prevalece o consumo do novo e de uma estética que o mercado tenta impor, os usos de objetos e materiais alternativos, em grande medida, tiram o indivíduo da condição de consumidor passivo, lhe conferindo o estatuto de criador. Isso ocorre quando o indivíduo deixa de comprar determinado objeto para construir seus próprios equipamentos, ou ainda, quando faz adaptações na utilização dos objetos que adquire, fazendo uso não da forma padrão, mas da forma que melhor lhe convém e atende as suas necessidades.

Um exemplo claro de adaptação ocorreu na montagem da chaminé da primeira *cerâmica* na localidade de Flores. Na impossibilidade de construir uma estrutura de alvenaria, o Sr. Obedes retirou o fundo e a tampa de galões de 200 litros, e após emendar com solda, um sobre o outro, o resultado foi uma estrutura tubular, que colocada de pé na saída dos fornos, passou a servir como chaminé.

O uso de *gambiarrras* é uma constante no cotidiano de pessoas privadas do acesso a equipamentos básicos, que usam de inventividade para resolverem determinados problemas, “criando” uma solução para tais. Soluções aparentemente simples que podem ser fundamentais para suprir necessidades dos usuários. Enfim, as *gambiarrras* são improvisações que ajudam a detectar a criatividade e compreender as formas como várias pessoas conseguem se apropriar de recursos limitados, vencendo obstáculos do dia a dia.

No *quintal* da casa onde morava, havia uma grande mangueira cuja folhagem forneceu a sombra onde foi montada a máquina. Um pequeno motor utilizou energia elétrica

---

<sup>76</sup> Gambiarra é o nome dado a extensão de fio elétrico com lâmpada que pode ser movida para diversos locais. Também é a denominação dada as ligações clandestinas de energia, consertos feitos com arame, entre outros improvisos.



de uma residência próxima para mover a máquina e produzir tijolos. Na fase inicial da empreitada, o Sr. Obedes enfrentou dificuldades para implantar a produção mecanizada das peças de cerâmica.

Aí começou, e fumo tocando. Aí num deu certo, fizemo uns tijolos, mas a produção era muito pequena, e num secava, e quebrava demais. Daí que a gente viu que tijolo era muito complicado, aí vamo mudar pra telha, tentar fazer telha, mas foi um sacrifício medonho... fazer telha sem vácuo, naquela época meu amigo, mas a gente fazia aí.<sup>77</sup>

Foi através do improviso, da tentativa e erro que foram criados e aperfeiçoados muitos equipamentos utilizados nas fábricas de telhas e tijolos. A produção de tijolos era pequena, principalmente, porque utilizava maior quantidade de matéria-prima. Diante das dificuldades na obtenção de tijolos, passou a haver uma preferência maior pela produção de telhas.

No entanto, para o entrevistado, a fabricação de telhas também implicava em grandes dificuldades, sobretudo, no que se referia ao processo de produção a vácuo, quando a compactação do material é alcançada com a retirada do ar contido no barro. Esse processo é realizado com o bombeamento de pequena quantidade de água que, ao passar por uma parte da máquina chamada de câmara de vácuo, retira o ar do barro. A aplicação desse processo dá uma textura melhor ao material, mas, a máquina disponível não permitia efetivá-lo. Segundo o Sr. Obedes, as primeiras telhas foram produzidas sem o processo de vácuo:

Até que eu fui bem fazendo telha, uma telha boa, sem vácuo. Só que tudo era muito caro, mas era uma telha boa, que Adocias começou a ver a telha e levou uma amostra pra Bahia e pegou bem, aí começou ele e Valdenir a carregar telha, e levava pra Lauro(...) Cândido Sales, extrema da Bahia com Minas. Adocias viu que a coisa tinha futuro. Aí foi partiu pra botar uma cerâmica também. Aí eu lembro, depois se abriu um mercado lá pra Feira de Santana, saia muita telha pra aquela região também. Foi aí, nesse período com essa maquinazinha que eu fiz; aí criei um sanguezinho, comprei um carro pra lenha, compramos uma caçamba e a coisa foi.<sup>78</sup>

Durante a entrevista o Sr. Obedes deixou transparecer seu orgulho, se referindo às suas realizações. Quando afirmou ter criado “um sanguezinho” significa que sua situação

---

<sup>77</sup> José Obedes Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, município de Russas, no dia 20/07/2010.

<sup>78</sup> Idem.

financeira havia melhorado, fato que fica evidente diante das aquisições patrimoniais feitas pelo mesmo.

As fábricas de cerâmica instaladas na década de 1980, na localidade de Flores, produziam, principalmente, a telha do tipo colonial, cujo processo produtivo mecanizado ocupava mais de 20 operários distribuídos em funções sequenciadas e distintas, que serão descritas adiante.

O espaço das *cerâmicas*, bem mais amplo se comparado ao ocupado pelas olarias, era composto de dois campos, um destinado ao preparo e armazenamento do barro e outro para secagem da produção. Galpões cobertos abrigavam máquinas e estocavam a produção antes de seguir para secagem. Nesses galpões também funcionavam pequenas oficinas onde eram realizados os consertos dos equipamentos, principalmente, envolvendo soldagem.

A água de beber ficava armazenada em potes de barro. Não haviam banheiros ou espaços destinados à distribuição e consumo da merenda, composta sempre por rapadura e bolachas que era fornecida no turno da manhã.

Com relação ao maquinário, além da extrusora, que precisava ser alimentada para produzir a telha ou tijolo, outros equipamentos passaram a dividir o espaço de produção com a mão de obra humana. O carro de mão era utilizado pelo *carregador de barro* para trazer a matéria prima que era depositada num lastro de madeira denominado *banca*. Nessa *banca* havia uma abertura por onde era feita a alimentação de um equipamento chamado *laminador*, composto basicamente por dois grandes cilindros metálicos que giravam próximos um do outro em sentidos contrários. Um operário utilizava uma enxada para puxar o barro até a janela de alimentação do *laminador*. Ao passar entre os dois cilindros o barro era triturado.

Depois de triturado o barro caía numa esteira que conduzia o material até a *boca*, forma como é chamada o caixão alimentador da máquina. A quantidade de barro que alimentava a máquina era fundamental para o ritmo da produção. Esse controle era feito com a parada ou liberação da esteira, e ficava a cargo do dono da *cerâmica* ou do gerente. Depois de processado na extrusora, o material era expelido pela *boquilha*.

Na sequência, um equipamento chamado cortador exigia prática do trabalhador que o operava, pois, eram necessários movimentos sincronizados para movimentar partes articuladas do equipamento. Nessa etapa do processo, ocorria o corte do material dando o tamanho padrão da peça produzida. A última etapa envolvendo equipamentos era o lanceamento, quando operários chamados de *lanceadores* utilizavam uma fôrma chamada cágado, que servia para dar o formato curvado e afunilado da telha com uma das pontas mais larga e outra mais estreita.

Os *lanceadores* colocavam a telha em grades de madeira que eram levadas pelos *gradeiros* para áreas de armazenagem nos galpões. Colocadas uma sobre a outra, as grades permitiam estocar a produção ocupando pouco espaço. Nessa etapa ocorria a perda do excesso de umidade, quando as peças estariam prontas para serem levadas ao campo pelos *secadores*.



**Figura 7:** Lote de grades com telhas saídas da produção. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2011.

Quando as grades eram espalhadas no campo, expondo as peças ao calor do sol, ocorria a secagem final. Só então a produção poderia seguir para os fornos onde era organizada pelos *arrumadores*, enquanto os *forneiros* ficavam responsáveis pela queima. Em alguns casos, trabalhadores acumulavam essas duas funções, arrumando e queimando as peças de cerâmica.

Depois de queimadas ou “cozidas” a produção era retirada para áreas de estocagem, ou diretamente embarcada nos caminhões que transportariam as peças para o destino da venda. Essa tarefa podia ser penosa, pois, muitas vezes a pressa para embarcar a produção nos caminhões ou a necessidade de esvaziar o forno para ser novamente cheio, levava os trabalhadores a fazerem retirada da produção antes do resfriamento do forno. Dessa forma, se expunham a altas temperaturas, ao barulho de um ventilador e à poeira.

Todas as atividades que completavam o ciclo de produção ocupavam um quadro de funcionários que podia variar entre 30 a 40 pessoas.

Se no passado, a produção das olarias estava voltada para atender a demanda local, na década de 1980, os *ceramistas*<sup>79</sup> do Distrito de Flores obtiveram lucros significativos, vendendo a produção, principalmente, para outras cidades do Ceará e do Estado da Bahia.

<sup>79</sup> Denominação dada aos empresários donos de *cerâmicas*.

Esse fato atraiu o interesse de outros empreendedores, que se tornaram responsáveis pelo grande número de fábricas construídas no período.

No início do processo de mecanização da *atividade ceramista*, a utilização de tecnologia antes empregada na atividade de exploração da cera de carnaúba, remete a reflexão sobre uma hipótese que se apresentava no início dessa pesquisa. A premissa considerava os primeiros proprietários das *cerâmicas*, como sendo antigos donos de carnaubais que, diante do declínio na atividade de exploração da cera de carnaúba, teriam migrado para a *atividade ceramista*.

No que se refere ao Distrito de Flores, informações colhidas através da aplicação de questionários sobre o setor ceramista, expostas na tabela abaixo, permitiram desconstruir essa hipótese, ao demonstrarem que, antes de se tornarem *ceramistas*, apenas o Sr. Clóvis Maia e seu irmão Assis Maia, eram proprietários de carnaubais, este último, dono de uma máquina que realizava o corte e extração do pó da palha da carnaúba.

**TABELA 1 – INFORMAÇÕES SOBRE DATAS DE CONSTRUÇÃO DAS CERÂMICAS DO DISTRITO DE FLORES<sup>80</sup>**

| NOME POPULAR                         | ANO DE CONST. | ANTIGA OCUPAÇÃO DO PROPRIETÁRIO |
|--------------------------------------|---------------|---------------------------------|
| 1. Cerâmica I Zé Obedes / Desativada | 1981          | Mecânico                        |
| 2. Cerâm. do Valdenir                | 1982          | Caminhoneiro                    |
| 3. Cerâm. do Ambrósio (Desativada)   | 1984          | Funcionário público             |
| 4. Cerâm. do Zacarias                | 1985          | Comerciante                     |
| 5. Cerâm. do Marcondes               | 1986          | Pedreiro                        |
| 6. Cerâm. do Clóvis                  | 1986          | Caminhoneiro                    |
| 7. Cerâm. do Adocias                 | 1986          | Caminhoneiro                    |
| 8. Cerâm. do Zé Maria de Arister     | 1987          | Agente da SUCAM                 |
| 9. Cerâmica. II Zé Obedes            | 1989          | Mecânico                        |
| 10. Cerâm. do Arlindo                | 1989          | Caminhoneiro                    |
| 11. Cerâm. do Assis Maia             | 1990          | Agricultor                      |

Das 20 *cerâmicas* construídas no Distrito de Flores, de 1981 até o tempo presente, 18 (dezoito) encontram-se em funcionamento e (02) duas foram desativadas. O principal

<sup>80</sup> De modo geral, há uma personificação do proprietário no nome das cerâmicas, sendo raro conhecê-las pela razão social.

motivo para a desativação foi o fato de estas estarem situadas em áreas centrais que, com o passar do tempo, foram mais densamente povoadas e urbanizadas.

Observando o ano de construção, incluindo as *cerâmicas* já desativadas, que pertenciam ao Sr. Obedes e Sr. Ambrósio, esta é a situação: (11) onze foram construídas no decorrer da década de 1980, enquanto as demais, (09) nove no total, foram construídas num período de 19 anos, entre 1991 e 2010. Portanto, a década de 1980 concentrou o surgimento de mais da metade das 20 fábricas construídas ao longo de três décadas no Distrito de Flores. No mesmo período, o surgimento das primeiras fábricas levou ao aprimoramento do maquinário utilizado, uma vez que, cada novo empreendedor, ao montar sua fábrica, procurava corrigir falhas observadas nas já existentes.

Além do mecânico Obedes, principalmente, caminhoneiros e comerciantes estavam entre os primeiros a montarem *cerâmicas* em Flores. Mesmo que alguns destes fossem proprietários ou filhos de proprietários de carnaubais, não havia presença considerável de remanescentes do ciclo da carnaúba entre os *ceramistas*. Essa constatação permite afirmar que não houve uma migração dos “senhores dos carnaubais”<sup>81</sup> para a *atividade ceramista*. Todavia, no Distrito de Flores, essa atividade emergente passou a representar uma alternativa, diante da desvalorização que atingia a cera da carnaúba, ocasionada pelo surgimento da cera sintética que passou a ser utilizada pela indústria.

Entre os primeiros *ceramistas* do Distrito de Flores, também não aparecem antigos oleiros. O pouco recurso financeiro que estes possuíam, limitava os investimentos necessários para construírem uma *cerâmica*. Faltava aos oleiros a apropriação dos equipamentos e das novas técnicas empregadas na produção mecanizada. Somando-se a isso, a lógica do trabalho disciplinado das fábricas, se distanciava do ritmo ao qual estavam acostumados e da autonomia de que usufruíam. Essas foram as principais causas da opção dos oleiros por continuarem trabalhando nas antigas olarias. Questões que serão exploradas mais adiante.

O que ocorreu foi o surgimento de uma nova categoria de pequenos empresários. De modo geral, com idade inferior a 50 anos, na grande maioria, filhos de proprietários de grandes faixas de terra, tinham a vantagem de possuírem terrenos onde puderam construir a *cerâmica* e fazer a retirada da matéria prima. A necessidade de espaços livres para a construção das fábricas e a crescente exploração de áreas para retirada de argila levou a

---

<sup>81</sup> SOARES, Op. cit. O autor usa o termo para denominar os proprietários de carnaubais, possuidores de grande prestígio social durante o ápice do ciclo da carnaúba.

*atividade ceramista* a se configurar como principal responsável pela derrubada de carnaubais. Segundo afirmou Adriana Lima;

Em Russas, principalmente, a indústria ceramista cresce dia após dia, o desmatamento de carnaubais já é extremamente visível e assustador, os proprietários de terras com carnaubais vêm mais lucros em vender o barro que é utilizado como matéria-prima na produção de telhas e tijolos do que arrendar os carnaubais uma vez por ano.<sup>82</sup>

Lima analisou a atividade de exploração da cera de carnaúba no Município de Russas e observou que se, na primeira metade do século XX, havia uma prática recorrente de exploração ou, com a desvalorização da cera da carnaúba, o arrendamento dos carnaubais. Nesse contexto essa palmeira perdeu importância econômica, se tornando comum, sobretudo após a década de 1970, a destruição dessa árvore nativa diante da retirada do barro para utilização nas fábricas de cerâmica.

Os caminhoneiros responsáveis pelo transporte e, em muitos casos, pela compra e venda da produção das *cerâmicas*, passaram a conhecer as melhores rotas de escoamento e estabelecer relações de fidelidade com compradores. Percebendo as possibilidades de lucro, muitos resolveram investir na *atividade ceramista*, o que também ocorreu com vários comerciantes locais.

Desfrutando de algumas vantagens, os primeiros *ceramistas* de Flores conseguiram acumular bens e constituir patrimônios consideráveis para o padrão dos moradores locais. Ocupando posição de destaque social, eram frequentemente convidados para eventos como cantorias e leilões, em que costumeiramente davam gorjetas aos cantadores ou arrematavam as prendas. O *status* social ainda se traduzia nas antigas relações de compadrio, sendo grande o número de crianças da localidade que se tornavam *afilhados* dos *ceramistas*.

Quanto ao *status* econômico dos *ceramistas*, este se materializava nos casarões construídos pelos mesmos, nas motocicletas, carros de passeio e utilitários, sendo comum, a

---

<sup>82</sup> LIMA, Adriana Ribeiro. **Trabalhadores da carnaúba:** paisagem cultural e modos de vida dos camponeses em Russas-CE na primeira metade do século XX. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ce. 2007., p, 110. O arrendamento consiste na prática de ceder um terreno ou, como nesse caso, o carnaubal, para ser explorado por terceiros. O proprietário recebe a renda como pagamento, ou seja, uma porção do resultado obtido pelo rendeiro. No caso do produto final ser dividido pelas duas partes, diz-se meeiros.

*pick up* modelo D-20. Também eram os primeiros a adquirirem aparelhos como videocassetes, antenas parabólicas e máquinas filmadoras. Equipamentos que, na localidade de Flores, ainda eram raros naquele período.

Entre as aquisições feitas para modernizar a produção, estavam os caminhões para o transporte das peças até o destino da venda e caminhões tipo *caçamba*, usados no transporte do barro, além de máquinas escavadeiras e extrusoras mais aprimoradas. Diante das melhorias nos equipamentos, ocorreu o aperfeiçoamento da *atividade ceramista*. No entanto, o novo contexto exigia uma re-engenharia que promovesse mudanças mais profundas no setor, diminuindo perdas e prejuízos ao meio ambiente.

## **2.2 - FATORES PROPICIADORES AO DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE CERAMISTA**

Para melhor entender esse período no qual a *atividade ceramista* deslanchou na localidade de Flores, é necessário expor uma ampliação sobre o contexto presente na década de 1980. A intenção é estabelecer conexões entre aspectos presentes no Distrito de Flores e na Região do Baixo Jaguaribe, com situações que se desenrolavam em contextos mais abrangentes.

Como já expus, os programas de incentivo ao desenvolvimento da Região do Baixo Jaguaribe, implementados pelo Governo do Estado, estavam direcionados, sobretudo, à modernização da agricultura. A falta de recursos para aplicação em outras atividades tornava difícil, no sistema bancário, o acesso a recursos para investimento na *atividade ceramista*.

No contexto da década de 1980, o Brasil interrompia um período de desenvolvimento e passava a enfrentar uma crise econômica que se estendia por toda a América Latina. Dívida externa, inflação, altas taxas de juros, crise estatal. Esses fatores, presentes naquele período, ilustram bem por que alguns estudiosos, principalmente, economistas passaram a se referir a década de 1980 como “a década perdida”.<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> FRANCO, Gustavo H. B. **A década perdida e a das reformas**. Disponível em: [www.econ.puc-rio.br/gfranco/a48.htm](http://www.econ.puc-rio.br/gfranco/a48.htm). Acesso em 26. nov. 2011.

No entanto, os números referentes à economia mostram que regiões do País e Estados da Federação apresentavam variações no interior dessa situação de crise. Nesse sentido, os números apontam que, entre 1980 e 1990, a taxa média anual de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), da Região Nordeste (4,4) foi superior a média nacional (2,7).<sup>84</sup>

A média anual de crescimento do PIB do Ceará atingiu (5,9%), se destacando entre Estados possuidores de grandes economias da região, como Bahia (4,7%) e Pernambuco (4,3%). Os valores do PIB do Ceará elevaram o Estado ao posto de terceira maior economia nordestina ao longo da década de 1980<sup>85</sup>. Esses números ainda ajudam na constatação de que o Estado da Bahia, maior consumidor das peças de cerâmica produzidas no Distrito de Flores, também alcançou crescimento numa relação com o contexto nacional daquele período.

Nesse cenário, a economia do Estado do Ceará se destacava em relação aos números da Região Nordeste que, por sua vez, apresentava bons resultados numa comparação com a média nacional. Outros fatores presentes no nível local influenciavam o desenvolvimento da *atividade ceramista* e compensavam os problemas econômicos localizados em contextos mais amplos. Enfim, havia predominância de uma situação de crise no país que era relativizada diante do dinamismo e do contexto onde se inseria o setor cerâmico.

Em primeiro lugar, a alta demanda pelas peças fabricadas garantia a venda de toda produção, criando uma situação de vantagem para o *ceramista*, que podia se impor durante as negociações de seu produto. Segundo o Sr. Obedes:

Quando ligavam pra mim da Bahia:  
- Zé Obedes, quanto é o milheiro de telha?  
Eu digo:  
- Não é menos de um salário mínimo.  
Quando chegava a entre safra, ali do inverno, ela pinotava pra um salário e meio.<sup>86</sup>

A demanda acentuada, aliada à baixa concorrência, permitia aos donos das *cerâmicas* fixarem um preço elevado a seu produto, tendo o valor do salário mínimo como referência para o preço do milheiro de telhas. O período invernosso deixava o barro amolecido

---

<sup>84</sup> GOMES, Gustavo Maia. VERGOLINO, José Raimundo. **A Macroeconomia do Desenvolvimento Nordeste**: 1960/1994. Rio de Janeiro: IPEA, mai. 1995, p. 32. Disponível em: [desafios2.ipea.gov.br/pub/td/1995/td\\_0372.pdf](https://desafios2.ipea.gov.br/pub/td/1995/td_0372.pdf). Acesso em 06 fev. 2011.

<sup>85</sup> Idem, ibidem.

<sup>86</sup> José Obedes Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, município de Russas, no dia 20/07/2010.



e dificultava a secagem das peças, causando queda na produção, o que explica o aumento no preço das telhas nesse período.

Em segundo lugar, a disponibilidade de mão de obra para uma atividade que não necessitava de trabalhadores especializados, acabava barateando o valor pago aos operários e, consequentemente, baixava os custos da produção. A disponibilidade de recursos naturais facilitava aos *ceramistas* o acesso à água, ao barro e à madeira que seria queimada nos fornos de suas fábricas. Para além dos recursos naturais, os primeiros *ceramistas* se apropriaram do saber utilizado pelos oleiros, construído na longa tradição do trabalho com o barro, que permitia transformar essa matéria-prima em peças de cerâmica.

Dessa forma, o material e o imaterial se constituíram as bases sobre as quais se instalou e se desenvolveu a *atividade ceramista*.

Por fim, a pouca fiscalização exercida pelos órgãos públicos garantiam, naquele período, o funcionamento dessas fábricas numa relativa informalidade. Isso contribuía para que os primeiros *ceramistas* esquivassem do pagamento de direitos trabalhistas aos funcionários, de impostos ao fisco ou taxas pagas pela exploração dos recursos naturais.

Essa ampliação no quadro de investigação é uma tentativa de inserir a *atividade ceramista* desenvolvida no Distrito de Flores num quadro mais amplo, buscando o entendimento da complexidade que envolve a problemática. Como sugere Hobsbawm, o mundo é uma “totalidade de processos interligados”.<sup>87</sup> Sendo necessário considerar as ligações existentes entre processos históricos e conjunturas que acabam se influenciando mutuamente.

No desafio de identificar e analisar a interdependência e interatividade existentes entre o objeto que almejamos conhecer e seu contexto, ou seja, a relação entre “as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si”<sup>88</sup> como tem ficado evidente, o diálogo com outras disciplinas como a Geografia, Antropologia ou Sociologia tem se mostrado um recurso fundamental para atingir tal objetivo.

---

<sup>87</sup> HOBBSAWUM, Eric J. **Sobre História**: São Paulo: Cia das letras, 1998. p 186.

<sup>88</sup> MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000, p. 38.

### 2.3 – NOVAS TECNOLOGIAS, TÉCNICAS ANTIGAS: O LUGAR DO OLEIRO ENTRE OS OPERÁRIOS.

O processo de modernização e inserção da *atividade ceramista* na lógica capitalista de produção é revelador de peculiaridades presentes no Distrito de Flores, e, por conseguinte, especificidades do processo de modernização da Região Baixo Jaguaribe.

Nesta região, a modernização havia chegado por meio da introdução de novos equipamentos e práticas, que alteraram, principalmente, a dinâmica da atividade agrícola. De forma mais específica, no Distrito de Flores, essa modernização se traduzia no novo modelo de produção e nas inovações mecânicas implantadas nas *cerâmicas*. Portanto, atividades tradicionais como a agricultura e *atividade ceramista*, estabelecendo uma produção em maior escala e ampliação do mercado consumidor como garantia de vendas e do lucro, se adequavam a uma racionalidade capitalista.

Entretanto, os processos que envolvem a modernização e inserção de atividades econômicas na lógica capitalista não acontecem de maneira uniforme. Variações ocorrem quando essa lógica entra em contato com as especificidades presentes nos diversos sistemas culturais.<sup>89</sup> Logo, devemos perceber categorias como trabalho, mão de obra, economia, consumo, não apenas como efeito de uma força macro que, em territórios distintos atua sobre os costumes de grupos sociais passivos, instalando um modelo racionalizante. De outra forma, o contato da *atividade ceramista* com a modernização, expõe o resultado de um jogo, no qual o capitalismo se reorganiza. Ou seja, o resultado de uma interação entre uma força que atua num âmbito global e forças que se manifestam em esquemas específicos, no interior de sistemas localizados.

Essa perspectiva permite notar que a Região do Baixo Jaguaribe havia se tornado *locus* estratégico, onde o Poder Público procurava interiorizar o desenvolvimento do Estado, ao mesmo tempo em que, de acordo com Soares, visava “a integração desses espaços à economia nacional.”<sup>90</sup> A atuação do governo se dava, entre outras formas, através de incentivo que incluíam o direcionamento de recursos públicos para financiamento da

---

<sup>89</sup> SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão prática**. Editora: Jorge Zahar Editor, 1ª edição. 2003. O autor discute, no âmbito da cultura, a importância da razão simbólica para o entendimento da economia e do consumo, inclusive em sociedades notadamente capitalistas.

<sup>90</sup> SOARES, Hidelbrando. op. cit. p. 71.

agricultura irrigada, construção de estradas e ampliação das redes de eletrificação. Era uma proposta modernizadora que o Estado direcionava a uma determinada região.

No entanto, no Distrito de Flores, essa proposta não se mostrava atraente para empreendedores que viam na *atividade ceramista* maiores possibilidades de lucro, diante de vários fatores propiciadores da atividade, já expostos aqui. Numa demonstração de que aspectos materiais e esquemas culturais davam contornos diferentes a um processo de modernização que se desenrolava num contexto regional.

Diante de exigências presentes no contexto modernizador, a *atividade ceramista* se transformava, sem, no entanto, passar por uma reengenharia que incorporasse equipamentos eficientes, aperfeiçoando a atividade ao ponto de gerar melhorias como a diminuição de desperdícios e agressões ao meio ambiente. As *gambiaras* que, a princípio, representaram a solução para a falta de recursos, tornaram-se obstáculos para atender à necessidade crescente da produção.

Os primeiros *ceramistas* estavam começando a exercer as funções de patrões e administradores e os primeiros *peões* das *cerâmicas*, como operários, aprendiam a lidar com os novos equipamentos durante a prática de trabalho, uma vez que não passavam por treinamento. O aumento na produção movido pela implantação das máquinas levou os novos patrões a esquecerem de que esta poderia ser ainda maior, se a capacidade dessas máquinas fosse explorada de forma mais eficiente.<sup>91</sup> Esse tipo de situação, observada por Hobsbawm<sup>92</sup> no início da industrialização inglesa, se apresentava, guardando as devidas proporções, nas primeiras *cerâmicas* do Distrito de Flores.

Falhas na produção ou na secagem das peças significavam desperdício de materiais, sobretudo, de matéria prima e da lenha usada nos fornos. Com relação à queima da produção, as estruturas dos fornos, embora bem diferentes das grelhas das olarias, se tornaram ineficientes, necessitando mudanças que ocorriam muito lentamente. Costumes e técnicas oriundos do trabalho nas antigas olarias passaram a ser empregados no processo produtivo das *cerâmicas*, se tornando, em algumas situações, incompatíveis com o novo contexto.

Por exemplo, os fornos das *cerâmicas*, com capacidade para 30 a 40 mil telhas, de acordo com estudos técnicos,<sup>93</sup> necessitavam de alimentação constante de lenha, implicando

---

<sup>91</sup> A produção diária de telhas nas cerâmicas, na primeira metade da década de 1980, girava em torno de 10 a 12 mil telhas. Atualmente, o melhor aproveitamento da tecnologia permite uma produção diária que atinge uma média de 40 mil telhas.

<sup>92</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Os trabalhadores**: Estudos sobre a História do operariado. São Paulo. Paz e Terra, 2000. p, 411.

<sup>93</sup> Segundo orientações técnicas, a temperatura de queima ideal para dos materiais em questão deve oscilar entre 800° a 1000° Celsius. Ver. PINATTI, Adriana Amadeu. Queima da cerâmica vermelha\_\_in. Vários autores.

em baixa variação da temperatura, redução no consumo de lenha e nos níveis de fumaça gerados. No entanto, o antigo método de queima das grelhas nas olarias, se reproduziu e passou a ser empregado na queima dos fornos das *cerâmicas*. Era o sistema de *caldas*, que envolvia alimentação com grande quantidade de lenha, seguida por intervalo longo.

No processo produtivo realizado nas *cerâmicas*, o preparo do barro e a queima dos fornos são duas funções que requerem técnica e experiência. Localizadas, respectivamente, no início e no final do ciclo produtivo estas atividades estão entre as poucas que dispensam o uso de máquinas, sendo realizadas pela mão do operário. Emprestando o conhecimento que possuíam dessas atividades, antigos oleiros passaram a desempenhar esses cargos.

Devido ao lugar que ocupavam no processo produtivo ou pela necessidade do uso da experiência para exercê-las, algumas funções acabavam se destacando em importância. Isso pode ser constatado nas exposições feitas pelos trabalhadores das fábricas, quando estes destacam alguns cargos exercidos, tendo como consequência, a valorização dos operários que os desempenham refletindo no recebimento de uma remuneração superior aos demais. Esta situação permite afirmar que entre *peões*, forma como são chamados os operários das fábricas de telhas e tijolos, havia uma hierarquia, devido a essas diferenças nos níveis de importância das funções e dos trabalhadores. Esse fato se apresenta na estrutura de outros setores produtivos,<sup>94</sup> não sendo exclusividade da *atividade ceramista*.

O Sr. Elias Mendes que trabalha desde 1981 nas cerâmicas do distrito de Flores, explicou os motivos da valorização do trabalhador que preparava o barro:

Função de muita importância, eles[os patrões] valorizava porque, primeiro o que deixava aquele barro no ponto. Nem molhava demais nem molhava de menos. O barro ficava naquele ponto. Na hora de usar, ele, aí, tava direitinho, perfeito, já no ponto mesmo. Era o valor que ele dava, aí melhorava o ganho um pouquinho, por isso.<sup>95</sup>

Situada no início do ciclo de produção das peças de cerâmica, a preparação da matéria prima é uma etapa importante, interferindo no desenvolvimento das demais etapas, na

---

**Arranjo produtivo local:** Revista: Cerâmicas de Russas. Impresso na gráfica do Banco do Nordeste. Dezembro de 2005.

<sup>94</sup> LOPES, José Sergio Leite. **O vapor do diabo**. O trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª Ed., 1978. O autor observou que os trabalhadores de usinas de açúcar em Pernambuco, atribuíam diferentes graus de importância as funções exercidas por eles o que implicava numa categorização ou hierarquia no interior das usinas.

<sup>95</sup> Elias Mendes de Sousa. Entrevista realizada na localidade de Flores em 27/12/2010.

produtividade e qualidade do produto final. Antes de ser colocado para curtir, o material recebia a quantidade de água adequada e tinha os torrões maiores quebrados. Esse processo de preparo do barro no ambiente da fábrica não sofreu grandes modificações se comparado com o que ocorria nas olarias. A principal alteração foi que, na *cerâmica*, o amassar do barro que o oleiro fazia com os pés, objetivando quebrar os torrões menores para atingir a liga ideal da argila, deixou de ser necessário, uma vez que a trituração do material passou a ser feita no *laminador* e na extrusora.

A queima das peças fabricadas era outra função que dependia quase que exclusivamente da experiência e do esforço do *forneiro*. Nas *cerâmicas*, dois operários passaram a ser responsáveis pela queima das peças. O Sr. Elias Mendes que trabalhou por mais de 25 anos como *forneiro*, narrou sobre sua valorização no ambiente da fábrica, devido à função que exercia:

Se tivesse um forno bom mesmo, até embaixo, porque é difícil fazer até o lastro debaixo ficar todo vermelho, é difícil. Sempre fica uma carreirinha, duas, roxa. Mas, ele [o patrão] valorizava por isso. Pior mesmo era o cara perder um forno, perder um forno todinho, que às vezes acontecia, o cara pelejar, e aí(...).<sup>96</sup>

A falha ocorrida durante a queima gerava grande prejuízo, uma vez que a perda da produção nessa etapa final colocava por terra os gastos empreendidos nas etapas anteriores com matéria prima, energia e mão de obra. A valorização do *forneiro* se devia, portanto, ao fato de ser ele o trabalhador responsável por garantir a qualidade e a conclusão do ciclo de produção. O resultado dessa etapa servia para agregar ou diminuir valor ao produto, pois, a telha era classificada de acordo com a cor que adquirira durante a queima, sendo mais valorizadas as peças de cor avermelhada, classificadas como “telhas de primeira”. No entanto, vale ressaltar que a qualidade desse processo dependia de outros fatores, como, por exemplo, a qualidade da argila e lenha utilizada.

Conhecimentos e técnicas antes utilizados nas olarias passaram a orientar o trabalho dos *forneiros*. A observação das chamas, da fumaça, a percepção de tempo decorrido, servia para determinar o momento de alimentar as bocas dos fornos e a quantidade de lenha a ser colocada. Essa função, ao mesmo tempo em que requeria experiência e técnica, também

---

<sup>96</sup> Elias Mendes de Sousa. Entrevista realizada na localidade de Flores em 27/12/2010.

gerava desgaste físico devido aos esforços, ao calor e à privação do sono. Fatores que influenciaram a decisão do Sr. Elias, quando optou por deixar a função de *forneiro*, passando a desempenhar atividades mais leves, mesmo que significasse ganhar menos:

Rapaz, num quero mais não. Perdi um bocado da vista, adoeci do espinhaço, muita quentura, muita coisa. Teve época de eu ficar lá na cerâmica oito dia com oito noite, sem vir em casa. Você já pensou? Sem vir em casa, só queimando forno, indo almoço, indo janta, eu comendo lá. Certo, chegava no dia do pagamento eu tirava por quatro a cinco peão, mas num compensava a energia que eu perdia, a quentura que eu pegava. Aí, não, vou abandonar. Abandonei, e tai, deu certo.<sup>97</sup>

A remuneração paga ao *forneiro*, superior aos demais operários, não se devia apenas à experiência e à técnica que possuía, também, pela carga de trabalho à qual se submetia. Para fazer uma rotatividade que envolvia arrumação, queima e retirada das peças, as *cerâmicas* possuíam três ou quatro fornos, dessa maneira, na medida em que era concluída a queima de um forno, outro já estava sendo preparado, diminuindo os intervalos de descanso dos dois *forneiros*.

O Sr. Elias ainda esclareceu que, para além do desgaste físico, as longas jornadas de trabalho muitas vezes ocupavam dias seguidos e finais de semana, privando-o do contato com sua casa e com sua família. A exposição feita pelo entrevistado permite notar como a dinâmica de trabalho nas *cerâmicas*, se diferenciava das olarias. Por exemplo, se nas olarias, durante a queima das grelhas, se estabelecia um espaço de integração, onde vários indivíduos partilhavam trabalho e festa, contrariamente, a queima dos fornos nas *cerâmicas*, se tornou um trabalho solitário, partilhado apenas por dois indivíduos que se submetiam ao ritmo fabril.

Para os peões que se ocupavam da fabricação das peças de cerâmica, as máquinas, para além de dividirem com eles o espaço de produção, ainda ditavam o ritmo de trabalho. Como as duas partes – homens e máquinas – desempenhavam tarefas complementares do processo produtivo, o pleno funcionamento dos equipamentos exigia dos operários movimentos ou passos rápidos, numa constante que só era interrompida por algum problema eventual.

Todo esse contexto entrava em choque com o ritmo de trabalho ao qual os moradores do Distrito de Flores estavam acostumados. Fosse na agricultura ou nas olarias, as

---

<sup>97</sup> Elias Mendes de Sousa. Entrevista realizada na localidade de Flores em 27/12/2010.

atividades eram desenvolvidas em ocasiões nas quais era possível aproveitar o frescor da madrugada, ou, após o almoço, reservar um momento para a cesta. Havia um “descaso pelo tempo do relógio”, que para Thompson,<sup>98</sup> só ocorre em comunidades de pescadores ou comunidades onde predominam pequenos agricultores, como no caso do Distrito de Flores.

Na medida em que se alterava a dinâmica de trabalho, o descaso com o relógio desaparecia num processo conflituoso de incorporação de outra noção de tempo, o da fábrica, que deveria ser otimizado em favor da produtividade. A padronização da jornada de trabalho ia de encontro à noção de tempo flexível vivenciado pelo camponês, sendo necessário aos trabalhadores uma disciplina à qual não estavam acostumados.

Na configuração desse novo espaço produtivo, diferentemente das antigas e pequenas olarias, o cotidiano de trabalho foi submetido à outra lógica. Em primeiro lugar, a jornada de trabalho passou a ser regida pela disciplina do relógio, com a obrigatoriedade de oito horas de trabalho diário; em segundo, passou-se a vivenciar um novo modelo de relação – a relação patrão-empregado – e por fim, a força de trabalho passou a ser comprada pelo patrão que recompensava o operário – peão – com um valor fixo diário ou de acordo com a produção.

Contudo, foram muitos os casos de trabalhadores que se negaram a inserção na rotina das fábricas. Um desses trabalhadores foi o Sr. Ricardo Ribeiro Maia que, fora um curto período de sua vida, no qual trabalhou como motorista teve na agricultura e nas olarias suas principais ocupações.

Nunca fui trabaiaar numa cerâmica! Nunca fui trabaiaar uma de manhã numa cerâmica de telha nem de fábrica de tijolo. Nunca trabaiei não. Só pra mim mesmo, por minha conta. E, de empregado, nunca trabaiei pros outros também. Eu gostava de trabaiaar no meu, nera? Porque ali eu ia a hora que eu podia, a hora que eu queria, a hora que dava certo.<sup>99</sup>

A exposição feita pelo Sr. Ricardo representa à maneira como ele experimenta o tempo, a sua condição de homem do campo e o hábito de trabalhar de acordo com um tempo cíclico. Para o camponês, o desenvolvimento de muitas atividades acaba atrelado aos ciclos da natureza. Por exemplo, do nascer ao pôr do sol, de acordo com as fases da lua, o ciclo de

<sup>98</sup> THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1988. p. 271.

<sup>99</sup> Ricardo Ribeiro Maia, 69 anos. Entrevista concedida para essa pesquisa na localidade de Flores, Russas, em 03/11/2006. O Sr. Ricardo disse ter começado a trabalhar na produção de tijolos desde os 16 anos de idade.

reprodução da lavoura, ou, considerando o ciclo anual da região, inverno e verão. O tempo do camponês, fechado em repetições, difere do tempo da modernidade da fábrica que para Jean Chesneaux,<sup>100</sup> “não é um tempo bloqueado, amarrado em torno de uma lógica circular.” Separado da natureza, o tempo da modernidade é, acima de tudo, funcional.

Isso torna compreensíveis os motivos das objeções do entrevistado em se inserir no trabalho fabril e numa outra maneira de experimentar o tempo, diferente daquela noção e ritmo ao qual estava acostumado.

A exposição feita pelo Sr. Ricardo ainda é reveladora de outros motivos que o fizeram resistir ao ingresso nas *cerâmicas*: Ao se sujeitar a um patrão, estava colocando em jogo a autonomia que possuía no espaço da roça ou da olaria. Sua postura também pode indicar uma negação implícita à outra forma de produzir cerâmica, na qual a incorporação da tecnologia implicava em abrir mão do conhecimento e experiência adquirida no trabalho nas olarias. Nesse sentido, diante das inovações da fábrica, o antigo oleiro podia estar manifestando sua vontade de conservar a tradição na qual se inseria.

A jornada de trabalho adotada nas *cerâmicas*, composta de oito horas diárias, dividida em dois turnos por um intervalo dedicado ao almoço, era costumeiramente aumentada pelo patrão quando este via a necessidade de obter um aumento na produção. No entanto, a remuneração pelas horas extras trabalhadas nem sempre ocorria. O modelo de produção das *cerâmicas* também impôs a divisão de tarefas, portanto uma relativa especialização.

Embora havendo registros da presença de antigos oleiros trabalhando nas *cerâmicas*, de modo geral, foram poucos os trabalhadores remanescentes das olarias que se inseriram no ambiente das fábricas. Muitos postos de trabalho passaram a ser ocupados por adolescentes.<sup>101</sup> Dessa forma, no Distrito de Flores, se reproduzia a prática do trabalho infantil, observada por Audiana Sombra,<sup>102</sup> em *cerâmicas* mais antigas, localizadas na Sede do Município de Russas. Mesmo ilegal a prática era pouco combatida, devido à ausência de órgãos fiscalizadores.

Mulheres passaram a fazer parte dos grupos de trabalho das *cerâmicas*, devido à oferta de vagas que também atraíram trabalhadores de cidades circunvizinhas. Em várias situações, famílias inteiras se mudaram para o Distrito de Flores. O contexto sócio-espacial da

<sup>100</sup> CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-Mundo**. Petrópolis. Editora vozes, 1996, p. 29.

<sup>101</sup> No meu caso, tinha 13 anos quando ingressei na fábrica de cerâmica, idade muito próxima a de muitos companheiros de trabalho. Nessa situação era comum trabalhar meio expediente para poder frequentar a escola.

<sup>102</sup> SOMBRA, Audiana da Silva F. **A exploração do Trabalho infantil em Russas nas cerâmicas nas comunidades de Ingá e Poço Redondo**. Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em História. Limoeiro do Norte. FAFIDAM - UECE. 2003.



localidade passou a adquirir novos contornos na década de 1980. Isso se deveu ao grande número de fábricas construídas e a crescente urbanização gerada pelo aumento populacional registrado nessa década.

## 2.4 - ATIVIDADE CERAMISTA, CRESCIMENTO POPULACIONAL E URBANIZAÇÃO

O município de Russas, com aproximadamente 26% das fábricas de cerâmica existentes no Ceará, concentra o maior número de indústrias do setor no nível do Estado.<sup>103</sup> Em nível de município, 25% das fábricas estão instaladas no Distrito de Flores.

O desenvolvimento do setor cerâmico nesse distrito ocorreu na década de 1980, mesmo período no qual a localidade apresentou aumento considerável no seu número de habitantes. Essa afirmação foi construída a partir da análise de informações já expostas sobre o setor ceramista e observação dos números levantados pelo IBGE. Os números se referem à dinâmica populacional do Município de Russas, no geral, das áreas distritais e de cidades circunvizinhas a Russas.

**TABELA 2 – Russas (geral) e Distrito de Flores**

| Localidade     | Censo 1970 <sup>104</sup> | Censo 1980 <sup>105</sup> | Censo 1991 <sup>106</sup> |
|----------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|
| RUSSAS (GERAL) | 34.239                    | 38.517                    | 46.566                    |
| FLORES         | 3.536                     | 3.848                     | 6.509                     |

Percebe-se que, no Distrito de Flores, nos dez anos transcorridos entre 1970 e 1980 o aumento foi de apenas 312 habitantes, enquanto nos onze anos seguintes, 1980 – 1991, o aumento foi de 2.661 habitantes. Com relação ao município de Russas, na década de 1970 o

<sup>103</sup> Sindicato da Indústria de Cerâmica do Ceará – SINDCERÂMICA-CE, 2002.

<sup>104</sup> **VIII Recenseamento geral – 1970.** Série regional – vol I – Tomo VII. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

<sup>105</sup> **IX Recenseamento geral do Brasil – 1980, Ceará. (Dados distritais).** Vol. 1, tomo 5, Nº 9. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

<sup>106</sup> **Censo demográfico – 1991.** Resultado do universo relativos de características da população e dos domicílios. Nº 11. Ceará. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

crescimento populacional foi de 4.278 habitantes, enquanto na década de 1980 o aumento registrou 8.049 habitantes. Esses números demonstram uma aceleração na taxa de crescimento do Distrito de Flores e do município como um todo, durante a década de 1980. Vale ressaltar que, nesse período, o setor ceramista se desenvolveu tanto em Flores, quanto na Sede do Município, o que explicaria a aproximação dessas taxas de crescimento. Não obstante, fatores secundários terem ajudado na elevação desses números.

Os números do Município de Russas também são significativos na comparação com municípios circunvizinhos.

**TABELA 3 (municípios) – Russas e circunvizinhos**

| Município         | Censo 1980    | Censo 1991    |
|-------------------|---------------|---------------|
| <b>RUSSAS</b>     | <b>35.517</b> | <b>46.566</b> |
| QUIXERÉ           | 12.483        | 13.801        |
| LIMOEIRO DO NORTE | 32.757        | 41.700        |
| MORADA NOVA       | 64.536        | 58.912        |

Num período de onze anos, os números referentes ao Município de Quixeré mostram crescimento de 10,5% na população, enquanto Limoeiro do Norte teve um aumento no número de habitantes de 27,3%. O decréscimo populacional do Município de Morada Nova é explicado, em parte, pelo desmembramento de um dos seus distritos, denominado Ibicuitinga, que foi elevado à categoria de município no ano de 1988. Fica demonstrado que o Município de Russas, com crescimento de 41,5% na sua população, obteve uma alta taxa de crescimento populacional numa relação com os municípios circunvizinhos.

Depois de analisada a dinâmica populacional num contexto mais amplo, passando a observar a questão em nível de município, é possível verificar que Flores se destaca entre os demais distritos, como demonstra a tabela a seguir.

**TABELA 4 (distritos do município de Russas)<sup>107</sup>**

| Distrito         | Censo 1980 <sup>18</sup> | Censo 1991 <sup>19</sup> |
|------------------|--------------------------|--------------------------|
| RUSSAS (SEDE)    | 27.073                   | 33.669                   |
| <b>FLORES</b>    | <b>3.848</b>             | <b>6.509</b>             |
| BONHÚ            | 4.135                    | 2.452                    |
| SÃO JOÃO DE DEUS | 3.461                    | 2.007                    |
| LAGOA GRANDE     | -                        | 1.019                    |
| PEIXE            | -                        | 910                      |

Entre os censos de 1980 e 1991, os números do IBGE demonstram um crescimento de 69% na população do Distrito de Flores. Superior à média geral de crescimento da população do município que ficou em 41,5% (Tabela 1). O aumento do número de habitantes do Distrito de Flores é bastante amplo se comparado aos números da área sede do município, que apresentou taxa de crescimento de 24 %, e com os demais distritos pesquisados – Bonhú e São João de Deus – que apresentaram diminuição no número de habitantes.

O censo demográfico de 2000 contabilizou 6.704<sup>108</sup> habitantes no Distrito de Flores, representando um aumento de apenas 195 habitantes em relação aos números de 1991. Vale ressaltar que na década de 1990 a *atividade ceramista* atravessou um longo período de crise, o que teria influenciado esse desaquecimento do crescimento populacional de Flores. Somado a isso os projetos de irrigação instalados na região passaram a atrair trabalhadores para outras áreas onde não havia predominância do setor ceramista.

Na pesquisa de campo localizei indivíduos e famílias que se mudaram para Flores na década de 1980. Através da aplicação de questionários, as informações colhidas demonstraram que, em alguns casos, os trabalhadores vieram de outras áreas de Russas. No entanto, a grande maioria veio de cidades como, Alto Santo, Tabuleiro do Norte, Morada Nova, entre outras, situadas na região do baixo Jaguaribe ou fora desta.

O aumento ou diminuição das populações é um importante fator a ser considerado, quando analisadas as transformações históricas de um determinado espaço e do modo de vida de seus habitantes. Para Norbert Elias, é “um dos principais motores da

<sup>107</sup> O município de Russas está dividido em cinco distritos. Flores criado no ano 1951, Bonhú, criado em 1933 e São João de Deus elevado a distrito em 1963. Os distritos de Lagoa Grande e Peixe não aparecem nos censos em análise. Provavelmente, porque essas localidades foram elevadas a categoria de distrito no ano de 1988, não se constituindo até o ano de 1991, setores censitários do IBGE.

<sup>108</sup> Censo demográfico, 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE.

mudança na estrutura das relações humanas, e das instituições a elas correspondentes.”<sup>109</sup> A ampliação do contingente populacional do Distrito de Flores refletiu alterações nas formas de ocupação dos espaços, nas relações entre moradores e nos costumes locais.

Essa dinâmica que envolvia a interação entre antigos e novos moradores de Flores, iniciou um processo gradativo de substituição de modelos de relações comuns em pequenas comunidades, baseados na proximidade e parentesco, passando a prevalecer a impessoalidade. Sobretudo os moradores mais velhos de Flores costumam dizer que na localidade “não se conhece mais ninguém”.

A venda de lotes de terras e o crescimento no número de construções erguidas pelas famílias recém-chegadas, aos poucos, iam apagando os resquícios do processo inicial de ocupação da região. As primeiras divisões se caracterizavam por faixas de terras contínuas que cortavam o rio Jaguaribe. De acordo com Lauro de Oliveira Lima,<sup>110</sup> essa “ocupação civilizatória” ocorreu a partir do século XVII, com a doação da primeira sesmaria do Jaguaribe em 1681. Esta, segundo o autor,

Foi doada a Manoel Abreu Soares e seus catorze companheiros. Estendia-se de Aracati até o Boqueirão da Cunha, no município de Alto Santo, numa extensão aproximada de 180km. A mesma foi dividida em quinze datas, cada uma com uma légua (6 km) de largura de cada lado do rio, perfazendo um total de duas léguas (12 km) de largura de cada lado do rio, formando assim, aproximadamente, uma área quadrada de 4 léguas (144 km<sup>2</sup>).<sup>111</sup>

No início da ocupação as terras estavam divididas em grandes faixas. Contudo, de acordo com Soares,<sup>112</sup> no século XIX essas propriedades já se encontravam retalhadas, constituindo faixas menores e ocupadas pelos descendentes dos primeiros a povoarem a região. Na localidade de Flores ainda é possível identificar membros de famílias mais antigas distribuídos em determinadas faixas de terrenos. No entanto, depois de sucessivas partilhas essas terras estão cada vez mais estreitas e, em alguns casos, descontínuas, intercalando lotes adquiridos por moradores recém-chegados.

A dificuldade de aquisição de terrenos situados próximos à área central do distrito obrigou os novos moradores a construírem suas casas em áreas periféricas sem nenhuma

<sup>109</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. Vol. 2. p. 38.

<sup>110</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. **Na ribeira do rio das onças**. Fortaleza: Assis Almeida, 1997.

<sup>111</sup> Idem, ibidem. p 110 – 121.

<sup>112</sup> SOARES, Hidelbrando dos Santos. Op. cit. p. 62.

estrutura urbanística e, portanto, menos valorizadas. As habitações foram avançando em áreas onde, anteriormente, havia predominância de carnaubais e até em áreas próximas às margens do Rio Jaguaribe. Contudo, na década de 1980, as novas construções continuaram seguindo o esquadramento inicial que dividiu os quarteirões da localidade em áreas de 100m<sup>2</sup>.

A espacialidade do Distrito de Flores ainda foi alterada devido à construção de novas *cerâmicas*. Antigas áreas de plantio agrícola ou de carnaubais foram, aos poucos, dando lugar aos galpões, fornos e campos de secagem de telhas. Na região de várzea, característica da localidade de Flores, as enormes crateras no solo evidenciam impactos causados ao longo de três décadas, resultado da retirada da argila utilizada pelas indústrias de cerâmicas.

O elevado nível de liberação de fumaça durante a queima dos fornos torna incompatível a existência de fábricas de cerâmica próximas a áreas urbanas. Diante disso, a maioria das fábricas foi instalada nas áreas de várzea. Longe das residências, diminuía o incômodo causado pela fumaça, ao mesmo tempo, que estavam mais próximas das áreas de extração do barro. No entanto, assim como ocorria com as olarias, algumas foram montadas e se desenvolveram nos quintais das residências de seus proprietários. Em outra situação as habitações se multiplicaram no entorno das fábricas, gerando constantes reclamações dos moradores que enfrentam diversos problemas gerados pela poluição, o que levou a desativação ou transferência de algumas *cerâmicas* para outras áreas.

Retomando a questão dos migrantes vindos para o Distrito de Flores na década de 1980, de modo geral, estes eram integrantes de grupos familiares que deixavam suas antigas localidades onde se dedicavam, sobretudo, à agricultura. No caso do Sr. Glicério Martins Pinheiro que se mudou para Flores no ano de 1986, vindo da localidade de Caraúbas, no município de Alto Santo, a motivação foi à crise na agricultura, como ele mesmo narrou:

Só vim porque deu o bicudo no algodão; aí, eu fiquei desamparado, porque o milho num dava dinheiro, o feijão num dava dinheiro, farinha num dava dinheiro. Aí, eu digo: menino, eu vou resolver a sair daqui. Eu vou caçar um canto pro modo eu empregar esse povo pra me ajudar. Aí, um dia vim ao Limoeiro[Limoeiro do Norte]. Ví um conhecido daqui disse: - Rapaz o canto é as Flores. As Flores. Lá tem umas cerâmicas, lá emprega seu povo.<sup>113</sup>

Durante a entrevista, o Sr. Glicério deixou transparecer, através de expressões e na própria fala, sentimentos de revolta diante das necessidades e privações pelas quais passava

<sup>113</sup> Glicério Martins Pinheiro. Entrevista gravada em 25/08/2011 na localidade de Flores.

com a família. O entrevistado afirmou que, ao partir para o distrito de Flores, deixou para trás, além da antiga e simples morada, suas ferramentas de trabalho. Através desse ato, parecia querer expressar todo seu desejo de mudança.

Costumeiramente, o camponês prioriza a produção de alimentos para consumo próprio, ficando destinada a venda apenas a parte excedente.<sup>114</sup> No caso narrado, ficou claro a não existência de excedentes, o que sugere a dificuldade de acesso a recursos financeiros para prover outras necessidades como vestimenta e medicamentos. Não havendo a oferta de trabalho remunerado em sua localidade, a alternativa do Sr. Glicério, como em vários outros casos, era buscar emprego em outros lugares.

O grupo familiar do Sr. Glicério totalizava onze pessoas, uma vez que o mesmo mudou-se para Flores acompanhado da esposa, filhos (as) e um genro. Como as fábricas passaram a empregar mulheres e crianças, a chance de obter trabalho remunerado não era exclusividade do pai, principal responsável pelo sustento da casa. Em algumas situações, quase todos os membros da família acabavam empregados.

Eu cheguei aqui com o pessoal todo de menor. Era proibido trabalhar o de menor. Eu digo: mais rapaz, quebre meu galho aí que eu sou sozinho. Pra mode[para] dar de comer a dez pessoas, meu ganho num dá. Aí o rapaz foi disse: homi eu vou ver o que eu faço pra você. E foi empregando de um em um, de dois em dois. Que quando eu vi, eu tava com esse povo todo empregado né? Um ganhava uma pontinha pra aqui, uma pontinha pra ali. Com trinta dia a gente ajuntava aquele dinheiro e fazia uma feira só beleza né?<sup>115</sup>

Diante da dificuldade de prover o sustento da numerosa família, a estratégia utilizada pelo entrevistado era dividir o pesado orçamento doméstico com os filhos menores. Embora sabendo que incorria numa ilegalidade, para o Sr. Glicério esta era uma prática normal, pois reproduzia o costume do campo, no qual, desde cedo, os filhos são inseridos no

---

<sup>114</sup> Maria B. A. de Herédia Define excedente como “mais que o gasto”, traduzindo a percepção dos roceiros da sobra imediata como necessidade futura. Assim, dependendo do tipo de alimento produzido, alguns podem ser armazenados e outros vendidos. Por outro lado, André Haguette não considera propriamente como excedente a parte da produção quando o camponês, movido pela necessidade, acaba vendendo para obter dinheiro. Ver. HERÉDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos agricultores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Ver também; HAGUETTE, André (coord.). **O pequeno produtor rural e a estrutura de poder; um estudo bibliográfico do produtor rural de “baixa renda”**. Fortaleza, CETREDE, 1983., P, 8-10.

<sup>115</sup> Glicério Martins Pinheiro. Entrevista gravada em 25/08/2011 na localidade de Flores.

trabalho. A remuneração recebida pelos filhos servia para ajudar nas despesas domésticas, ao mesmo tempo, em que a ocupação tirava os mesmos da ociosidade.

## 2.5 – PATERNALISMO E EXPLORAÇÃO: AS RELAÇÕES DE TRABALHO NAS *CERÂMICAS*

No cotidiano de trabalho das primeiras *cerâmicas* no Distrito de Flores, na década de 1980, comumente o proprietário da fábrica fazia o controle da esteira que alimentava a máquina ou reparos eventuais nos diversos equipamentos, ao mesmo tempo em que supervisionava a produção. Estando o patrão presente diariamente no espaço de trabalho, se estabelecia uma relação de proximidade com os trabalhadores, ao mesmo tempo, facilitava a vigilância que o dono da fábrica procurava exercer.

Uma estratégia adotada pelos patrões era oferecer moradia aos trabalhadores vindos de outras localidades, por isso, alguns *ceramistas* passaram a construir casas nas proximidades das fábricas. Com os operários morando próximos ao local de trabalho, havia uma maior possibilidade de controle destes, sendo comum, em caso de não comparecimento ao trabalho, o próprio patrão ir procurar o faltoso ou enviar alguém para chamá-lo.

O número de habitações edificadas pelos ceramistas de Flores era pequeno, podendo variar entre uma a cinco casas, não chegando a constituir vilas operárias, como, por exemplo, as construídas em São Paulo no início do Século XX.<sup>116</sup> No entanto, cumpriam o mesmo propósito das vilas operárias, auxiliando na manutenção e controle dos operários junto à produção.

A “doação” das casas feita aos empregados fazia aumentar o sentimento de dívida e gratidão para com o patrão, dando a essa relação um caráter paternalista.<sup>117</sup> Esse paternalismo presente nas relações de trabalho nas primeiras fábricas no Distrito de Flores era a reprodução da forma como o trabalhador do campo se relacionava com o seu chefe,

<sup>116</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas:** cotidiano operário em São Paulo (1920 / 1934) – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987., p. 59.

<sup>117</sup> Paternalismo aqui se refere à figura do patrão como aquele que interfere na livre escolha do operário, ao mesmo tempo em que, em várias situações promove a segurança desse trabalhador. Nesse sentido, passa a ser confundido com um pai, na medida em que representa autoridade e proteção. Thompson chama atenção para a imprecisão desse conceito, quando este pode se referir a fenômenos díspares ou variar seu significado de acordo com tempo e espaço. Ver. THOMPSON, E. P. Patrícios e plebeus. In: \_\_\_\_\_. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 29.

corroborando a afirmação de Carlos Moreira de que “no mundo das indústrias, o antigo trabalhador rural pôde encontrar-se novamente com o chefe paternalista.”<sup>118</sup> No universo cultural camponês, o chefe proprietário era expressão, ao mesmo tempo, da figura do protetor e da autoridade.

Essa relação que se estabelecia na fábrica também era, em grande medida, a reprodução da ordem familiar, sendo que o patrão simbolizava o pai.

Outra prática comum dos *ceramistas* era, ao final da jornada de trabalho, a entrega de cartões nos quais estavam impressos os valores correspondentes à remuneração diária do trabalhador. Esses cartões valiam como moeda de compra apenas nas *budegas* ou armazéns, instalados pelos patrões, em muitos casos, no próprio espaço da fábrica. Esta situação monopolizava o comércio, os consumidores tinham suas escolhas limitadas, uma vez que, só no estabelecimento do patrão os *peões* poderiam gastar seus vales. Os cartões só eram trocados por moeda corrente no dia do pagamento, que podia ser semanal, quinzenal ou mensal. Todavia, podiam ocorrer situações nas quais os patrões ficavam mais de um mês sem efetuarem o pagamento, liberando pequenas quantias aos operários chamadas de vales.

Todas essas práticas elencadas acima revelam o atraso no nível das relações entre patrões e empregados na década de 1980, fase inicial da instalação de fábricas e desenvolvimento do setor ceramista na localidade de Flores onde algumas dessas situações ainda podem ser observadas nos dias atuais.<sup>119</sup>

O Sr. Glicério se referiu a um ex-patrão afirmando que “eu mesmo considero ele como o maior amigo meu aqui nas Flores. Ele é meu cumpade”.<sup>120</sup> Essa afirmação expressa o sentimento de gratidão do empregado, que acabava por atribuir ao patrão um sentido paternal. Dentro do contexto no qual se desenrolavam as relações sociais envolvendo patrão e empregado, para além das situações já citadas, outros fatos ainda contribuía para gerar esse sentimento. Podiam ser casos que envolviam problemas de saúde, quando os empregados das *cerâmicas* recorriam ao patrão para serem encaminhados ao serviço médico. Ou ainda, ao final do ano, quando era comum o *ceramista* distribuir as “festas”, geralmente uma gorjeta em dinheiro ou até vales compra, que poderiam ser trocados por roupas em loja pré-determinada, no comércio de Limoeiro do Norte.

<sup>118</sup> MOREIRA, Carlos Augusto Amaral. **O paternalismo nas organizações brasileiras**: reflexões à luz da análise cultural de empresas do Pólo Têxtil de Americana - Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2005., p. 99.

<sup>119</sup> Essas práticas que implicavam em exploração do operário eram familiares aos trabalhadores no início do industrialismo na Europa. Para saber mais, ver: HUBERMAN, Leo. **A história da riqueza do homem**. Trad. Waltensir Dutra. 21ª edição. Rio de Janeiro LTC editora. 1986., p. 164.

<sup>120</sup> Glicério Martins Pinheiro. Entrevista gravada em 25/08/2011 na localidade de Flores.



Essa prática adotada pelos empregadores podia representar uma estratégia para compensar o não pagamento do 13º salário. No entanto, não era sempre que os peões recebiam “festas”, isso dependia do patrão e da situação financeira da empresa. De acordo com o Sr. Glicério, em alguns casos era necessária uma negociação:

Quando era em dezembro a gente chegava, aqueles trabaiaador, oito, dez, dizia: Ei rapaz, o que é que vai dar a nós? Ela [patroa] foi e disse: Eu tô é querendo que vocês me deem alguma coisa. Digo: mais muié, nós trabaiamo foi dez mês pra você, um ano, nós tamo em dezembro. Pois é, nem se fala em negócio de décimo terceiro, nem coisa nenhuma.<sup>121</sup>

Para alguns *peões* o abono podia representar um presente relacionado à chegada das festas de final de ano. No entanto, a narrativa esclarece que também podia ocorrer uma cobrança pelo abono, movida pela percepção de que, nesse período, para os trabalhadores que possuíam carteira assinada havia a garantia do 13º salário. O Sr. Glicério ainda demonstrou noções de direitos trabalhistas quando narrou sobre outra negociação por aumento salarial:

Vixe, a gente quando se reunia pra pedir um aumento de salário. Porque o governo dava, dizia: Olha, eu[o governo] tô dando um aumento aqui, mas as empresas negociem com seus operários né? Mas a própria *cerâmica* nunca se organizou. A gente pedia um aumento, eles dava um pulo danado. Ah! que a produção ta pouca, num sei o quê. Rapaz, nós num samo[somos] culpado. Nós num tamo[estamos] trabaiaando as oito hora de trabalho?<sup>122</sup>

Os argumentos usados pelo Sr. Glicério nas negociações demonstram noções de direitos trabalhistas. Todavia, eram casos que se manifestavam isolados, não possibilitando estímulo à formação de grupos organizados ou movimentos como greves ou paralisações.

O fato dos *peões* das *cerâmicas* não terem constituído associações ou sindicatos, implicava em negociações diretas. Nos dois casos expostos, estas envolveram trabalhadores e patrão. Como nas fábricas os trabalhadores desempenhavam funções diferenciadas, podiam ocorrer tentativas por parte de grupos de trabalhadores específicos, de conseguir aumento apenas para aqueles que trabalhavam em determinada função.

<sup>121</sup> Glicério Martins Pinheiro. Entrevista gravada em 25/08/2011 na localidade de Flores.

<sup>122</sup> Idem.

A não formação de sindicatos ou associações representativas dos trabalhadores das *cerâmicas* se devia, em parte, a relação de proximidade e dependência dos empregados para com os patrões, inibindo iniciativas por parte dos *peões*. Um exemplo dessa situação pode ser colhido na exposição feita pelo Sr. Glicério quando o mesmo narrou um diálogo com alguém que o aconselhava a entrar com processo contra seu patrão;

Eu fui um. Eu tava com nove ano que trabaia pra Zé Obedes. Aí, um cara aqui das Flores mesmo me chamou. Eu digo:  
 - O que é rapaz, o que é que você quer comigo?  
 - Rapaz, quer pegar em dinheiro?  
 - Como?  
 - Rapaz, bote Zé Obedes no pau [na justiça], você com dez fio [filhos] trabalhando e você são onze pessoas. Bote ele no pau que você ganhando você ganha uma grana preta.  
 Eu digo: - Num venha me dar esse conselho não. Porque eu é que fui atrás do Zé Obedes pra ele empregar meu povo, que eu tava com necessidade e ele empregou meu povo. Já fez uma grande vantagem. Como é que você quer que eu bote um cara desse no pau? (...) Porque empregar meu povo me deu uma ajuda grande né?<sup>123</sup>

O sentimento de gratidão expressado pelo Sr. Glicério certamente estava presente em vários trabalhadores na medida em que estes enxergavam, no patrão, a autoridade e o chefe do local de trabalho e, ao mesmo tempo, o provedor e protetor. Logo, não era de se estranhar que uma atitude contra o patrão fosse interpretada pelos próprios trabalhadores, como ingratidão ou como insurgência contra a figura de um pai.

Outra explicação para a dificuldade de organização dos trabalhadores vem da divisão de trabalho existente nas *cerâmicas* que acabava por estabelecer, em boa medida, uma diferenciação entre os operários e nos valores pagos a estes, o que dificultava a unidade e mobilização em busca de interesses comuns.

O período de que trato nesta pesquisa é a fase na qual o trabalho com o barro incorporou o modelo fabril, em que trabalhadores se iniciavam como operários. Nessa fase não seria possível conceber a manifestação de uma consciência de classe,<sup>124</sup> um sentimento

<sup>123</sup> Glicério Martins Pinheiro. Entrevista gravada em 25/08/2011 na localidade de Flores.

<sup>124</sup> Para E. P. Thompson, um grupo só existe enquanto “classe” quando este tem consciência de si mesmo e passa a agir como tal. Nesse sentido a consciência fornece as bases para organização e atuação do grupo. Ver. THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Org. Antônio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Edunicamp, 2001.

capaz de agregar esses trabalhadores em torno de uma identidade capaz de fomentar a formação de movimentos operários organizados.

Isso não ocorreu nem diante de situações mais extremas, como em casos de acidentes de trabalho. Assim, um *peão* que no ano de 1985 teve dedos de uma das mãos amputados, depois de serem prensados nas polias dos equipamentos da fábrica onde trabalhava, recebeu tratamento médico, uma quantia paga pelo patrão a título de indenização, que segundo o operário, correspondia aproximadamente ao tempo que o mesmo ficou impossibilitado de trabalhar. Como que para amenizar a situação, o trabalhador ainda recebeu do patrão uma bicicleta nova.



**Figura 8:** Operário mostrando a mão esquerda com amputação do dedo mínimo, resultado do acidente ocorrido no ano de 1985. **Fonte:** Francisco de Assis Mendes. Arquivo pessoal, 2011.

Esse é apenas um entre muitos outros casos, em que o trabalhador recebeu atenção inicial, porém, passado o tempo, teve que conviver e superar dificuldades trazidas pelas sequelas deixadas por acidentes.

Mesmo nos dias atuais não surgiu nenhum sindicato ou associação formada pelos operários das *cerâmicas*. Quando escrevo este trabalho, já se passaram 30 anos desde a construção da primeira fábrica no Distrito de Flores. Embora os trabalhadores do setor ceramista estejam compartilhando experiências comuns há três décadas, esse tempo parece ser curto para dar origem ao fenômeno do sentimento classista.<sup>125</sup> Ademais, se na fase inicial os

---

<sup>125</sup> Segundo Batalha, o compartilhamento de experiências comuns entre indivíduos leva a construção da identidade coletiva. BATALHA, Cláudio H. M. **Identidade da classe operária no Brasil (1880 – 1920): atipicidade ou legitimidade?** Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH – Marco Zero, vol. 12, nº 23, p 111.

operários eram constituídos, principalmente, por moradores de Flores, atualmente, em grande medida, o operariado do setor ceramista é composto por trabalhadores vindos de outras localidades. Muitos operários sequer fixam residência em Flores e, em muitos casos, são trabalhadores temporários que migram para outros lugares em busca de atividades sazonais.

Todo esse contexto contribui para a não formação de grupos que passassem a servir como representação dos trabalhadores do setor ceramista. Ao invés de se afirmarem enquanto *peões* e de constituírem referenciais coletivos, os próprios trabalhadores das cerâmicas, em várias situações, negavam essa identidade, deixando de se identificarem como *peões*.

Esse fato pode ser verificado nas informações das fichas de matrículas dos alunos das escolas da localidade que são três. A Escola Estadual Maria de Lourdes Oliveira, a Escola Inácio de Barros Neto, administrada pelo município e a Escola Olho vivo, esta última particular.

No campo onde consta a profissão dos pais, não existem registros de *peão de cerâmica*. A não regulamentação da profissão seria suficiente para explicar a ausência de tal registro. Outra motivação vem do fato de a grande maioria dos trabalhadores de Flores, de qualquer setor, ao encaminharem os processos de aposentadoria por idade ao INSS, o fazem via Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Russas, se declarando como agricultores. Nessa situação, a ficha de matrícula escolar dos filhos serve como documento de comprovação desta profissão.

Contudo, não era apenas essa necessidade prática que levava os trabalhadores das fábricas de cerâmica à negação de suas condições. Havia uma motivação mais subjetiva, relacionada a um ambiente de trabalho que não oferecia condições de higiene, a exploração a que eram submetidos e a falta de perspectivas. Afirmarem-se enquanto *peões de cerâmica* era acomodar, se entregar e permanecer num contexto que os desejos queriam alterar. Era fugir dos sonhos e das buscas que fazem parte dos anseios humanos.

## **CAPÍTULO 3 – CONTINUIDADES E RUPTURAS NA COEXISTÊNCIA DE OLARIAS E FÁBRICAS**

### **3.1 – NECESSIDADES MÚTUAS: RELAÇÕES ENTRE *CERAMISTAS* E OLEIROS**

Embora o setor ceramista tenha se modernizado, incorporando a mecanização e a estrutura fabril, o trabalho na forma manufaturada não desapareceu. A pesquisa de campo me permitiu identificar 16 olarias em funcionamento em meio aos carnaubais, afastadas das áreas mais urbanizadas. Nas visitas a esses locais ocorreram conversas informais que ajudaram a estreitar minha relação com alguns oleiros. Também foram realizadas entrevistas e aplicação de questionário.

As olarias estão localizadas, principalmente, na localidade de Miguel Pereira, que é vinculada ao Distrito de Flores e se encontram distribuídas ao longo das margens de um riacho que corta a área de várzea. O solo nas margens desse riacho é rico em argila apropriada para a produção de peças cerâmicas.

Em cada uma destas olarias o grupo de trabalho varia entre três a cinco trabalhadores. Ao contrário do que ocorria no passado, quando não havia hierarquia e todos faziam parte de um sistema de trabalho cooperativo, atualmente, os grupos são compostos, de modo geral, pelo dono da olaria e trabalhadores por ele remunerados.

O que explica a mudança nesse contexto é o fato de, no passado, os oleiros se utilizarem de terras da própria família enquanto em dias recentes, desprovidos de terras, restou a opção de trabalhar para o dono de alguma área explorável. Em algumas situações ocorre o sistema de arrendamento, no qual os oleiros entregam parte do que é produzido ao proprietário das terras cedidas para a olaria. Outro fator que contribui para que o oleiro passe a vender sua força de trabalho se deve a crescente escassez de terras disponíveis para exploração.

Ao observar instrumentos de trabalho e técnicas utilizadas na obtenção dos tijolos, notei que, em grande medida, os oleiros reproduzem o saber utilizado por seus antepassados. Isso acontece porque no desenvolvimento dessas atividades, o convívio familiar ou entre membros da comunidade, permite que os mais velhos repassarem aos mais novos o

conhecimento acumulado sobre uma determinada forma de fazer que acaba sendo atualizada. Esse processo estabelece um *continuum* através do qual uma atividade permanece viva nas experiências das gerações futuras.

Entre as louceiras da comunidade do Córrego de Areia, Francisca Mendes observou que o repasse da tradição vai acontecendo no ritmo da produção familiar e no convívio diário, quando, imitando os gestos da mãe as crianças são socializadas no “mundo do barro”.<sup>126</sup> A autora acrescenta que os mais velhos, em muitos casos chamados de mestres, repassam aos mais novos não apenas o saber técnico sobre determinadas atividades, mas, também, lições de vida, concepções morais, estéticas,<sup>127</sup> e se tornam referenciais dentro de seus núcleos sociais.

O processo de aprendizagem das técnicas utilizadas pelos oleiros também ocorria quando os mais novos auxiliavam em alguma tarefa. Nesse contato com o espaço de trabalho dos oleiros, ouviam sobre “como fazer”, ao mesmo tempo em que observavam e podiam colocar em prática esses ensinamentos.

O repasse do saber que permite a continuidade de atividades desenvolvidas por um determinado grupo social é um processo que se apresenta em diversas formas de trabalho, em espaços distintos, e guarda algumas semelhanças. Dessa forma, pode-se afirmar que a maneira como as louceiras aprendem a fazer as peças artesanais no Córrego de Areia ou os oleiros aprendem a fazer telhas e tijolos em Flores, se aproxima, pontualmente, da forma como se dá a aquisição do saber utilizado na pesca artesanal, realizada pelos índios Tremembé, em Almofala (CE), de acordo com o que assinalou Oliveira Júnior<sup>128</sup> em seu estudo.

A continuidade se apresenta nas técnicas utilizadas que se revelam nos movimentos, ou ainda, na utilização de equipamentos feitos pelos próprios oleiros como as grades e palhetas de madeira.

---

<sup>126</sup> MENDES, Francisca Nogueira. Op. cit. p, 110.

<sup>127</sup> Idem, ibidem. P, 110.

<sup>128</sup> Entre outros pontos o autor analisa o processo de aquisição do saber por parte de um indivíduo, levando o mesmo a ser reconhecido como mestre entre os membros do seu grupo. Ver; OLIVEIRA JÚNIOR, Gérson Augusto de. **O Encanto das Águas:** a relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.



**Figura 9:** Oleiro segurando a grade que dá o formato ao tijolo. A palheta no chão é utilizada para retirar o excesso de barro na parte de cima da grade. **Fonte:** Francisco de Assis Mendes. Arquivo pessoal, 2011.

O material produzido nas olarias é o tradicional tijolo *corrido*, este possui formato retangular e estrutura compacta, sendo diferente do bloco furado produzido pelas *cerâmicas*.



**Figura 10:** A esquerda tijolo *corrido* produzido pelos oleiros. A direita tijolo com furos produzido nas fábricas. **Fonte:** Francisco de Assis Mendes. Arquivo pessoal, 2011.

Com tamanho superior ao tijolo *corrido*, o tijolo furado fabricado nas *cerâmicas* preenche área maior nas estruturas das construções, proporcionando melhor rendimento da mão de obra, o que levou a ser largamente utilizado na construção civil. Por outro lado, o tijolo *corrido* feito pelos oleiros, é o mais adequado para compor as estruturas das chaminés e dos fornos construídos nas *cerâmicas*. Dessa forma, as fábricas que passaram a produzir um tijolo com maior aceitação no mercado, levando a diminuição da demanda pelo tijolo tradicional na construção civil, ao mesmo tempo proporcionaram um fator compensador ao se tornarem as principais consumidoras do tijolo *corrido*.

Outro tijolo produzido pelos oleiros é usado na construção das chaminés das fábricas. A estrutura arredondada destas chaminés exige um tijolo com formato de cunha, igual aos que eram utilizados nas construções dos antigos *cacimbões*. Esse tijolo, segundo os oleiros, deve ser bem acabado para que o pedreiro consiga dar um bom alinhamento na parede, contribuindo para a segurança dessa estrutura que pode chegar a 30 metros de altura.



**Figura 11:** Fornos de uma fábrica de cerâmica com suas chaminés. **Fonte:** Francisco de Assis Mendes. Arquivo pessoal, 2011.

Com a diminuição no número de olarias e a construção de novas fábricas, tornou-se imperativo dinamizar a produção do tijolo *corrido* para atender essa demanda. Máquinas e caçambas pertencentes aos *ceramistas* passaram a ser utilizadas na escavação e transporte do barro nas olarias. Nessa intervenção no espaço da olaria e no processo de produção desempenhado pelo oleiro, surgiu uma cooperação mútua movida pelas necessidades dos dois lados envolvidos. O *ceramista* possuía o maquinário, mas necessitava do tijolo feito pelo



oleiro. Este, por sua vez, passou a contar com a máquina para aumentar a produção de peças que as fábricas não produziam e passou a ter os *ceramistas* como principais compradores.

Parte da produção do oleiro passou a ser destinada ao *ceramista* como pagamento pelo serviço prestado com as máquinas. Em muitos casos, *ceramistas* passaram a captar algumas olarias, pagando parte da mercadoria com a prestação de serviço e parte com dinheiro. Através de acordos informais passavam a ter exclusividade sobre toda a produção daquele grupo de trabalho. Em outras situações, acordos antecipados sob a forma de empreitada fixavam quantidade e valor dos tijolos a serem fornecidos pelo oleiro.

Devido à utilização de máquinas, os espaços dessas olarias passaram a apresentar alterações se comparados aqueles já descritos aqui por antigos oleiros. Enquanto no passado havia um *barreiro*; um buraco dentro do qual o oleiro escavava e amassava o barro, com a inserção da máquina nessa tarefa, uma grande quantidade de barro passou a ser amontoadada no *campo* da olaria. Na base desse amontoado, o barro é molhado e preparado pelo oleiro, antes de seguir para a confecção do tijolo.



**Figura 12:** Oleiro preparando o barro na base do amontoado feito pela máquina. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2010.

O Sr. Eliezer Aníbal Ribeiro, dono de olaria ainda em funcionamento na localidade de Miguel Pereira, remunera dois oleiros que trabalham junto a ele. Quando o entrevistei, afirmou que trabalhava para entregar 150 mil tijolos que foram encomendados para construção de uma nova *cerâmica*. Diante dessa demanda que se tem tornado frequente,

o Sr. Eliezer recorreu às máquinas para facilitar o trabalho e dar mais agilidade na sua produção. O mesmo expôs as mudanças trazidas com o uso desse equipamento:

Facilitou porque você veja que cavava esse barro dentro de buraco. Pra você tirar aquele barro, era morrendo de fazer força. E aqui você carrega o barro é no plano, num tem subida. Aí você carrega mais favorável. E outra também: você já pensou o cara bater um milheiro de tijolo desse. Amassar o barro, bater um milheiro de tijolo, a hora que acabar de bater fosse cavar. Nem todo dia ele ia ter condição de bater tijolo não, porque tinha que cavar o barro né?<sup>129</sup>

Para o Sr. Eliezer, a extração do barro por processo mecânico facilitou o trabalho na olaria, diminuindo o esforço empreendido e retirando, do oleiro, a responsabilidade pela dura tarefa de escavação do barro. Com a etapa inicial do processo produtivo sendo desempenhado pela máquina, o oleiro pôde se dedicar as demais etapas, o que representou a otimização do tempo de trabalho com aumento da produtividade.

A utilização de máquinas deixou de ser uma exclusividade das fábricas. O cotidiano de trabalho nas olarias foi alterado com a utilização de novas tecnologias no processo de extração da matéria-prima. No entanto, durante a feitura do tijolo, a forma de produção manufaturada ainda mantém as características do passado.

Diferente do que ocorria no contexto das antigas olarias, onde a reciprocidade e as trocas estimulavam as relações entre os indivíduos, no novo contexto, as relações entre oleiros e *ceramistas* passaram a ter um caráter menos pessoal, movidas pelo utilitarismo, na medida em que cada um dos lados passou a se aproximar do outro, pela necessidade de acesso a bens materiais. Se por um lado, os *ceramistas* precisavam do tijolo produzido pelos oleiros, por outro, os oleiros necessitavam das máquinas e dos recursos financeiros do empresário. Nesse contexto, oleiros e *ceramistas* estabeleceram uma relação de interdependência que passou a ser fundamental para manutenção das duas formas de trabalho.

A produção das olarias que outrora era exclusivamente manufaturada, ao incorporar a força e a rapidez da máquina, teve como consequências o aumento da produtividade. Isso levou ao acréscimo na exploração de recursos naturais e danos maiores ao meio ambiente local.

---

<sup>129</sup> Eliezer Aníbal Ribeiro. Entrevista realizada na localidade de Miguel Pereira, distrito de Flores, em 16/11/2011.

### 3.2 – UM CONFLITO: EXPLORAÇÃO E/OU PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE DE FLORES

Nos dias atuais, há uma tarefa que se impõe aos historiadores que consiste, de acordo com Donald Worster, em “juntar o que os cientistas separaram.”<sup>130</sup> O autor faz referência ao conhecimento que, ao longo do tempo, colocou homens e sociedades de um lado, e do outro lado, seus ecossistemas. Nesse sentido, se abre caminho para a história ambiental, que procura investigar os fatos, se esforçando para dar maior atenção à relação existente entre o homem; principal objeto da história, com a natureza que o cerca.

Nessa perspectiva, os modos humanos de produção, são importantes para o entendimento dessa relação homem e natureza, pois para serem desenvolvidos necessitam de recursos naturais disponíveis num determinado espaço tempo. Portanto, a natureza traz possibilidades e limitações aos indivíduos, influenciando na construção do universo material e mental destes, ou seja, na configuração de sua cultura. Diante do exposto, não poderia deixar de enfatizar que a *atividade ceramista*, vista como modo de produção, sofreu interferência e interferiu no meio onde ocorre. Se a geração de riquezas trouxe ganho social, o desequilíbrio do meio ambiente trouxe implicações para a vida dos moradores do Distrito de Flores e para a história desse lugar.

Ao longo dos anos, as diferentes formas de produção de cerâmica, seja industrializada ou manufaturada, fizeram acumular danos ao meio ambiente da localidade de Flores. Um desses prejuízos se revela nas extensas crateras presentes nas áreas onde ocorreu a exploração da matéria-prima utilizada, tanto nas cerâmicas quanto nas olarias. É notável que nas áreas em que o barro foi retirado para utilização nas fábricas a alta demanda imprimiu uma maior velocidade e extensão dos danos causados ao solo e a vegetação.

Esses efeitos também se tornaram visíveis nos locais que tradicionalmente abrigam ou abrigaram olarias, onde a exploração localizada se estendeu por um período mais longo. Em nenhum dos casos os exploradores buscaram a adoção de técnicas de manejo que permitissem a manutenção da parte viva do solo,<sup>131</sup> diminuindo os efeitos da agressão.

---

<sup>130</sup> WORSTER, D.. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 4, dez. 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2324/1463>. Acesso em: 07 Jun. 2012.

<sup>131</sup> A camada superior do solo, que concentra material orgânico formado por folhagem e outros resíduos é a que melhor propicia o crescimento da vegetação. Essa camada do solo é retirada pelas máquinas, juntamente com as camadas mais profundas.

O Plano Diretor Participativo que é elaborado nos municípios brasileiros, tem por objetivo envolver o Poder Público e a sociedade no sentido de, juntos, traçarem metas e ações a serem desenvolvidas a médio e longo prazo, buscando corrigir falhas e ordenar o crescimento das cidades. No caso do Plano Diretor do Município de Russas, este já expõe a preocupação da gestão pública com as áreas degradadas pela atividade ceramista, segundo o texto desse documento:

Com o nível de degradação de área, provocada pela indústria cerâmica, faz-se necessário implantar no município programas emergenciais para delimitar, recuperar e reaproveitar tais áreas. Grande parte da cobertura vegetal nativa vem sendo retirada para fins agropecuários, industriais, mineração e habitação. Desenvolvendo essa proposta poderemos assegurar a proteção dos mananciais do município de Russas e todos os demais recursos naturais existentes contribuindo para a conservação do meio ambiente trazendo desta forma vários benefícios para a natureza e o homem. A delimitação de áreas para fins ambientais protege a biodiversidade da floresta, assim como, mantém para as futuras gerações os recursos naturais como água, solo, frutas e plantas medicinais usadas pela população como fontes alimentares e culturais.<sup>132</sup>

O trecho acima faz parte da justificativa do “Programa recriar”, inserido no Plano Diretor como ação a ser executada pela gestão pública do Município de Russas, objetivando delimitar reservas ambientais e recuperação de áreas degradadas. No entanto, no Distrito de Flores, nenhuma ação exposta nesse documento foi colocada em prática, ao contrário, o abandono das áreas exploradas resultou na degradação de locais onde antes a vida se fazia presente. Isso leva a constatação de que muito tempo já foi desperdiçado, uma vez que, há décadas já existem exemplos vindos de outros lugares, onde a intervenção humana conseguiu reverter processos de degradação gerados pela exploração industrial,<sup>133</sup> tendo como resultado a gradual recuperação do meio afetado.

Se em algum caso, as crateras deixadas pelas máquinas foram aterradas, o material utilizado foi proveniente da poda de árvores, entulho de construções ou composto por

<sup>132</sup> Plano Diretor Participativo: **Relatório da leitura técnica da realidade do município**. Prefeitura do município de Russas, 2008. p. 117.

<sup>133</sup> No Brasil a Empresa Brasileira de Produção Agrícola – EMBRAPA desenvolve projetos de recuperação de áreas degradadas. Um exemplo colhido na literatura são as áreas que abrigavam as olarias ou *potteries* no Reino Unido. Na década de 1960, o solo desgastado na cidade de stoke-on-trent recebeu uma camada fina de terra com material orgânico e grama, o que permitiu uma gradual recuperação e colonização de outros tipos de vegetação. Nas crateras onde a água se acumulava foram introduzidas espécies de vida aquática. Para saber mais, ver: DREW, David. **Processos interativos homem-meio ambiente** – São Paulo: DIFEL, 1986.

cacos de telhas danificadas e inutilizadas durante a produção. No caso do entulho, este se constitui material morto que não contribui para recuperar o solo. Outro exemplo de descaso são as crateras que passaram a ser aterradas com o lixo coletado pela prefeitura. O local foi transformando, deixando de ser uma área rica em vegetação, principalmente, carnaubal, para ser convertido em jazida de onde foi retirada a argila. Isso fez surgir no terreno uma enorme cratera que, passando a receber os resíduos sólidos gerados pelos moradores locais, se tornou o “lixão” do Distrito de Flores.



**Figura 13:** Lixão de Flores. Os Resíduos são depositados nos buracos resultantes da extração de argila utilizada nas *cerâmicas*. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2010.

Passado o tempo, os efeitos negativos da interferência humana, já evidentes na natureza, levaram alguns moradores de Flores a notarem as alterações no meio ambiente e demonstrarem preocupação com a situação do solo nas áreas exploradas, como bem expressou o Sr Eliezer.

O cabra mete a máquina, acaba com tudo, do jeito que quer. Deixa o terreno morto. Rapaz, é o seguinte; se não tiver uma ordem severa. Eu vou te falar. A natureza vai... já ta muito abatida, ainda vai abater mais. Ói, em Flores num tem mais barro, já tão tirando barro daqui.<sup>134</sup>

<sup>134</sup> Eliezer Aníbal Ribeiro. Entrevista realizada na localidade de Miguel Pereira, distrito de Flores, em 16/11/2011.

Ao concluir esse trecho de sua narrativa, o Sr. Eliezer deixa claro o incômodo com o fato de os *ceramistas* estarem retirando o barro na localidade de Miguel Pereira, onde o mesmo reside e onde se localiza sua olaria. Isso demonstra a existência de disputa pelas áreas que abrigam reservas de argila. Diante dessa situação o Sr. Eliezer busca garantir a reserva de matéria-prima próxima de sua olaria para mantê-la em funcionamento.

Os donos de fábricas já estão sendo obrigados a buscarem a matéria-prima em locais distantes, pois, as áreas que contêm reservas de argila em Flores estão se tornando escassas, seja pela vasta exploração já ocorrida ou pela relutância dos donos de terras em venderem o barro e danificar o solo de suas propriedades. Essa situação preocupa os *ceramistas*, uma vez que as áreas de extração, estando localizadas a grandes distâncias das fábricas, resultam no aumento do preço das peças cerâmicas devido aos custos com transporte da matéria-prima.

Outro agravante vem da dificuldade crescente na obtenção de licenças juntos aos órgãos ambientais para explorar as áreas. Os processos de constituição de áreas de jazida estão se tornando mais complexos, impondo o cumprimento de normas antes desobedecidas, como preservação de 20% da área explorada. Outra novidade é o mapeamento desses terrenos com aparelhos dotados de Sistema de Posicionamento Global (Global Positioning System) GPS, tornando mais fácil a localização por ocasião da inspeção dos órgãos fiscalizadores.

Uma estratégia que vem sendo adotada pelos empresários do setor cerâmico é a formação de cooperativas de mineração, o que levou alguns *ceramistas* do Distrito de Flores a se filiarem a Cooperativa de Base mineral de Russas e do Vale Jaguaribano – COOBAM, criada no Município de Russas.

Através das cooperativas, entre outras vantagens, os associados aumentam as chances de obtenção de financiamentos. Entretanto, o objetivo principal da cooperativa é garantir direitos de exploração de reservas de matéria-prima. Essa afirmação se fundamenta na constatação de que, se tratando das áreas que detêm reservas de argila, há uma competitividade que foi acirrada com a chegada na região de grandes grupos empresariais, como M. Dias Branco, que construiu uma fábrica de cimento na cidade de Baraúna, no Rio Grande do Norte, passando a comprar matéria-prima em propriedades no Município de Russas.

Retomando a exposição feita pelo Sr. Eliezer, para o mesmo, é clara a ideia de que a forma como a matéria-prima tem sido captada “mata” o solo. No entanto, o entrevistado faz referência às máquinas utilizadas pelos *ceramistas* e silencia com relação aos danos ao meio ambiente, bastante visíveis nos arredores de sua olaria, em áreas exploradas por ele próprio. O

cenário deixa evidente a forma pouco sensível como o ambiente natural foi tratado. As velhas oiticicas e carnaubais foram arrancadas e a camada superior do solo foi retirada, dando lugar a um terreno desgastado caracterizado por buracos, com profundidade que pode chegar a 2m, em cuja base, o solo “morto” não apresenta condições para o crescimento da vegetação.



**Figura 14:** Terreno ao lado da olaria do Sr. Eliezer, de onde o mesmo retira o barro para produzir tijolo. **Fonte:** Francisco de Assis Mendes. Arquivo pessoal, 2011.

Seu Eliezer demonstra ter percebido os efeitos que enfraquecem o equilíbrio da natureza e a necessidade da adoção de “ordem severa”, numa referência à aplicação de leis que protejam o meio ambiente. A falta de esclarecimento parece não ser a explicação para o descaso, pois, o entrevistado narrou sobre a forma correta de retirar o barro sem danificar por completo o solo:

Você sabe como é o jeito do camarada tirar o barro pra cerâmica? É desse jeito. Cava oitenta centímetros. Bota aquele barro do lado de fora. Aí pega a máquina, cava até onde aquele barro prestar. Quando ele acaba de cavar, aquele barro que ele botou pra fora ele vai remanejar ele todinho pra onde ele foi tirado. Porque ali tem a semente do pau, do pasto, de tudo. Aí, quando o inverno pega, fica do mesmo jeito.<sup>135</sup>

<sup>135</sup> Eliezer Aníbal Ribeiro. Entrevista realizada na localidade de Miguel Pereira, distrito de Flores, em 16/11/2011.

Baseado em experiências vividas no período em que trabalhou em *cerâmicas* na cidade de Floriano, no Maranhão, seu Eliezer deu uma aula de manejo de solo, percorrendo sobre o método correto de retirar a argila. A seu modo, ainda expôs conhecimentos sobre a composição do solo, sobre material orgânico presente e a importância de manter intacta essa camada para fazer germinar e crescer a vegetação quando esse solo for molhado pelas chuvas.

A demonstração de preocupação com os efeitos no meio ambiente, causados pela atividade em sua olaria, se contrapõe com a forma como continua a explorar os recursos da natureza. Tanto por parte dos oleiros quanto dos *ceramistas*, a não adoção de práticas de exploração que respeitem o ritmo e a capacidade da natureza de se refazer dos danos sofridos, leva a constatação que há um abismo entre discurso e prática e que a adoção do desenvolvimento sustentável<sup>136</sup> ainda não soa como prioridade.

A maior parte dos *ceramistas* não buscou a aquisição de equipamentos e melhorias estruturais nas fábricas que possam amenizar os danos ao meio ambiente. Nenhuma das fábricas em funcionamento no Distrito de Flores foi equipada com filtros nas chaminés para diminuir a quantidade de fuligem expelida. Como agravante, a maioria das fábricas não dispõe de áreas cobertas destinadas ao armazenamento da lenha que acaba sendo deixada em locais a céu aberto, absorvendo umidade e contribuindo para o aumento no nível de fumaça gerada na ocasião da queima.

Segundo estudos técnicos realizados sobre a queima da cerâmica,<sup>137</sup> outro fator que contribui para a produção de fuligem é a prática dos forneiros denominada calda. Esse método utilizado nas antigas olarias consiste em alimentar os fornos com toda a capacidade volumétrica em intervalos de uma ou duas horas. O resultado é uma baixa proporção de oxigênio em relação a quantidade de combustível adicionado, não proporcionando o aproveitamento total do calor da lenha que sai pela chaminé em forma de fuligem.

Em junho de 2009, um grupo de moradores de Flores, do qual faço parte, formou uma associação voltada para a defesa da causa ambiental, denominada Comitê de Defesa do Meio Ambiente de Flores – CODEMAF. A primeira ação do grupo foi o recolhimento de assinaturas entre os moradores de Flores, solicitando medidas que amenizassem o problema da poluição do ar, gerado pela fumaça expelida pelas fábricas de telhas e tijolos. O documento

---

<sup>136</sup> Desenvolvimento sustentável aqui se refere à dimensão ecológica, a preocupação de métodos e tecnologias que não agredam o meio ambiente. A ideia de sustentabilidade é aplicada por SACHS a outras esferas, podendo ser: sustentabilidade social, econômica, cultural ou espacial. Para saber mais, ver: SACHS, Ignacy. **Estratégia de transição para o século XXI**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

<sup>137</sup> PINATTI, Adriana Amadeu. Queima de cerâmica vermelha. **Fonte:** Revista do Programa de Apoio a Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias – PROCOMPI. **Arranjo Produtivo Local. Cerâmicas de Russas**. Impresso na gráfica do Banco do Nordeste. 2005.



foi entregue ao presidente da Associação dos Fabricantes de Telhas de Russas - ASTERRUSSAS, durante uma audiência pública organizada pela promotoria do município de Russas no ano de 2010.

Após a audiência pública, a justiça interditou 12 (doze) fábricas na sede do município de Russas. A condição para voltarem a funcionar era o cumprimento de um Termo de Ajustamento de Conduta – TAC, segundo o qual algumas mudanças deveriam ser efetivadas, sobretudo, a elevação da altura das chaminés. Boatos foram disseminados sobre o fechamento de fábricas localizadas em Flores, por conta de solicitação feita pelo Comitê de meio ambiente. Esse fato gerou tensões envolvendo os membros desse comitê, *ceramistas* e trabalhadores das *cerâmicas*, sendo necessário que integrantes do CODEMAF fossem à rádio local esclarecer sobre o objetivo do abaixo-assinado.<sup>138</sup>

Com o decorrer do tempo as tensões foram superadas a ponto de alguns de *ceramistas* passarem a participar das ações desenvolvidas pelo Comitê, sendo que quase a totalidade deles apoiou financeiramente um Programa de Implantação de Coleta Seletiva que está sendo desenvolvido pelo Comitê no Distrito de Flores.

De forma específica a *atividade ceramista* em Flores se inseria num conflito que se manifesta na sociedade ocidental desde o início do período moderno.<sup>139</sup> De um lado, sensibilidades com relação à defesa da natureza, se contrapondo as formas pelas quais se busca a construção de riquezas materiais da sociedade. O apoio de alguns *ceramistas* é motivado pela sensibilidade com relação aos prejuízos causados, outros, no entanto, ainda são movidos pela pressão da sociedade ou pela contrapartida que recebem ao terem o nome da empresa veiculado em todo o material de divulgação do projeto. Denominada de *marketing verde*, esse tipo de propaganda demonstra que a empresa esta comprometida com a responsabilidade socioambiental, contribuindo para elevar sua imagem.

A utilidade ou não dos recursos naturais tem sido o fator determinante da forma como os indivíduos tratam determinados ecossistemas. Por exemplo, uma das riquezas naturais da localidade de Flores é o trecho do rio Jaguaribe que corta a área do distrito. Até meados da década de 1980, existia uma cerca paralela as barreiras que controlava o acesso de animais e pessoas as margens do rio. Havia funcionários públicos em Russas chamados fiscais de trecho, responsáveis pela vigilância das áreas adjacentes ao rio.

<sup>138</sup> Essa situação limitou meu acesso a alguns *ceramistas* e ao espaço de suas fábricas. Mesmo que isso tenha consistido em prejuízos mínimos a esta pesquisa, sem esses impedimentos, certamente as informações sobre a problemática de estudo poderiam ser ampliadas.

<sup>139</sup> THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500 – 1800. – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Com o declínio da prática de plantio das vazantes, o espaço que compreende o rio passou a ser utilizado como depósito de entulho, lixo e como área de extração de areia para construção civil. Algumas construções, incluindo fábricas de cerâmica ocuparam áreas próximas as margens. Trechos da mata ciliar em locais definidos por lei como Áreas de Proteção Permanente – APP foram desmatados, contribuindo para o aumento da erosão e assoreamento do leito do rio.

Diante do exposto, constatei que, outrora o cuidado com o rio era motivado pela necessidade de proteger as áreas de vazantes que eram exploradas pelos moradores locais, garantindo a produção de alimentos. O rio também era local onde os rebanhos podiam matar a sede, onde as mulheres lavavam roupas, além de se constituir num ponto de lazer.

A predominância da atividade agrícola entre os moradores de Flores também era um fator determinante da maneira como tratavam o solo. Nesse período, cada metro de terreno agricultável era valorizado e o trabalhador sabia que o zelo por suas terras era primordial para a obtenção da boa safra. A interferência no solo ocorria durante a preparação da área para o plantio e se resumia, sobretudo, na limpeza de ervas daninhas.

Portanto, a destruição ocorrida no solo e vegetação, juntamente a má qualidade do ar no distrito de Flores se apresentam como principais problemas ambientais causados pela *atividade ceramista*. Se por um lado, trazem prejuízos ao meio ambiente e a saúde dos moradores locais, por outro, são consequências da geração de riquezas. A questão é achar um ponto de equilíbrio, buscando formas de produzir com sustentabilidade, sem desperdícios de recursos naturais, e corrigindo, até onde for possível, os danos causados a natureza.

No espaço do Distrito de Flores, a *atividade ceramista* fez surgir o desafio de gerir as áreas que compreendem reservas de recursos, área de habitação e área industrial. A intensificação do crescimento populacional gerou a urbanização e ocupação de espaços ao mesmo tempo em que as extensas áreas ocupadas pelas indústrias de cerâmica e os terrenos degradados com a retirada de argila, reduziram os terrenos passíveis de serem habitados.

### 3.3 – UMA NECESSIDADE: CONSIDERAR O DESENVOLVIMENTO E SUAS NUANÇAS

O grande número de fábricas de cerâmica em funcionamento no Distrito de Flores gerou a ampliação dos postos de trabalho diretos e indiretos. Para além dos trabalhadores ocupados na fábrica, há uma logística envolvendo os caminhões que transportam a produção, caçambas que fazem o transporte do barro, máquinas que fazem a extração da matéria-prima, e ainda, oficinas de metalurgia que prestam serviços para as fábricas de cerâmica. Nesta rede de serviços estão inseridos motoristas, operadores de máquinas pesadas, torneiros, mecânicos e soldadores.

O crescimento no número de edificações trouxe oportunidades para aqueles que investiram nos depósitos de materiais de construção como cimentos e acessórios hidráulicos e elétricos. Inclusive os próprios *ceramistas* passaram a investir na produção e venda do tijolo tipo bloco. Ao contrário da telha, cuja maior parte da produção é vendida para outras cidades, o tijolo tem aproximadamente 70% da produção destinada a atender à demanda existente na localidade de Flores, segundo os próprios *ceramistas*.

O considerável número de empregos gerados aumentou a circulação de moeda e fortaleceu o comércio local. Além disso, o aumento da população, os gostos e necessidades variadas trouxeram a demanda por outros serviços, ampliando os tipos de negócios a serem explorados, nas áreas de laser, saúde, beleza, entre outros.

Todo esse contexto contribuiu para o surgimento de um senso comum que associa o desenvolvimento da localidade, exclusivamente, a *atividade ceramista*. Essa ideia é defendida com maior veemência por empresários e trabalhadores do setor, ou ainda, por terceiros que de uma forma ou de outra se beneficiam com essa atividade: os comerciantes, caminhoneiros, donos de oficina de metalurgia.

O discurso que difunde a *atividade ceramista* como fator de desenvolvimento ganhou espaço, também, no âmbito político, uma vez que os empresários do setor ceramista se organizaram, seja através da formação da ASTERRUSSAS ou passando a concorrer a cargos públicos, ocupando cadeiras na câmara de vereadores do município. Não por acaso a tentativa recente de emancipar o Distrito de Flores também foi encabeçada por uma

Associação<sup>140</sup> que tinha como principais membros diretores os donos de *cerâmicas* da localidade.

Por outro lado, os operários das fábricas de cerâmica, a maioria com pouca formação, tem nesse setor de trabalho a oportunidade de obterem o rendimento necessário para suprir as necessidades básicas de suas famílias. Logo, é compreensível que essa categoria veja a *atividade ceramista* como meio de progresso e desenvolvimento. Essa ideia parece ter influenciado os empreendedores do distrito de Flores, levando a maioria a investirem na construção de fábricas de cerâmica, mesmo já havendo uma demanda local por outros tipos de serviços. Dessa forma, estabelecimentos comerciais como farmácia, frigoríficos, pet shop, depósitos de bebidas, postos de combustíveis, entre outros, foram instalados no distrito de Flores por empreendedores vindos de outras localidades, que perceberam a oportunidade de lucros em outros setores.

É inegável que a atividade ceramista trouxe uma dinâmica ao Distrito de Flores, que serviu para acelerar o crescimento desta localidade em vários setores. No entanto, esse mesmo crescimento fez surgir problemas e, por conseguinte, o desafio e a responsabilidade de gerenciar essa nova realidade em suas dimensões espaciais e sociais. Esse gerenciamento que cabe, principalmente, ao poder público, seria uma boa estratégia para prevenir o surgimento e ampliação de situações que podem, num futuro próximo, se apresentarem como obstáculos ao crescimento urbano e a qualidade de vida dos moradores de Flores.

Para fundamentar a análise de questões ambientais, me utilizo de um esquema denominado de “três funções competidoras do meio ambiente” que considera como essenciais para os indivíduos o “espaço para viver, depósito de recursos e depósito de resíduos.”<sup>141</sup> Essas funções competem entre si e o desequilíbrio entre elas acarreta problemas ao meio e aos indivíduos. No Distrito de Flores, o desequilíbrio nessas funções se expressa na intensificação do crescimento populacional que gerou a ocupação desordenada de espaços, ao mesmo tempo em que as extensas áreas ocupadas pelas indústrias de cerâmica e os terrenos degradados com a retirada de argila, reduziram os terrenos passíveis de serem habitados. Diante do exposto, o esquema acima é adequado para auxiliar na análise de alguns problemas que surgem e se ampliam na localidade de Flores, exigindo acompanhamento ou intervenção na forma como isso vem correndo.

---

<sup>140</sup> Associação do Movimento Emancipalista de Flores – AME Flores.

<sup>141</sup> Esse esquema especifica o que seus criadores, *Catton e Dunlap*, consideram como sendo três funções que o meio ambiente representa para os seres humanos. Para saber mais, consultar; HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental**. Trad. Annahid Burnett. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

A ressalva que faço com relação ao esquema é a lacuna existente quando este deixa de especificar uma área industrial. Esse espaço é necessário em cidades que concentram grande número de indústrias, sendo que, no caso da localidade de Flores, o Plano Diretor de Russas especifica uma área destinada a distrito industrial, cuja função é concentrar as fábricas, com seus galpões, fornos, maquinário, campos de secagem de telha, de armazenagem de matéria-prima. Áreas não habitadas, que servem de local de trabalho para os indivíduos.

Com relação ao “espaço para viver”, no ano de 1941 a capela do Sagrado Coração de Jesus do Distrito de Flores foi concluída e passou a se constituir no ponto central, a partir do qual as ruas do distrito seriam ampliadas.<sup>142</sup> O plano era que as novas casas fossem agrupadas em quarteirões, cada um medindo 100m<sup>2</sup>, isso contribuiu para o crescimento urbano ordenado, com ruas e travessas largas e quarteirões padronizados.

Contudo, as construções que passaram a se multiplicar num ritmo mais acelerado desde a década de 1980, colocaram por terra o padrão de medidas de ocupação dos espaços habitados. Com a diminuição de terrenos disponíveis, os quintais de algumas casas passaram a abrigar novas residências, geralmente, pertencentes a filhos ou filhas que constituíam família. Em alguns casos as construções desordenadas passaram a constituir quarteirões com menos de cinquenta metros, com ruas estreitas dividindo o espaço entre eles. Por um lado, houve falta de fiscalização por parte do poder público, por outro, os migrantes que chegavam a Flores para trabalharem nas *cerâmicas* tinham a necessidade premente de um espaço de morada.

Os terrenos menos valorizados, de modo geral, mais afastados do centro do distrito, em áreas onde antes havia vastos carnaubais ou próximos ao rio também passaram a ser ocupados. Nem mesmo terrenos as margens do rio ficaram livres das ocupações irregulares, comprovando que as necessidades dos indivíduos não estão sintonizadas com o planejamento feito pelo Poder público, expresso na lei de parcelamento de solo do município de Russas.

A área destinada a abrigar o distrito industrial se localiza a leste do centro de Flores e concentra pelo menos sete fábricas de cerâmica, além de extensas faixas já degradadas devido a retirada de argila. O local passou a se constituir, área de “depósito de recursos” e “área industrial,” abrigando, ao mesmo tempo, grande número de fábricas e jazidas de argila.

---

<sup>142</sup> Sobre a construção da capela da localidade de Flores e o início do plano para o crescimento das ruas, ver: MENDES, Francisco de Assis. Percorrendo os caminhos da devoção: A procissão de Nossa Senhora de Fátima entre Flores e o Tomé. In\_\_CHAVES, José Olivenor Sousa. (org.) **Vale do Jaguaribe: Autos do passado.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

Estes terrenos já explorados se tornaram inapropriados para receberem construções, como narrou o Sr. Elias:

Se vê muito buraco, muito barreiro no meio da várzea pra gastar em cerâmica. Já tem muito mesmo. Aqui eu tô vendo aquele cemitério ali. Você passa ali só o que você vê é barreiro, é barreiro. Quem comprar um chão daquele e resolver construir vai ter que fazer primeiro um aterramento medonho pra poder construir. Lugar com quase um metro de fundura. As vezes com mais de um metro.<sup>143</sup>

Operário de fábrica de cerâmica, o Sr. Elias reconhece os problemas que representam as áreas de onde o barro foi retirado e onde nada foi feito para recuperá-las. Rebaixados pelas máquinas, os barreiros ficam cheios de água nos períodos chuvosos e, como bem expôs o Sr. Elias, no caso de receber alguma edificação seria necessário aterrjá-los. Outro obstáculo é o fato dessas áreas estarem localizadas próximas as fábricas, nesse caso, os moradores estariam mais expostos ao contato com a poluição ali gerada. Desse modo, essa área passou a se constituir numa barreira, impedindo a área habitável de ser ampliada na direção leste do centro do distrito.



**Figura 15:** Em primeiro plano; área explorada. Ao fundo, fábricas de cerâmica. **Fonte:** Francisco Mendes. Arquivo pessoal, 2011.

---

<sup>143</sup> Elias Mendes de Sousa, 60 anos. Entrevista gravada na localidade de Flores, em 27/12/2010.

Portanto, esse é um exemplo claro de desequilíbrio entre as funções competidoras, quando se percebe uma área invadindo ou barrando o crescimento da outra.

Essas áreas degradadas e onde se localiza o distrito industrial, passaram a representar um obstáculo, barrando o crescimento de habitações no sentido leste e acentuou a urbanização no sentido norte, na direção da comunidade de Miguel Pereira, e para o leste, com o crescimento no número de construções na comunidade de Ramal de Flores, na margem esquerda do rio Jaguaribe, fato que gerou mais problemas. Em muitos casos as casas foram construídas, formando ruas compridas, uma vez que os espaços destinados às travessas foram ignorados. Os terrenos na área do Ramal de Flores são irregulares e as águas das chuvas correm para as áreas mais baixas ou para alcançar o leito do rio. Com o desmatamento ocorrido, o solo ficou exposto e a erosão já se apresenta em diversos lugares.

As áreas que compreendem “depósitos de recursos”, constituídas de solo de aluvião formado nas margens dos riachos, na região de várzea, já são objeto de preocupação pelo fato de estarem se tornando escassas. Também estão se esgotando as matas que tanto forneceram lenha para a queima dos fornos, situação que está sendo atenuada com a utilização da lenha de cajueiro, resultante das podas feitas nas plantações dessas árvores localizadas, principalmente na localidade de Pacajús.

Mesmo diante dessa preocupação com a escassez de recursos – lenha e argila – o Sr. Obedes afirma que a *atividade ceramista* não vai acabar porque dificilmente um produto vai surgir para substituir a telha. Com relação a matéria-prima, o mesmo reconhece que esta pode se extinguir:

Matéria-prima num vai ter não. Agora vai ter que aparecer. Eu mesmo, se eu num tivesse tão cansado, eu tenho certeza que dá pra, com o lixo que tem na cidade (...) O lixo pra queimar o tijolo. Nas madrugadas perdidas que eu tenho aí. Que eu tô dormindo coisa muito pouca. Aí acordo e fico pensando. Uma noite dessas que eu tava de madrugada imaginando: como é fácil de pegar esse lixo que fazem acolá e fazer uma peneira pra tirar a terra desse material. Fazer um moinho pra moer e jogar dentro do forno. Aí matava dois coelhos com uma paulada só. Eliminava o lixo da cidade.<sup>144</sup>

Exercitando a mesma criatividade que usou durante a montagem da primeira fábrica de cerâmica em Flores, o Sr. Obedes planeja uma forma de obter um combustível

---

<sup>144</sup> José Obedes Mendes. Entrevista realizada na localidade de Flores, no dia 20/06/2010.

alternativo para substituir a lenha, cujas reservas estão se tornando escassas. Sua ideia de obter energia térmica a partir da queima do lixo não é adequada do ponto de vista ambiental, devido a geração de fumaça que pode ser tóxica, dependendo do material que é incinerado. No entanto, a queima de materiais no lixão de Flores é uma constante, nessa situação, como observou o Sr. Obedes, seria adequado o aproveitamento do calor gerado durante essa queima.

Fica evidenciado que na perspectiva ambiental, o desenvolvimento trazido pela *atividade ceramista*, não cumpre com o requisito da sustentabilidade tão urgente nos dias atuais. Há, portanto, uma aproximação do processo que vem ocorrendo no distrito de Flores, com o ponto de vista de estudiosos como Cruz Lima que expõe:

As atividades produtivas, algumas impostas pelas forças hegemônicas, recobrem nosso ambiente com os odores e as cores de um ambiente que nem sempre nos é benéfico, resultando-nos uma atmosfera, agora suja, doentia, entre o chão conhecido e o céu adorado; nos ambientes fechados, o ar é recriado.<sup>145</sup>

Um estudo publicado na revista do PROCOMPI expõe como os equipamentos utilizados nas fábricas de cerâmica podem ser aprimorados, além de fornecer indicações sobre a correta operação e manutenção desses equipamentos.<sup>146</sup> São orientações sobre adequação do *layout* da fábrica, substituição ou incorporação do uso de equipamentos ou peças, e até formas de reduzir o consumo de energia elétrica. Essas medidas buscam atingir o equilíbrio entre potência e produção, aumentando e melhorando a qualidade das peças, ao mesmo tempo em que são diminuídos os gastos.

De forma pontual, alguns empresários do setor ceramista investiram em automação industrial, mas esta tem se resumido a implantação de sistemas de monitoramento da temperatura nos fornos. Na prática o processo produtivo das fábricas de cerâmica não conseguiu, ainda, incorporar meios eficazes de atenuar a amplitude dos prejuízos advindos com a exploração dos recursos naturais ou com a geração de resíduos, sejam sólidos ou gasosos.

---

<sup>145</sup> CRUZ LIMA, Luiz. Os ditames da modernidade: os cibernantropos de chapéu de couro. In\_\_AMORA, Zenilde (org.) **O Ceará: enfoques geográficos**. Fortaleza. FUNECE. 1999., P, 77.

<sup>146</sup> MAIA, Roberto Nunes. Melhorias mecânicas. **Fonte:** Revista do Programa de Apoio a Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias – PROCOMPI. Arranjo Produtivo Local. **Cerâmicas de Russas**. Impresso na gráfica do Banco do Nordeste. 2005.



A dimensão negativa do desenvolvimento se apresenta e revela a responsabilidade que a geração atual tem de interferir no curso dessa dinâmica.

Os registros que faço nesse trabalho sobre questões presentes na localidade de Flores, relacionados à *atividade ceramista*, servem, sobretudo, como fonte de informação para aqueles que, no futuro, venham a se interessar pelo estudo desses problemas. Contudo, é inegável que a atenção que dou a essas questões, os sujeitos que elegi, os caminhos que segui durante o percurso foram motivados por experiências vivenciadas no passado, no período que enfoco na pesquisa, no próprio contexto ao qual faço referência<sup>147</sup>, ou seja, nas olarias ou nas fábricas de cerâmica onde trabalhei.

Do mesmo modo, a atenção dispensada às questões ambientais é motivada pela minha participação ativa na associação local que busca resolver ou atenuar as agressões ao meio ambiente, tendo como um dos objetivos sensibilizar os moradores de Flores com relação a necessidade de buscarem soluções para tais questões. Esse esforço na tentativa de levar os moradores de Flores a assumirem novas posturas no relacionamento com o meio onde vivem é um resultado da noção de que a atuação dos indivíduos *in loco* gera resultados que podem ecoar a nível de planeta.

Ao colocar em foco determinados aspectos presentes na realidade, os estudiosos contribuem, ou pelo menos se esforçam para colocar em evidência e fazer discutir as questões levantadas em suas produções. Nas entrelinhas desse texto esta minha tentativa, definida pelos sociólogos como “construção social de questões”.<sup>148</sup> Em síntese, quando enfoco as agressões a natureza causadas pela *atividade ceramista*, para além da análise e registro histórico, há um esforço patente de apresentar uma questão, torná-la plausível através de argumentos, enfim, refletir sobre um problema ambiental que está presente na realidade, contudo, não está sendo discutido, pois, silenciado pelos empresários, políticos e trabalhadores do setor ceramista que desconsideram os aspectos negativos da *atividade ceramista*, destacando-a, exclusivamente, como alavanca do desenvolvimento e progresso local.

---

<sup>147</sup> Em pesquisa realizada por Marinina Benevides sobre as transformações institucionais no Banco do Brasil, a autora chama atenção para o fato de, ela própria fazer parte do grupo empírico estudado, no caso, funcionários do banco. O fato dos sujeitos pesquisados, por vezes, se confundirem com o próprio pesquisador deve ser considerado, podendo interferir nos rumos da produção. Ver: BENEVIDES, Marinina Gruska. **“Liberdade é Escravidão”**: uma visão orwelliana das histórias e das memórias do processo de transformação institucional do Banco do Brasil (1984-2000). Fortaleza: Editora Gráfica LCR, 2002.

<sup>148</sup> Mesmo apontando similaridades entre problemas sociais e problemas ambientais, por serem ambos construídos pela intervenção de atores sociais, o autor observa, na construção dos problemas ambientais o peso de descobertas científicas que servem como argumento. Ver. HANNIGAN, John. op. cit. p, 99.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atividades tradicionalmente desenvolvidas em cidades da região do Baixo Jaguaribe se modernizaram ao longo das últimas décadas. Seja a pesca no Aracati, a confecção de redes de dormir em Jaguaruana, a produção de frutas em Limoeiro do Norte ou Quixeré, a fabricação de telhas e tijolos em Russas ou no Distrito de Flores, todos são campos de experiências que refletem transformações e, ao mesmo tempo, guardam algumas permanências e especificidades.

No caso da *atividade ceramista* desenvolvida no Distrito de Flores, a década de 1980 representou o período no qual ocorreram as transformações mais profundas neste setor produtivo. O processo de mecanização, as transformações nas relações de trabalho, a incorporação de novos costumes, as agressões que passaram a atingir o meio ambiente, expressam, ao mesmo tempo, a causa e/ou reflexo dessas mudanças.

Os trabalhadores do barro, ou seja, o artesão, o oleiro e o operário, tinham uma raiz camponesa comum. De maneira mais incisiva, o rompimento com esse universo cultural camponês ocorreu quando estes trabalhadores de Flores se inseriram na dinâmica trazida pela fábrica, na qual passaram a vivenciar outra noção de tempo - o tempo da produção, tempo útil -, orientado pelo relógio, levando à gradual substituição do costume de trabalhar cadenciando as atividades de acordo com os ritmos da natureza. O enfraquecimento das relações baseadas na reciprocidade e a inserção dos indivíduos numa teia de relações que envolvia patrão, gerente e *peão*, é outro exemplo de rompimento com antigos costumes.

O peso dos anos tirou dos mais velhos a possibilidade de continuarem exercendo a atividade agrícola, enquanto os mais novos, buscando trabalho remunerado foram se inserindo em outras atividades. A figura do agricultor foi paulatinamente desaparecendo entre os moradores de Flores, se tornando mais comum a figura do operário ou *peão de cerâmica*, e ainda, outras categorias que surgiram com a ampliação do comércio e serviços.

Vale ressaltar que na fabricação de cerâmica, as permanências se expressam tanto nas olarias que continuam em funcionamento, quanto nas fábricas, pois, nas duas formas de produção é utilizado um saber e técnicas que foram repassados através das gerações. A existência das olarias nos dias de hoje se deve a dois motivos principais: oleiros que se negaram a largar seu ofício e abrir mão da autonomia que possuíam para ingressarem nas

fábricas. E ainda, a alta demanda pelos tijolos feitos pelos oleiros, utilizados nas construções e manutenção de fornos e chaminés das fábricas de cerâmica.

Durante o processo de mecanização da *atividade ceramista*, a falta de recursos disponíveis levou os empreendedores a criarem alternativas que lhes permitissem vencer obstáculos. Ao mesmo tempo se apropriariam dos recursos que a natureza oferecia abundantemente naquele período e do saber acumulado, necessário para realizar a transformação do barro em peças de cerâmica. Esses aspectos esclarecem que recursos materiais e elementos da cultura local forneceram as bases sobre as quais se desenvolveu a *atividade ceramista* em Flores.

Diretamente estimulada por essa atividade o crescimento populacional trouxe implicações, econômicas e sociais e deu outra configuração a espacialidade do Distrito de Flores. No campo social o universo das necessidades, experiências e anseios tornou mais complexa à vida coletiva, desconstruindo o sentimento de comunidade e ampliando a fragmentação movida pela diversidade e interesses individuais. Ao mesmo tempo, o espaço geográfico de Flores foi alterado pelo crescimento urbano, em alguns casos de forma desordenada e refletindo as divisões e desigualdades presentes no campo social.

A análise aqui apresentada deixa patente o grau de importância da *atividade ceramista* quando consideradas as dimensões econômicas e sociais que levam em conta, sobretudo, a ampliação das riquezas materiais da sociedade.

De forma mais específica, as riquezas geradas pela transformação do barro em dinheiro se acumularam nas mãos dos donos das fábricas de cerâmica, cabendo aos trabalhadores o ganho necessário para garantir sua subsistência. Por outro lado, de modo geral, o distrito de Flores teve na *atividade ceramista* a base de seu desenvolvimento quando esta foi a principal fonte de geração de emprego e renda, crescimento populacional e do comércio.

Esse contexto levou a localidade de Flores a conquistar uma relativa autonomia com relação à administração pública do Município de Russas. Situação que ficou bem evidenciada quando se constituiu, em nível local, movimentos em busca da emancipação política do distrito encabeçados, principalmente, por empresários do setor cerâmico.

Contudo, quando são levados em conta os prejuízos que ao longo de mais de três décadas o meio ambiente local tem acumulado, seja através da poluição do ar que causa transtornos e problemas de saúde a população, da destruição de extensas áreas com a retirada do barro, ou desmatamento das matas para servirem de lenha, fica evidente a face negativa do desenvolvimento trazido pela *atividade ceramista*.

Foi esse contexto de acentuada degradação que levou moradores locais a se sensibilizarem, formando o Comitê de Defesa do Meio ambiente de Flores – CODEMAF, grupo formado no ano de 2009 que busca desenvolver ações de educação ambiental e implementação de medidas práticas para resolver problemas existentes. Esse fato demonstra o surgimento de novos atores sociais, inclinados a questionarem o modelo de desenvolvimento representado pela *atividade ceramista*, influenciando nos rumos que essa forma de trabalho e produção guarda para o futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA, Cláudio H. M. **Identidade da classe operária no Brasil (1880 – 1920):** atipicidade ou legitimidade? Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH – Marco Zero, vol. 12, nº 23.

BENEVIDES, Marinina Gruska. **“Liberdade é Escravidão”:** uma visão orwelliana das histórias e das memórias do processo de transformação institucional do Banco do Brasil (1984-2000). Fortaleza: Editora Gráfica LCR, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore.** Coleção primeiros passos. Editora brasiliense. 1ª edição, 1982.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHAVES, José Olivenor Souza. Sertões do Trabalho nos retratos da memória de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe. **Vale do Jaguaribe:** histórias e culturas / José Olivenor Souza Chaves (org.) – Fortaleza: LUXPRINT OFF SET, 2008.

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-Mundo.** Petrópolis. Editora vozes, 1996.

CICINATO, Ferreira Neto. **Estudos de história Jaguaribana:** documentos, notas e ensaios diversos para história do baixo e médio Jaguaribe. Fortaleza: Premium, 2003.

CRUZ LIMA, Luiz. Os ditames da modernidade: os cibernantropos de chapéu de couro. In: AMORA, Zenilde (org.) **O Ceará:** enfoques geográficos. Fortaleza. FUNECE. 1999.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas:** cotidiano operário em São Paulo (1920 / 1934) – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DOSSE, François. **A História.** Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. – São Paulo: EDUSC, 2003.

DREW, David. **Processos interativos homem-meio ambiente** – São Paulo: DIFEL, 1986.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993., v. 2.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.) **Memória e patrimônio:** ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

FRANCO, Gustavo H. B. **A década perdida e a das reformas.** Disponível em: [www.econ.puc-rio.br/gfranco/a48.htm](http://www.econ.puc-rio.br/gfranco/a48.htm). Acesso em 26 nov. 2011.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral:** possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GOMES, Gustavo Maia. VERGOLINO, José Raimundo. **A Macroeconomia do Desenvolvimento Nordeste: 1960/1994**. Rio de Janeiro: IPEA, 1995. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em abr. 2011.

HAGUETTE, André (coord.). **O pequeno produtor rural e a estrutura de poder; um estudo bibliográfico do produtor rural de “baixa renda”**. Fortaleza, CETREDE, 1983.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990.

HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental**. Trad. Annahid Burnett. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HERÉDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos agricultores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOBBSBAWM, Eric J. **Os trabalhadores: Estudos sobre a História do operariado**. São Paulo. Paz e Terra, 2000.

---

**Sobre História:** São Paulo: Cia das letras, 1998.

HUBERMAN, Leo. **A história da riqueza do homem**. Trad. Waltensir Dutra. 21ª edição. Rio de Janeiro LTC editora. 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 2009.

LIMA, Adriana Ribeiro. **Trabalhadores da carnaúba: paisagem cultural e modos de vida dos camponeses em Russas-Ce na primeira metade do século XX**. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ce. 2007.

LIMA, Humberlúcia da Silva. **O trabalho nas cerâmicas de Russas**. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História. Limoeiro do Norte. FAFIDAM – UECE. 2003.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Na ribeira do rio das onças**. Fortaleza: Assis Almeida, 1997.

LOPES, José Sergio Leite. **O vapor do diabo**. O trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª Ed., 1978.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala** – São Paulo: Hucitec, 2000.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENDES, Francisca Raimunda Nogueira. **A Louça de barro do córrego de Areia: Tradição, Saberes e Itinerários**. Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, CE. 2009.

MENDES, Francisco Eliezito de L. **Organização do Espaço, Indústria e Meio Ambiente no Distrito de Flores, Russas, CE.** Monografia apresentada no curso de Especialização em Educação, Ciências e Ética na humanização do Meio Ambiente. FAFIDAM – UECE. 2001.

MENDES, Francisco de Assis. Percorrendo os caminhos da devoção: A procissão de Nossa Senhora de Fátima entre Flores e o Tomé. In: CHAVES, José Olivenor Souza. (org.) **Vale do Jaguaribe: Autos do passado.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Introdução In: **História Oral e memória: a cultura popular revisitada.** São Paulo: Contexto, 1992.

MOREIRA, Carlos Augusto Amaral. **O paternalismo nas organizações brasileiras: reflexões à luz da análise cultural de empresas do Pólo Têxtil de Americana** - Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gérson Augusto de. **O Encanto das Águas: a relação dos Tremembé com a natureza.** Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Uma categoria rural esquecida. In: **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas**, v.1/org. Clifford Andrew Welch...[et al.].-São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

SACHS, Ignacy. **Estratégia de transição para o século XXI.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão prática.** Editora: Jorge Zahar Editor, 1ª edição. 2003.

SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e Reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte Ceará.** Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pe, 1999.

SOMBRA, Audiana da Silva F. **A exploração do Trabalho infantil em Russas nas cerâmicas nas comunidades de Ingá e Poço Redondo.** Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História. Limoeiro do Norte. FAFIDAM - UECE. 2003.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500 – 1800.** – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Org. Antônio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Edunicamp, 2001.

WORSTER, D.. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 4, dez. 1991.

Disponível: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2324/1463>. Acesso em: 07 abr. 2012.

## FONTES ESCRITAS

**VIII Recenseamento geral – 1970.** Série regional – vol I – Tomo VII. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

**IX Recenseamento Geral do Brasil – 1980, Ceará. (Dados distritais).** Vol. 1, tomo 5, Nº 9. Secretaria de planejamento da Presidência da República. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

**Censo demográfico – 1991.** Resultado do universo relativos de características da população e dos domicílios. Nº 11. Ceará. Secretaria de planejamento, orçamento e coordenação. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

**Censo demográfico, 2000.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE.

**Relatório:** Coordenadoria do Meio ambiente do município de Russas, março de 2010.

**Plano Diretor Participativo:** Relatório da leitura técnica da realidade do município. Prefeitura do município de Russas, 2008.

**Revista:** Programa de Apoio a Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias – PROCOMPI. **Arranjo Produtivo Local:** Cerâmicas de Russas. Impresso na gráfica do Banco do Nordeste. 2005.

## FONTES ORAIS

**Luis Moreira Filho.** Entrevista realizada na localidade de Miguel Pereira, distrito de Flores, no dia 20/07/2010.

**Francisco Sabino Filho.** Entrevista realizada na localidade de Flores, no dia 10/10/2010.

**José Obedes Mendes.** Entrevista realizada na localidade de Flores, no dia 20/06/2010.



**Raimundo Alves de Sousa.** 71 anos. Entrevista realizada para essa pesquisa, na localidade de Flores, no dia 03/02/2006.

**Raimundo Felício Mendes.** Entrevista realizada na localidade de Flores, em 03/08/2010.

**Ricardo Ribeiro Maia.** 69 anos. Entrevista concedida para essa pesquisa na localidade de Flores, Russas, em 03/11/2006.

**Elias Mendes de Sousa.** Entrevista realizada na localidade de Flores em 27/12/2010.

**Glicério Martins Pinheiro.** Entrevista realizada na localidade de Flores em 25/08/2011.

**Eliezer Aníbal Ribeiro.** Entrevista realizada na localidade de Miguel Pereira, distrito de Flores, em 16/11/2011

## ANEXOS

### ANEXO A: QUESTIONÁRIO 1

LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES SOBRE OS TRABALHADORES DA OLARIAS (OLEIROS)

#### 1- TRABALHO NA OLARIA

1.1-RESPONSÁVEL PELO GRUPO DE TRABALHO \_\_\_\_\_

1.1-A QUANTO TEMPO FUNCIONA ESTA OLARIA \_\_\_\_\_

1.2-QUANTOS TRABALHADORES FORMAM O GRUPO DE TRABALHO \_\_\_\_\_

1.3-FORMA DE REMUNERAÇÃO DOS TRABALHADORES ( )DINHEIRO ( )DIVIDEM O QUE É PRODUZIDO

1.4-QUEM COMPRA A PRODUÇÃO ( )DONOS DE CERÂMICAS ( ) CONSTRUÇÃO CIVIL

1.4-COMO O CERAMISTA LHE PAGA PELA SUA PRODUÇÃO

( ) EM SERVIÇO PRESTADO COM MÁQUINAS ( )EM DINHEIRO ( )DUAS FORMAS

1.5-QUAL A MÉDIA DE PRODUÇÃO DIÁRIA\_\_\_\_\_milheiros

1.6-A QUEM PERTENCE O TERRENO DA OLARIA ( )PRÓPRIO ( )TERCEIROS

1.7-SE PERTENCE A TERCEIROS especifique\_\_\_\_\_

PESQUISADOR(A)\_\_\_\_\_DATA: / /

**ANEXO B: QUESTIONÁRIO 2****LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES SOBRE SETOR CERAMISTA - FLORES****1 – EMPRESA**

1.1 - NOME DA EMPRESA:\_\_\_\_\_

1.1 - ANO EM QUE FOI CONSTRUÍDA:\_\_\_\_\_

1.2 – POSSUI ESTABELECIMENTO COMERCIAL DE FORNECIMENTO AOS  
FUNCIONÁRIOS? ( )SIM ( )NÃO1.3 – JÁ POSSUIU ESTABELECIMENTO COMERCIAL DE FORNECIMENTO AOS  
FUNCIONÁRIOS? ( )SIM ( )NÃO1.4 – POSSUI CASAS PARA ABRIGAR FUNCIONÁRIOS VINDOS DE OUTRAS  
CIDADES( )SIM ( )NÃO**2 – PRODUÇÃO**

2.1 – MÉDIA DE PRODUÇÃO DIÁRIA (TELHA)\_\_\_\_\_milheiros

2.2 – MÉDIA DE PRODUÇÃO DIÁRIA (TIJOLO)\_\_\_\_\_milheiros

2.3 – PRINCIPAIS DESTINOS DE VENDA DA PRODUÇÃO (cite pelo menos  
dois)\_\_\_\_\_**3– FUNCIONÁRIOS**

3.1– NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS:\_\_\_\_\_

3.2 – TOTAL DE HOMENS:\_\_\_\_\_

3.3– TOTAL DE MULHERES:\_\_\_\_\_

3.4 – NÚMERO DE OPERÁRIOS NÃO NASCIDOS EM FLORES:\_\_\_\_\_

**4-PROPRIETÁRIO**

4.1-NATURALIDADE:\_\_\_\_\_

4.2-ATIVIDADE QUE EXERCIA ANTES DE SE TORNAR  
CERAMISTA\_\_\_\_\_

PESQUISADOR(A)\_\_\_\_\_DATA: / /

**ANEXO C: QUESTIONÁRIO 3****ESTUDO DE CASOS DE FUNCIONÁRIOS DAS FÁBRICAS DE CERÂMICA NÃO NASCIDOS EM FLORES****1- FUNCIONÁRIO**

1.1-NOME:\_\_\_\_\_

1.2-IDADE:\_\_\_\_\_

1.3-ONDE MORAVA ANTES DE MUDAR PARA FLORES\_\_\_\_\_

1.4-ESTADO CIVIL ( )CASADO(A) ( )SOLTEIRO(A) ( )OUTROS

1.5-GRAU DE ESCOLARIDADE\_\_\_\_\_

1.6-RESIDÊNCIA ( )PRÓPRIA ( )ALUGADA ( )CEDIDA PELA EMPRESA

**2- HISTÓRICO**

2.1-ANO QUE SE MUDOU PARA FLORES\_\_\_\_\_

2.2-VEIO PARA FLORES COM FAMÍLIA ( )SIM ( )NÃO

2.3-SE SIM, QUANTOS FAMILIARES?\_\_\_\_\_

2.4-QUE OCUPAÇÃO POSSUIA ANTES DE VIR PARA FLORES\_\_\_\_\_

2.5-ANO EM QUE COMEÇOU A TRABALHAR COMO OPERÁRIO DE CERÂMICA\_\_\_\_\_

DATA DE APLICAÇÃO:\_\_\_\_/\_\_\_\_/2010

PESQUISADOR(A):\_\_\_\_\_

**ANEXO D: MAPA DAS RUAS DE FLORES, ATIVIDADES ECONÔMICAS E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS.**

